



EPCO UniFACEF

Encontro de
Psicodrama
e Comunidade
UniFACEF 2025

18 a 20 de setembro

**Travessias grupais
nas políticas públicas,
organizações e
na área clínica.**



Psicologia
UniFACEF

Uni-FACEF

Centro Universitário Municipal de Franca – Uni-FACEF

**ENCONTRO DE PSICODRAMA E COMUNIDADE:
travessias grupais nas políticas públicas, clínica e organizações**

CADERNO DE RESUMOS

**FRANCA
2025**

Comissão Organizadora

Alba Valéria Penteado Orsolini
Ana Beatriz Dias Rinaldi
Daniela de Figueiredo Ribeiro
Fernanda dos Santos Cesarino
Gabriela Maia de Almeida
Gabiella Araújo Oliveira
Geovana Silva Marques
Isabella dos Santos Machado
Leonardo Carloni Rodrigues Meira
Lucas Antônio Santos
Maria de Fátima Aveiro Colares
Maria Eduarda Silva Valentim
Maria Fernanda dos Reis Queiroz
Mariana Rocha Siqueira
Marissa Vanini Garcia Neves Marques
Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira
Stephany Matias de Oliveira Crisostono
Ticiano Jardim Pimenta
Welton Roberto Silva

Comissão Científica

Daniela de Figueiredo Ribeiro – Centro Universitário Municipal de Franca
Ticiano Jardim Pimenta – Universidade de Franca
Natasha Pereira Barbosa – Faculdade Anhanguera de Franca
Angélica Teixeira Gomes – Centro Universitário Unifafibe
Elaine Cristina Vllioni de Souza Guiral – Casa do Encontro
Ana Gabriela Rosa de Andrade Asevedo – Anhanguera de Franca e Casa do Encontro
Adriana Piterbarg – Escola de Arte e Psicodrama de Buenos Aires

© 2025 dos autores

Direitos de publicação

Centro Universitário Municipal de Franca – Uni-FACEF

E46 Encontro de Psicodrama e Comunidade (1: 2025: Franca, SP)

Encontro de Psicodrama e Comunidade, 1; 18 - 20 set. /
Centro Universitário Municipal de Franca. – Franca: Centro
Universitário Municipal de Franca, 2025.
89p.

Resumos do Encontro de Psicodrama e Comunidade.

1.Pesquisa Científica. 2.Psicodrama. 3.Sociodrama.
4.Psicologia. 5.Comunidade. I.T.

CDD 150.195

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (lei no. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do código Penal. Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade exclusiva de seus autores.

APRESENTAÇÃO

É com imensa alegria e entusiasmo que apresento o Caderno de Resumos do Encontro de Psicodrama e Comunidade – EPCO 2025, promovido pelo Centro Universitário Municipal de Franca – UNIFACEF e Casa do Encontro – Espaço de Formação em Psicodrama. Este evento marca um momento ímpar de troca, reflexão e construção coletiva entre psicodramatistas, estudantes e profissionais comprometidos com o fortalecimento do vínculo entre o Psicodrama e a comunidade brasileira.

Nesta edição, recebemos 77 trabalhos inscritos, oriundos de diversas regiões do Brasil, refletindo a diversidade, a riqueza e a profundidade das práticas psicodramáticas contemporâneas. As contribuições foram organizadas nas modalidades de mesa-redonda, vivências, aulas vivenciadas e rodas de conversa, e apresentam elevado rigor técnico e científico, sensibilidade social e potência transformadora.

As produções dialogam com múltiplas áreas de atuação, como:

- Educação, com experiências que envolvem docentes, funcionários e estudantes, destacando o Sociodrama como instrumento de escuta e mapeamento das relações no contexto escolar;
- Saúde mental e clínica, com vivências voltadas ao autoconhecimento, autocuidado e intervenções grupais com finalidade socio e psicoterapêutica;
- Políticas públicas, trazendo práticas grupais alinhadas aos princípios do SUS e do SUAS, voltadas à assistência social, atenção primária à saúde, saúde mental e fortalecimento de redes de cuidado;
- Organizações, com propostas inovadoras em formação de lideranças, fortalecimento de equipes, modelos de gestão psicodramática e abordagens integradas entre gestão financeira e gestão de pessoas, incluindo reflexões sobre carreiras em Z;
- Diversidade, promovendo o reconhecimento e a valorização das múltiplas identidades e modos de existir que compõem o tecido social contemporâneo.

Cada trabalho aqui registrado representa não apenas uma proposta técnica, mas também um gesto ético e poético de quem acredita que o Psicodrama pode e deve contribuir com a transformação das relações, das instituições e da própria sociedade. Os autores e autoras que compõem este caderno demonstram o compromisso com uma atuação viva, conectada com as necessidades dos territórios, grupos e pessoas.

Mais do que um compilado de resumos, este caderno é um testemunho da vitalidade do Psicodrama brasileiro e de seu compromisso com a construção de um mundo mais justo, criativo e solidário. Desejo que esta leitura inspire reflexões, encontros e novos projetos, alimentando a chama do trabalho coletivo e da criação compartilhada.

Sejam tod@s bem-vind@s ao EPCO 2025. Que seja um encontro potente, transformador e sensível.

Profa. Dra. Daniela de Figueiredo Ribeiro

Docente do Curso de Psicologia e do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional do Centro Universitário Municipal de Franca – UNIFACEF

Diretora da Casa do Encontro – Espaço de Formação em Psicodrama filiado à Federação Brasileira de Psicodrama

SUMÁRIO

A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS GRUPAIS PARA COMPREENSÃO E INTERVENÇÃO NO COTIDIANO DA ESCOLA	8
AS INTERVENÇÕES GRUPAIS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS: reflexões sobre a formação de profissionais.....	9
A METODOLOGIA DE INTERVISÃO NA CLÍNICA DE ADOLESCENTES: potência criadora de encontros morenianos	10
A NOÇÃO DE SAÚDE PARA J. L. MORENO: diálogos entre Psicodrama e Taoísmo	11
A POTÊNCIA DO GRUPO SOCIODRAMÁTICO PARA A SOCIALIZAÇÃO DE UMA CRIANÇA COM TEA	12
A REALIDADE SUPLEMENTAR NA PRÁTICA CLÍNICA: resgatando o ser brincante que vive em nós!.....	13
ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO PARA TRABALHADORAS TERCEIRIZADAS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA	14
ALMA-CORPO CAMALEÃO: uma investigação do “masking” ou “camuflagem” em pessoas neurodivergentes e neurotípicas	15
AQUI EM CASA POUSOU UMA ESPERANÇA: ensaios sobre a ternura	16
CONCEITO DE CARREIRA EM Z COM BASE NA SOCIONOMIA	17
CORPOS EM TRAVESSIA: gênero, grupos e conflitos criativos.....	18
CUIDANDO DE SI: sociodrama com funcionárias de uma creche-escola	19
DA MINHA HISTÓRIA SOU PROTAGONISTA: o sociodrama como ferramenta para o empoderamento feminino (um Relato de Prática).....	20
DA TERRA AO FOGO: um relato de experiência na preparação do estágio de psicologia escolar	21
DA VIDA PARA O PALCO E DO PALCO PARA A VIDA: teoria e prática do teatro espontâneo.....	22
2045 – COMO ESTAREMOS EU E O MUNDO DAQUI A 20 ANOS: uma proposta de intervenção sociodramática sobre o futuro e o envelhecimento	23
DIÁLOGOS ENTRE MORENO E BELL HOOKS: um jornal vivo sobre o amor.....	24
DO PALCO À PALAVRA: a escrita psicodramática como resistência epistemológica decolonial	25

DO PESO À POTÊNCIA ORGANIZACIONAL: humanizando os papéis na era do esgotamento.....	26
DRAMATIZANDO O DESENVOLVIMENTO: a intervenção psicossocial por meio do esporte na juventude.....	27
É POSSÍVEL NÃO ADOECER NO TRABALHO? RELATO DE PRÁTICA DE UMA EXPERIÊNCIA DE SAÚDE PREVENTIVA PARA PROFESSORES DA REDE PÚBLICA.....	28
ENTRE A REVOLUÇÃO CRIADORA E A REVOLUÇÃO SOCIALISTA.....	29
ENTRE BRINCADEIRAS E PAPÉIS: o sociodrama como caminho na psicologia escolar.....	30
ENTRE CENAS E VOZES: um olhar sociodramático sobre a docência pública.....	31
ENTRE RESISTÊNCIAS E AFETOS: relato de experiência de intervenções grupais no contexto escolar.....	32
ESTÃO TODOS DORMINDO: a técnica da planta da casa como recurso de escuta no psicodrama infantil.....	33
EU VOU CANTAR, NEM QUE SEJA PRA CANTAR DE DOR.....	34
Grupo Socioeducativo no Contexto da Liberdade Assistida.....	35
HERÓIS E VILÕES NA LIDERANÇA DE GRUPOS.....	36
HOMENS EM REFLEXÃO: o uso do psicodrama em grupos com autores de violência.....	37
INSPIRA, PIRA, CRIA E EXPIRA: cultivando nosso fluxo criativo através da arte....	38
IRMÃOS ESCOLHIDOS: reflexões a respeito da potência curativa dos vínculos fraternos.....	39
JOGOS PARA BRINCAR E EXERCITAR A ESPONTANEIDADE E A CRIATIVIDADE NA VIDA.....	40
MAPEAMENTO DO COTIDIANO ESCOLAR: o sociodrama como método promotor de saúde.....	40
MERGULHO NA ESSÊNCIA E VOO NA LIBERDADE: uma vivência sociodramática.....	41
NARRATIVAS NEGRAS EM GRUPO: entre rupturas, cuidado e potência.....	42
NO TEMPO DO AGORA: um encontro com a finitude.....	43
O DESTAQUE PARA A IMPORTÂNCIA DA PSICOTERAPIA DE GRUPO E AS ETAPAS DA MONTAGEM DE UM GRUPO DE PSICOTERAPIA PSICODRAMÁTICA GRUPAL COM UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	44
O ECO DOS MEUS PAPÉIS: de encontro com as marcas do meu ser.....	45

O GRUPO COMO FERRAMENTA POTENTE PARA A APROPRIAÇÃO DO PROTAGONISMO SOCIAL.....	46
O PALCO DE PAPÉIS NOS ATENDIMENTOS ONLINE E PRESENCIAL: Uma nova forma de desenvolvimento do Psicodrama individual e em grupo	47
O PROFESSOR NO DESERTO DIGITAL: reencontro com o propósito em tempos de HIATO.....	48
O PSICODRAMA COMO FERRAMENTA DE GESTÃO E CUIDADO NO SISTEMA ÚNICO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - SUAS: escuta, ação e sustentação do papel de liderança.....	48
O PSICODRAMA COMO METODOLOGIA E FILOSOFIA NA GESTÃO DE UMA EMPRESA: Rosê uma experiência a ser vivida	49
O QUE FIZ DE MIM COM O QUE FIZERAM COMIGO: uma vivência psicodramática com um olhar nas lógicas afetivas de conduta e saúde mental em grupo	50
O SOCIODRAMA NA EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA DE MEDIAÇÃO E PROTAGONISMO JUVENIL	51
O TEATRO DO SILÊNCIO: lugar de quietudes e inquietudes.....	52
O TRABALHO COM GRUPOS NA ASSISTÊNCIA SOCIAL: o que dizem as referências técnicas e a política do SUAS.....	52
O TRABALHO COM GRUPOS NA ATENÇÃO BÁSICA: o que dizem as referências técnicas e a política do SUS	53
OS CUIDADOS DE QUEM CUIDA: reflexões psicodramáticas na formação e fortalecimento de cuidadores no campo socioassistencial	54
OS ECOS DO SILÊNCIO EM NÓS: à escuta dos indizíveis que nos habitam.....	54
PARA ALÉM DA VIOLAÇÃO DE DIREITOS: sociodrama com mulheres vítimas de violência	55
PARA ALÉM DO CANSAÇO: mulher(es)	56
POR UM CORPO VIVO E CRIATIVO NO PAPEL DE ESTUDANTE: promovendo saúde mental na perspectiva do Psicodrama.....	57
PROCESSO DE APRENDIZAGEM E CRIATIVIDADE: convergências possíveis para potencializar identidades que escapem da armadilha neoliberal	58
PSICODRAMA ALÉM DA FORMAÇÃO: relato de uma trajetória vivencial	59
PSICODRAMA E DIVERSIDADE: desvelando os papéis sociais	60
PSICODRAMA E EXCLUSÃO SOCIAL: encontros transformadores	61
PSICODRAMA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS – DE JACOB LEVY MORENO A ALBERTO GUERREIRO RAMOS: travessias grupais na contemporaneidade.....	62

PSICODRAMA E REVOLUÇÃO: notas sobre a atuação psicodramática no contexto revolucionário.....	63
PSICODRAMA E TELA: relatos de experiências revolucionárias na era digital	63
Psicodrama e transdisciplinaridade: a gestão de projetos em políticas públicas como cena de protagonismo coletivo	64
PSICODRAMA ORGANIZACIONAL: transformando relações e resgatando o sentido do trabalho.....	66
PSICODRAMA, ARTE E PSICOPEDAGOGIA: o trabalho grupal com crianças e adolescentes	67
QUANDO A MINHA RÁDIO INTERNA SE DESSINTONIZA	68
REBELDIA ENQUANTO GRITO POR VISIBILIDADE E RESISTÊNCIA: um convite ao Encontro com as juventudes a partir do resgate do meu “eu adolescente”	69
REINVENTAR A CENA, REENCANTAR O MUNDO: psicodrama e cultura popular .	70
RESSIGNIFICAR A DOR SILENCIADA: o palco de papéis como estratégias terapêuticas no luto não reconhecido.....	71
RODA DE CONVERSA COM OS ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO: um relato de experiência	72
SAÚDE E PSICOTERAPIA PSICODRAMÁTICA: por uma clínica integrada	73
SE MEU CORPO FALASSE... EXPERIMENTANDO O SOMATODRAMA.....	75
SOCIODRAMA COM COLABORADORAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	76
SOCIODRAMA DE QUÍRON: o encontro com o curador ferido	77
SOCIOPSICODRAMA: pilares da vida.....	77
SONHOS, CORPO E IMAGEM: sociodrama com mulheres em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.....	78
TEATRO ESPONTÂNEO: uma imersão nas histórias e cicatrizes.....	80
TECENDO REDES, AMPLIANDO CUIDADOS: um relato de experiência de estágio em Psicologia Social.....	81
TERRITÓRIOS E SUAS TRAVESSIAS: acessos e impedimentos	82
UM NOVO OLHAR PARA O VELHO: a ressignificação da velhice em um mundo que favorece o prolongamento da vida: a necessidade de reformular sentimentos e valores.....	83
UM OLHAR PRA ME LEMBRAR DE MIM: reencontro com a leveza perdida.....	84
ÍNDICE	86

A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS GRUPAIS PARA COMPREENSÃO E INTERVENÇÃO NO COTIDIANO DA ESCOLA

*Natasha Pereira Barbosa
Psicodramatista / Anhanguera
natashapbarbosa@hotmail.com*

A atuação do psicólogo e dos profissionais no campo da educação, especialmente no contexto escolar, tem se ampliado e se ressignificado nas últimas décadas assumindo uma postura comprometida com a promoção de processos coletivos e com a leitura crítica das instituições educativas. Fundamentada nas Referências Técnicas para a Atuação de Psicólogos(os) na Educação Básica, publicadas pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2019), propõe-se a reflexão sobre as práticas grupais como eixo central na atuação do psicólogo e dos profissionais no contexto da educação/escola destacando o olhar para os grupos como ferramenta essencial para compreensão e intervenção no cotidiano das escolas. Ao compreender os espaços escolares como atravessados por dinâmicas grupais que constituem modos de ser e estar no contexto escolar, somos convocados a desenvolver práticas que acolham e potencializem esses encontros coletivos, sejam eles entre estudantes, educadores, equipes pedagógicas ou famílias. Assim, as práticas grupais assumem um caráter preventivo, formativo e transformador, deslocando o foco de intervenções centradas no indivíduo para ações que visam a transformação das relações e dos processos coletivos.



Captando as gêneses sociais do sofrimento no espaço grupal e comunitário

*Érico Douglas Vieira
Universidade Federal de Jataí
ericopsi@yahoo.com.br*

Neste trabalho, pretende-se refletir sobre as possibilidades de uma escuta contrahegemônica das origens sociais do sofrimento. Que efeitos esta escuta produz? Escutar o sofrimento com suas articulações com questões estruturais da sociedade seria uma busca de reconhecimento diverso das (in) compreensões individualizantes predominantes atualmente no tecido social. Uma escuta das gêneses sociais do sofrimento em um mundo que nega essa origem social. Moreno pontua que as intervenções sociátricas precisam perturbar, produzir transtornos e desconfortos para fomentar novas ordens sociais. Os métodos sociométricos deveriam ser revolucionários. Nesse sentido, Moreno apresenta uma interessante ideia que ele denominou de "espontaneidade produtiva popular", que seriam as forças transformadoras de um grupo ou de uma comunidade que instigam mudanças que contestam as estruturas vigentes. Em linhas gerais, ainda existe um movimento hegemônico nas práticas psi em operar com um modelo de sujeito universal, desconsiderando como os pertencimentos de classe, raça, etnia, orientação sexual, idade, região e outros poderiam trazer especificidades para o trabalho clínico com estas pessoas. Como pensar em trabalhos grupais que contemplem as especificidades da escuta com pessoas que experimentam em seus cotidianos relações hierárquicas de poder opressoras,

com todos os sofrimentos que podem estar envolvidos nestas situações. Uma clínica decolonial como espaço de rupturas em relação aos assujeitamentos sociais. Quais as consequências para os usuários de serviços de promoção de saúde mental da desconsideração das opressões de raça, classe, gênero, sexual? Referimo-nos a uma escuta do grupo que não reconhece as violências sofridas, se apegando a teorias ou diagnósticos, produzindo um lugar de cuidado apartado do mundo concreto. Os sofrimentos narrados nos grupos expressam construções históricas, relações de poder cristalizadas, vividas nos corpos agônicos subalternizados. Uma clínica política, entendendo a polis como um lugar de reconhecimento de memórias, histórias, lugar em que a história de cada um se torna visível. A pessoa ganha um rosto, se sente pertencente à polis, enraizada, mais potente para agir, se expressar, criar. O não reconhecimento das opressões seria a reiteração de dinâmicas relacionais do cotidiano distópico atual fascista e neoliberal que cultiva desertos de inimizade, onde só resta a cada um abandonado na gestão empresarial de si mesmo. Como trabalhar na escuta do grupo as capturas dos processos de subjetivação do neoliberalismo, que estimula uma constante aceleração para alcançar um desempenho idealizado e, conseqüentemente, uma insatisfação consigo mesmo, sempre aquém dos ideais produtivistas da sociedade de mercado? A escuta do grupo pode ser um espaço de produção de resistências criativas para romper com a servidão neoliberal? É preciso pensar o grupo em sua capacidade reparadora, no espaço comum como possibilidades cocriativas de construção de novos sentidos. A tele como sintonia de cocriação quando se devolve a palavra. Uma presença atuante na realidade pode ser recuperada quando se tem voz, vozes que lutam para serem ouvidas. No grupo, o olhar do outro pode trazer vários rostos que validam as existências. O grupo como lugar exercício da liberdade pública, como uma realidade mundana tangível, criada pelas pessoas para que a desfrutem juntas em público - para serem vistas, ouvidas, conhecidas e lembradas por outros.



AS INTERVENÇÕES GRUPAIS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS: reflexões sobre a formação de profissionais

*Daniela de Figueiredo Ribeiro
Centro Universitário Municipal de Franca
Casa do Encontro
danielaribeiro@facef.br*

Atualmente no Brasil, nas políticas públicas da saúde, educação e assistência, sugere-se que os profissionais dominem metodologias de intervenção grupal como ferramenta de trabalho. No entanto, é consenso na literatura especializada que se tornar coordenador de grupos é uma tarefa que demanda extensa formação tanto teórica quanto prática pois, dependendo do contexto onde os grupos acontecem, diferentes formas de manejo são exigidas dos coordenadores. Yalom, professor da Universidade de Stanford, reconhece a necessidade premente de que os coordenadores de grupo vivenciem e obtenham os benefícios das intervenções grupais em si para que possam conduzir outras pessoas nessa seara. Os grupos chamados prototípicos, aqueles com eficácia comprovada, devem ser conduzidos de forma a trabalhar no aqui-e-agora das relações grupais, com foco na construção de uma matriz grupal co-consciente e co-insconsciente, que é o foco da

intervenção e cuja dinâmica de funcionamento transcende a somatória dos indivíduos. Nessa perspectiva, nunca se trata de uma psicoterapia individual no grupo, o que consiste em uma falha de manejo. O objetivo dos grupos prototípicos é estabelecer modos relacionais em que a autenticidade é a meta, e os conflitos e resistências são trabalhados de forma profunda e verdadeira, promovendo transformações no *modus operandi* grupal, e como decorrência, influenciando processos individuais. O Psicodrama será apresentado como uma potente e flexível metodologia de trabalho com grupos, podendo ser utilizado em contextos socioeducacionais e clínicos com grande eficácia e capacidade de implementação.



A METODOLOGIA DE INTERVISÃO NA CLÍNICA DE ADOLESCENTES: potência criadora de encontros morenianos

Saúde/Clínica
Aula Vivenciada 2

Anna Cláudia Eutrópio (IMPSI)
annaclaudiab@gmail.com

Egos-auxiliares
Sueli Burgarelli
sueburgarelli@gmail.com

Natália Pereira dos Santos
nathi.santtos@hotmail.com

A proposta desta aula vivencial é apresentar a metodologia da Intervisão em interface com o Psicodrama, com ênfase especial no conceito de Encontro, tal como concebido por J. L. Moreno. Pretende-se demonstrar como a intervisão pode ser uma ferramenta potente na formação de profissionais que atuam na clínica e na saúde mental — tanto no âmbito privado quanto nas políticas públicas — a partir de uma experiência realizada entre 2022 e 2024 em uma clínica da saúde suplementar no interior de São Paulo. Serão abordados os conceitos de Intervisão, Encontro, horizontalidade, zonas de incerteza da prática e expertise horizontal. A metodologia será exemplificada por meio de uma vivência centrada nas adolescências contemporâneas e nos desafios enfrentados no acolhimento e cuidado com essa faixa etária. Percebe-se que uma metodologia que valorize a horizontalidade e a criação de um senso de pertencimento e comunidade é fundamental para o desenvolvimento pessoal e profissional de quem atua na saúde mental. Para além da discussão de casos clínicos, a intervisão contribui significativamente para a construção e o fortalecimento do papel do terapeuta. Inspirado na perspectiva reflexiva de Donald Schön (2000), o trabalho de formação continuada propõe que os espaços formativos abordem as chamadas "zonas de incerteza da prática". Mesmo com sólida base teórica, todos os profissionais — inclusive os mais experientes — se deparam com momentos de dúvida sobre como conduzir seu trabalho ou como avançar em seu desenvolvimento. Outro conceito central é o de "expertise horizontal", conforme proposto por Zeichner (2013), que destaca a importância da troca de saberes entre diferentes sujeitos, áreas

e campos de conhecimento. Essa troca favorece a construção de formas de atuação mais plurais, colaborativas e contextualizadas. A interface entre esses conceitos e o Psicodrama será explorada a partir da premissa de que o grupo é um espaço privilegiado para a facilitação de processos de saúde e cura nesse contexto. O princípio da horizontalidade, que norteia os grupos de intervenção, converge com os fundamentos da socionomia. A postura moreniana de não cisão entre sujeito pesquisador e objeto pesquisado orienta a coordenação desses grupos: todos produzem conhecimento conjuntamente, por meio da partilha e do diálogo. Criar, resgatar a espontaneidade, lidar com as conservas culturais e, especialmente, promover Encontros são as bases que o Psicodrama oferece ao trabalho com grupos de Intervisão. Como afirma Dalmiro Bustos (2006), “o fundamental da posição do encontro está na aceitação do outro componente do vínculo como um igual, no sentido mais amplo” (p. 75). Os grupos de intervenção revelam, na prática, como uma metodologia que preza pela horizontalidade possibilita a ocorrência de verdadeiros encontros na perspectiva moreniana.



A NOÇÃO DE SAÚDE PARA J. L. MORENO: diálogos entre Psicodrama e Taoismo

*Saúde/Clínica
Aula Vivenciada – 2*

*Jaime Henrique Guimarães Soares
Casa do Encontro
jaimehgsoares23@gmail.com*

*Ego-auxiliar
Daniela de Figueiredo Ribeiro
danifiribeiro@yahoo.com.br*

Jacob Levy Moreno apresenta uma noção de Saúde minoritária para o contexto da psiquiatria de sua época. Além de ter fundado um hospital psiquiátrico open door na década de 30 nos EUA, o que foi inusitado, refere-se ao desejo de ser conhecido como aquele que trouxe alegria à psiquiatria. Partindo de uma visão de homem que toma como referência a saúde e não a doença, aspecto incomum na área médica mesmo nos dias atuais, Moreno baseou seus estudos nos indivíduos e grupos mais bem sucedidos que poderia encontrar na história da humanidade, estabelecendo como saúde a possibilidade de acesso à espontaneidade-criatividade, fatores fundamentais à realização humana plena. A compreensão desses conceitos-chaves da sua teoria se deu inicialmente dentro do paradigma científico positivista majoritário, o que a empobreceu, mas na medida em que a ciência ampliou seu escopo e suas possibilidades de apreensão da realidade, foi se tornando possível retomar os conceitos morenianos de forma mais próxima aos seus pressupostos originais. Tanto Moreno como o filósofo Spinoza tiveram influência da cabala (cultura judaica que sofreu epistemicídio nos processos de colonização) e que tem como pressupostos que Deus é imanente à Natureza, diferenciando-se do Deus transcendente da cultura ocidental. A saúde humana seria fruto de uma conexão com a espontaneidade e criatividade inerentes à vida, manifestação desse Deus

Natureza. Os conhecimentos da medicina tradicional chinesa, mais especificamente do Taoísmo, trazem uma visão de saúde congruente à visão moreniana, apontando que a espontaneidade seria um pressuposto da Saúde, seguindo o Tao e o Natural. Essa aula vivenciada tem como objetivo explorar esses conceitos de maneira ampla, buscando experimentá-los e localizá-los como referência à Saúde em nossas vidas. Por meio desses princípios, buscar-se-á estabelecer uma psiquiatria que favoreça o contato das pessoas com esse espaço de liberdade (espontaneidade=sua sponte, livre vontade) em que a conserva cultural cria uma brecha para a reinvenção da vida e do ser humano em parâmetros mais integrados à Natureza, à Vida e à conexão humana com forças que foram destituídas de valor nos processos de colonização (criatividade).



A POTÊNCIA DO GRUPO SOCIODRAMÁTICO PARA A SOCIALIZAÇÃO DE UMA CRIANÇA COM TEA

*Educação
Roda de conversa – 3*

*Fábio Palhares
Centro Universitário Municipal de Franca
fabiompalharess@gmail.com*

*Sofia Souza Cintra
Centro Universitário Municipal de Franca
cintrasofia@gmail.com*

*Daniela de Figueiredo Ribeiro
Centro Universitário Municipal de Franca
danifiribeiro@yahoo.com.br*

O presente trabalho teve como referência um grupo sociodramático realizado por dois estudantes de psicologia durante um estágio de psicologia escolar. O trabalho foi realizado em uma escola particular de Franca, São Paulo, com crianças do 1º ano do Ensino Fundamental I. O grupo era composto por seis crianças e dirigido por ambos os estagiários. Ao longo dos encontros, através do sociodrama e da arte, foi trabalhado os elementos da natureza (terra, água, ar e fogo) com o objetivo de desenvolver temáticas como a socialização, as emoções e o respeito com a natureza e com o outro. A metodologia adotada consistiu na realização de um grupo sociodramático no contexto escolar, totalizando 10 encontros, nos quais cada elemento da natureza constituía a temática central dos encontros. O grupo seguia a estrutura do sociodrama, contendo aquecimentos inespecífico e específico, dramatização e compartilhamento. Durante os encontros, o caso de uma criança com TEA (Transtorno do Espectro Autista) e seu desenvolvimento a partir do grupo se destacou entre os demais participantes. O aluno M.H. era auxiliado por uma professora de apoio pedagógico e por sua mãe que o acompanhava na escola, ficando do lado externo da sala. Foi notório o desafio da integração de M.H. por parte do grupo, além disso, havia a presença da professora e resistência do próprio aluno, que não estava na escola há muito tempo. Todavia, por meio das expressões artísticas e do diálogo aberto com os integrantes do grupo, sobre diversidade e

respeito, fizeram com que ao longo do processo M.H. se envolvesse com os colegas e com as atividades. Assim, percebe-se que houve maior troca e envolvimento entre todo o grupo, apresentando desenvolvimento na socialização de M.H., que foi perceptível pelos estagiários, professoras e responsável. A partir dos resultados obtidos através das vivências realizadas com as crianças, é perceptível como os recursos artísticos possuem potencial de liberação, conhecimento e transformação. Por meio da arte, é possível trabalhar o repertório de expressividade do sujeito, que pode demonstrar suas emoções para além do racional, ampliando sua consciência de si, de sua subjetividade e propiciando transformações da realidade. Além disso, ressalta-se a potência da utilização de recursos do sociodrama na socialização de crianças com TEA, visto que a integração com as demais crianças, exploração dos sentidos e contato com a arte tornou possível que vivenciasse sua autonomia e liberdade, obtendo um espaço em que pudesse se expressar e se integrar no grupo.



A REALIDADE SUPLEMENTAR NA PRÁTICA CLÍNICA: resgatando o ser brincante que vive em nós!

*Saúde/Clínica
Aula Vivenciada – 2*

*Gabriella Araújo Oliveira
Casa do Encontro
gabiaraujooliveira@gmail.com*

*Egos-auxiliares
Larissa Mendonça Ferreira
psicolarissamendonca@gmail.com*

*Melina Silva de Campos
melinasilvadecampos@gmail.com*

Ao longo do nosso crescimento como seres humanos, conforme convivemos em uma sociedade que precisa agir e se organizar a regras, normas e definições fixas do que é mais "correto", produtivo e útil, ocorre gradualmente, mas grande ênfase uma cisão e desincentivo à expressão autêntica e espontânea em nossos diferentes papéis na vida e relações humanas, algo que era até mais comum e naturalmente vivenciado (por motivos biopsicossociais) apenas nos primeiros anos de nossa infância - no brincar e no descobrir o mundo. Essas definições sociais exigidas com mais força nos anos posteriores, quando não se atualizam de acordo com as necessidades subjetivas e relacionais (que se transformam constantemente) de cada pessoa ou comunidade, podem levar a uma desconexão de aspectos importantes da nossa experiência humana: o que sentimos, pensamos, desejamos, criamos e realizamos fica fragmentado - não-integrado com o nosso momento e necessidades atuais. Diante desse cenário, a proposta psicodramática de Jacob Levy Moreno nos traz uma abordagem, teoria e técnica que proporcionam um convite e percurso de integração desses recursos humanos (imaginativos, desejantes e inventivos) e atualização das conservas culturais a partir da

utilização e co-construção de uma Realidade Suplementar: termo cunhado por Moreno, que nomeia uma realidade "aumentada" e enriquecida (vivenciada em contextos de intervenção psicodramática), pois vai para além das limitações da considerada "realidade concreta/histórica", a qual facilita o resgate e desenvolvimento da espontaneidade-criatividade na forma de lidar e experienciar nossos dramas relacionais e coletivos ao longo da vida. Nessa perspectiva, a Realidade Suplementar demonstra ser o campo central de atuação do trabalho de psicoterapeutas psicodramatistas, sendo também uma base teórico-técnica que inclusive pode favorecer a flexibilidade de intervenções psicoterapêuticas nas modalidades de atendimento online e domiciliar, por exemplo. Portanto, o objetivo desta aula vivenciada, que utilizará como método o Psicodrama Pedagógico, é de ampliar a compreensão sobre a importância e eficácia clínica da co-construção e utilização da Realidade Suplementar na atuação de psicoterapeutas psicodramatistas, iniciando a aula com etapas de aquecimento e ação dramática direcionadas à temática, que visam auxiliar a liberação da espontaneidade-criatividade dos participantes, para que em seguida seja possível interligar o que foi vivenciado com os conceitos de Realidade Suplementar, espontaneidade-criatividade, conserva cultural, bem como com relatos de casos clínicos, principalmente de processos de atendimento bipessoais.



ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO PARA TRABALHADORAS TERCEIRIZADAS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

*Saúde/Clinica
Roda de Conversa – 3*

*Natiele Aparecida Alves Peres
Universidade Federal de Jataí
natieleaparecida04@gmail.com*

*Ana Luisa Gonçalves Franco
Universidade Federal de Jataí
analuisagoncalvesfranco@gmail.com*

*Érico Douglas Vieira
Universidade Federal de Jataí
ericopsi@yahoo.com.br*

*Taciana Assis Ávila Universidade
Universidade Federal de Jataí
assisavila.taa@gmail.com*

Os trabalhadores terceirizados vivem uma situação de trabalho que dificulta a sensação de pertencimento a uma organização. Geralmente, eles não se sentem amparados pela empresa que os contrata e também não sentem que são funcionários com direitos em relação à organização na qual trabalham. Conseqüentemente, estes trabalhadores podem se ver como pessoas com menos direitos e marginalizadas na instituição. Este trabalho relata um projeto de

intervenção cujo objetivo era levar os serviços de plantão psicológico aos espaços comunitários - em específico, à Universidade Federal de Jataí - como um meio de oferta ao público de trabalhadores terceirizados enquanto grupo minoritário. O presente projeto pretendeu instaurar um espaço democrático de promoção de saúde mental para um público que sofre opressões e vivenciam sofrimentos no seu cotidiano de trabalho. O Psicodrama foi utilizado como referencial teórico-metodológico, oferecendo fundamentos potentes para essa prática clínica, por meio de sua ênfase na espontaneidade, na dramatização e no encontro entre sujeito e realidade. As intervenções foram realizadas no primeiro semestre de 2025, com horários e local predeterminados. O plantão psicológico foi utilizado como prática de democratização de acesso à escuta clínica, oferecendo um lugar de escuta, de ressignificação de experiências e acolhimento psicológico, além de apresentar a possibilidade de um encaminhamento posterior, quando necessário. Com os atendimentos, foi possível perceber o cultivo do sentimento de pertencimento dessas trabalhadoras à comunidade universitária, uma possível redução de sentimentos de exclusão, invisibilidade e humilhação, por meio do espaço de reconhecimento oferecido pelos plantões. As trabalhadoras utilizaram o espaço clínico para expressar o sofrimento e a indignação diante das condições precárias de trabalho, iniciando processos de mobilização para uma possível movimentação coletiva de reivindicação de direitos. Outro tema muito recorrente foram as relações familiares e suas complexidades. A maioria das mulheres trabalhadores possuem uma trajetória de luta e de sofrimentos e atualmente mostram sua força nos cuidados com seus membros familiares, somadas às dificuldades de conciliação com a carga horária de trabalho. Seus sonhos e desejos utópicos emergiram no espaço clínico como fonte de humanização e de cultivo de uma nova presença no mundo. Espera-se que o projeto tenha cumprido com o compromisso social da universidade e com a sensibilização dos futuros profissionais de Psicologia para a atuação com setores populares.



ALMA-CORPO CAMALEÃO: uma investigação do “masking” ou “camuflagem” em pessoas neurodivergentes e neurotípicas

*Diversidade
Vivência – 1*

*Eduardo Francisco de Oliveira
Centro Universitário de Franca Uni-FACEF
Casa do Encontro
eddyegard@gmail.com*

*Ego-auxiliar
Raquel Aparecida de Mesquita Oliveira
raquelmessquita1104@gmail.com*

Qualquer ser humano tem necessidade de pertencer, participar, ser amado, se encaixar. Em uma sociedade profundamente imersa na cultura, há sempre o conflito entre a própria espontaneidade e a expectativa imaginada através das vivências, o que molda e amarra a criatividade. Este conflito, apesar de vivenciado por toda e qualquer pessoa, em

neurodivergentes se alastra aos confins mais profundos de sua identidade e aos detalhes mais genuínos e pequenos de seu comportamento e comunicação. É um instinto primordial de “passar” nos testes sociais, de não ser singularizado como estranho. Damos a isso o nome de “masking”, ou “camuflagem”. Nas últimas décadas, há muitos debates e pesquisas sobre como essa máscara nada superficial agrava o sofrimento psíquico dessas pessoas, ao mesmo tempo que abafa suas verdades e o potencial de conexões profundas e duradouras. Ao mesmo tempo que se desenvolve a habilidade de passar como “normal”, diminui-se a satisfação nas relações de todo o tipo. O objetivo desta vivência sociodramática é vivenciar o estranho, o inadequado, mergulhar em uma experiência de uma existência como “camaleão”, em que detalhes singulares de sua expressão são primorosamente escondidos, evidenciando assim a sensação de auto-supressão. A partir daí, permitir o encontro em que, com confiança e respeito, são desveladas essas características valiosas de linguagem e expressão corporal, de forma a sugerir uma rematrização do “estranho” ao “autêntico”, do “inadequado” para o “singular”, que muito mais que rótulos, sejam experiências catárticas para uma libertação, que mesmo que pequena, seja verdadeira e saudável, do potencial de saúde de cada um. O método proposto é uma vivência sociodramática dividida em quatro etapas, aquecimento inespecífico, aquecimento específico, dramatização e compartilhamento.



AQUI EM CASA POUSOU UMA ESPERANÇA: ensaios sobre a ternura

*Saúde/Clínica
Vivência – 1*

*Daniela de Figueiredo Ribeiro
Centro Universitário Municipal de Franca
Casa do Encontro
danifiribeiro@yahoo.com.br*

*Egos-auxiliares
Gustavo Castaldi
gustavo_castaldi@hotmail.com*

*Renata de Figueiredo Ribeiro Jorge
renata_ribeiro_jorge@yahoo.com.br*

Clarice Lispector trabalha lindamente o pouso da esperança no conto “Uma esperança”, em seu livro “Felicidade Clandestina”. Tomando como base esse conto, buscar-se-á, por meio de uma vivência sociopsicodramática, ativar memórias de momentos singelos da existência, que muitas vezes mesclam a intimidade (ou falta dela) na casa, as relações importantes e momentos de conexão com a vida. Esse resgate pode trazer à tona dores encapsuladas, com necessidade de vazão, o que possibilita uma rematrização de padrões conservados estabelecidos, revelando afetos misturados a bloqueios que, uma vez superados, podem produzir uma refluência dos processos de ternura e afecções alegres. O sociopsicodrama é um método de intervenção grupal que possibilita estratégias de direção centrada no protagonista,

trabalhando, ao mesmo tempo, temáticas coletivas, mas que se revelam de forma particular em cada pessoa. Em um primeiro momento, será investigado o tema proposto a partir dos contextos social e grupal, levantando as identificações e experiências diversas vivenciadas pelos integrantes do grupo. Em seguida, buscar-se-á a expressão de maneiras singulares com que o tema se insere na vida de cada pessoa. Identificam-se, então, os possíveis protagonistas, sendo aqueles em que a duração (termo bergsoniano) emerge de maneira mais livre e potente. Com o aval da pessoa escolhida como protagonista, e o contrato de sigilo e cuidado devidamente estabelecidos, será proposta, então, uma intervenção na realidade suplementar com vistas a identificar e desbloquear espaços da existência onde a ternura está interrompida ou suprimida. Após a experiência no contexto dramático, voltaremos ao contexto grupal para que as identificações com o vivido sejam compartilhadas pelos membros do grupo, sempre em primeira pessoa, ou corporalmente, mas nunca em forma de aconselhamento. É importante ressaltar que mudanças na proposta podem ocorrer, de acordo com as demandas do momento do grupo. Por fim, serão elencados os resultados da experiência vivida tanto para os indivíduos, que se colocam de forma singular, como para o grupo como um todo, finalizando o processo com um processamento teórico realizado pela unidade funcional, de forma a pontuar com referência à prática, aspectos didáticos relativos à direção de grupos e, especificamente, à metodologia sociopsicodramática.



CONCEITO DE CARREIRA EM Z COM BASE NA SOCIONOMIA

Organizacional
Aula Vivenciada – 2

Leandro Felipe Diniz Vieira
Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama
leandrofelipedv@gmail.com

A aula vivenciada propõe uma articulação entre os conceitos da Matriz de Identidade, do Desenvolvimento de Papel e da Carreira em Z, a partir da perspectiva psicodramática. A proposta parte da compreensão das fases da Carreira em Z — Ambientação, Ascensão e Consolidação —, conectando-as aos estágios do Desenvolvimento de Papel (role taking, role playing e role creating) e às etapas da Matriz de Identidade (Indiferenciação, Reconhecimento do Eu e Reconhecimento do Tu). Essa conexão proporciona uma nova leitura do conceito de “sucesso profissional”, ampliando as possibilidades de compreensão da jornada de vida e de carreira. O plano de aula envolve um sociodrama com cinco etapas principais. A primeira, um aquecimento inespecífico, convida duplas a refletirem sobre os papéis que exercem na vida, por meio do jogo “Quem é você?”. Em seguida, o aquecimento específico provoca uma identificação do papel profissional mais presente naquele momento, e se desdobra no jogo “Que papel é esse?”, em que os participantes tentam adivinhar a profissão de sua dupla sem que ela seja revelada diretamente. A terceira etapa, “Happy hour com surpresas”, simula uma situação social em que escolhas feitas pelos participantes revelam nuances de seus momentos profissionais, categorizando-os nas três fases da Carreira em Z. As respostas os agruparão de forma simbólica conforme role taking, role playing ou role creating. A ação dramática se desenvolve a partir da escuta do grupo, promovendo intervenções como espelho, inversão de

papéis e interpolação de resistência, possibilitando reflexões mais profundas sobre os sentidos atribuídos à trajetória profissional. O compartilhamento subsequente permite a elaboração afetiva e cognitiva dos participantes a partir da experiência vivida. Por fim, no processamento, são feitas conexões conceituais com base em slides e quadros de referência que relacionam teoria e prática. Os jogos e atividades são correlacionados às fases da Matriz de Identidade, às etapas do Desenvolvimento de Papel e às dimensões da Carreira em Z, oferecendo aos participantes uma compreensão ampliada e integrada de suas escolhas e movimentos profissionais.



CORPOS EM TRAVESSIA: gênero, grupos e conflitos criativos

*Diversidade
Mesa Redonda – 4*

*Saulo Vito Ciasca
Sedes Sapientiae
svciasca@gmail.com*

*Tici Jardim Pimenta
Universidade de Franca
Casa do Encontro
ticiano_pimenta@hotmail.com*

*Tahina Tatila da Silva
Universidade Estadual Paulista
tahina.tatila@unesp.br*

Atenta aos clamores que atravessam as práticas grupais contemporâneas, a Comissão de Diversidade do EPCO propõe a mesa-redonda “Corpos em Travessia: Gênero, Grupos e Conflitos Criativos”, cujo ponto de partida será a pergunta: *Quais desafios éticos e técnicos vocês vivenciam ao criar espaços grupais seguros, afirmativos e politicamente conscientes sobre questões de gênero, e como lidam com as tensões e divergências que surgem nesses encontros?* Sob o grande tema do EPCO 2025, *Travessias grupais nas políticas públicas, organizações e clínica*, a proposta quer promover não apenas trocas de saberes, mas também um espaço de afetos e escuta para refletir sobre as potências e limites de se trabalhar coletivamente com as complexidades do gênero, da sexualidade e das intersecções de raça, classe e território. Para isso, estarão reunidas Tici Jardim Pimenta, doutoranda em Linguística pela Unifran, pesquisadora das retóricas sobre corpos e discursos científicos, também psicóloga, sexóloga e estudante de Psicodrama, que investiga as bordas onde linguagem, gênero e dissidência se encontram; Saulo Vito Ciasca, psiquiatra formado pela USP, especialista em psicodrama, atuante no cuidado à saúde mental da população trans no Hospital Sírio-Libanês e no Espaço Transcender da FMUSP, cuja prática transita entre a clínica e a formação de profissionais em saúde LGBTQIA+; e Tahina Tatila da Silva, doutoranda em Serviço Social pela UNESP, militante do Movimento Negro Unificado e gestora social, que pesquisa as infâncias e juventudes negras e suas trajetórias marcadas por institucionalizações e resistências. Juntas, trazem experiências que não se restringem a

abordagens disciplinares, mas que nascem do chão dos encontros — nos consultórios, nos auditórios, nas ruas, nos grupos — onde emergem as contradições, as dores, os sonhos e as divergências inevitáveis em espaços que se querem seguros, mas que precisam ser politicamente críticos e sensíveis às múltiplas camadas de opressão. A mesa deseja não apenas responder à pergunta-tema, mas abrir caminhos para pensar como os atravessamentos de gênero e sexualidade podem ser trabalhados no psicodrama, nas políticas públicas, na educação e na clínica, sem perder de vista que cada grupo é também território de disputa e criação, onde se gestam novos modos de existir e resistir. Assim, esta conversa pretende ecoar o espírito do EPCO: construir travessias possíveis entre técnica, política, ética e sensibilidade, para que os espaços grupais não sejam apenas lugares de fala, mas também de escuta profunda, elaboração conjunta e reinvenção das práticas coletivas.



CUIDANDO DE SI: sociodrama com funcionárias de uma creche-escola

*Educação
Roda de conversa – 3*

*Marcia Cristina Carmozine Fischer
Faculdade Anhanguera Franca
marciacarmozine856@gmail.com*

*Natasha Pereira Barbosa
Faculdade Anhanguera Franca
natashapbarbosa@hotmail.com*

Este trabalho foi realizado em uma creche-escola na cidade de Franca/SP, com funcionárias da cozinha e do setor de limpeza, totalizando doze participantes. Foram feitas quatro sessões sociodramáticas com o tema “Cuidando de Si”, com intuito de promover o autocuidado e fortalecer a autoestima das funcionárias. A escolha do tema surgiu da percepção de que muitas mulheres, especialmente em funções de cuidado, tendem a colocar as necessidades dos outros acima das suas, negligenciando o próprio bem-estar. Na perspectiva psicodramática, esse padrão pode ser compreendido como papéis cristalizados, que limitam a espontaneidade e a criatividade, aspectos fundamentais da saúde emocional. A metodologia foi organizada seguindo as etapas propostas pelo sociodrama: aquecimento, dramatização e compartilhar. As sessões foram iniciadas com aquecimentos inespecíficos, com exercícios de respiração, alongamento e jogos de quebra-gelo, com o intuito de promover relaxamento, conforto e conexão entre as participantes. Em seguida, passamos ao aquecimento específico, com discussões em grupo e atividades voltadas ao tema do autocuidado, buscando estimular reflexões sobre o cuidado de si e o reconhecimento de suas necessidades pessoais. Foi utilizado também o *role play*, em que as participantes puderam representar e vivenciar diferentes papéis e perspectivas, o que favoreceu a expressão de sentimentos, identificação de conflitos e busca de soluções para questões reais de suas vidas. As dramatizações foram fundamentais para que explorassem suas experiências cotidianas, ampliando o olhar sobre si mesmas e sobre os desafios enfrentados. Por último, em cada sessão foi feito o compartilhar,

momento em que as participantes relataram seus sentimentos, aprendizados e reflexões, criando um espaço de escuta e acolhimento. Os sociodramas favoreceram o reconhecimento do valor pessoal das funcionárias, promovendo maior senso de identidade e amor-próprio. A experiência foi significativa tanto para o desenvolvimento das participantes quanto para a formação em Psicologia, revelando o poder transformador do trabalho grupal psicodramático.



DA MINHA HISTÓRIA SOU PROTAGONISTA: o sociodrama como ferramenta para o empoderamento feminino (um Relato de Prática)

Diversidade
Roda de Conversa – 3

Débora Fava
Dramatriz Instituto de Psicodrama
fvdebbie@gmail.com

O machismo, enquanto fenômeno social profundamente enraizado, invariavelmente viola e marca corpos e subjetividades femininas. Embora a contemporaneidade apresente uma vasta gama de abordagens epistemológicas nos estudos sobre gênero e uma multiplicidade de movimentos feministas, um caminho árduo persiste para a plena equidade. Essa jornada exige a imperativa tarefa de reconhecer seu valor inerente, tanto individualmente quanto como coletivo, compreendendo sua constituição identitária a partir da premissa da interseccionalidade, ponderando a complexa articulação estrutural do sistema de dominação e opressão. O presente trabalho monográfico teve como objetivo discutir o empoderamento feminino a partir das contribuições do Psicodrama e da Socionomia, buscando ressignificar a autoconcepção de mulheres de idades e vivências distintas, visando proporcionar-lhes maior bem-estar em todas as esferas e contribuir, ainda que numa escala micro, para a promoção da equidade de gênero. Como afirma Lélia Gonzalez (2018), o racismo estrutural e o sexismo são heranças coloniais que continuam a moldar as relações sociais no Brasil, perpetuando desigualdades. Gurgel (2011), em seus estudos e argumentações, aprofunda essa análise, discorrendo sobre a necessidade de uma transformação profunda e urgente nas relações de poder, para que efetivamente a equidade de gênero seja possível de ser alcançada. Nesse contexto, o feminismo, definido como “a noção radical de que as mulheres são seres humanos” (Kramarae & Treichler, 1992), busca o empoderamento feminino, que transcende a mera emancipação econômica, abrangendo a autonomia e o domínio das mulheres sobre suas vidas em múltiplas dimensões (Berth, 2018). Com base nas perspectivas desses autores, pudemos refletir sobre o empoderamento feminino a partir da ótica do psicodrama, tendo como conceito norteador a Matriz de Identidade de Moreno, para a ressignificação de experiências e o afloramento da espontaneidade e criatividade (Gonçalves, 1988). Este trabalho apresentará os resultados de um sociodrama aplicado a um grupo de mulheres, conduzido integralmente online. A partir da realização de quatro encontros com participação voluntária, e utilizando técnicas psicodramáticas, foi possível criar um ambiente seguro para que mulheres plurais pudessem compartilhar suas experiências, medos e anseios. Tal abordagem promoveu a reflexão sobre o empoderamento feminino a partir de uma perspectiva feminista, incentivando o apoio mútuo, o acolhimento e a empatia, além de uma compreensão aprofundada sobre a necessidade de resistência contra o modelo patriarcal vigente. Ao

participar dos encontros, as mulheres puderam refletir e reavaliar seus papéis sociais, seu protagonismo e autonomia, sororidade e autocuidado, visando seu bem-estar físico, psíquico e social. A intervenção via psicodrama comprovou sua eficácia ao criar um ambiente acolhedor e catalisador para o empoderamento feminino. Isso permitiu que as participantes dessem voz às suas emoções, cultivassem o fortalecimento mútuo e solidificassem seu senso de pertencimento.



DA TERRA AO FOGO: um relato de experiência na preparação do estágio de psicologia escolar

Educação
Roda de conversa – 3

Ana Beatriz Dias Rinaldi
Centro Universitário Municipal de Franca
anabeatrizdiasrinaldi@gmail.com

Daniela de Figueiredo Ribeiro
Centro Universitário Municipal de Franca
Casa do Encontro
danifribeiro@yahoo.com.br

Ana Amélia de Figueiredo Ribeiro
Oficina de Arte Lua Nova
anafigrib@gmail.com

O presente trabalho é um relato de experiência sobre a minha vivência na preparação do estágio de Psicologia Escolar com orientação da Professora Doutora Daniela de Figueiredo Ribeiro, psicodramatista didata e da Ana Amélia Figueiredo Ribeiro psicopedagoga e também psicodramatista. O estágio de Psicologia Escolar, pertencente a grade de formação do curso de Psicologia do Uni-FACEF tem por objetivo realizar uma intervenção em Psicologia Escolar, com análise institucional e atendimentos grupais sob o enfoque da teoria Psicodramática. Dessa maneira, as supervisões realizadas no primeiro semestre de 2025 serviram de preparação para nossa prática dentro das escolas. Foram realizadas cinco vivências com o enfoque de resgatar a nossa criança interior, nos desprendendo da conserva cultural que nos coloca na posição de homem branco adulto podendo me permitir estar presente e em conexão com a vida, vivendo o Encontro. As vivências realizadas, iniciando com a busca por entrar em contato com a sua criança interna, e depois as vivências com base nos quatro elementos: terra, água, ar e fogo, me permitiram entrar em profunda reflexão sobre mim e meu caminho, fazendo com que minha prática fosse melhor pautada e realizada junto dos adolescentes em meu estágio de escolar. A preparação com as aulas vivenciadas durante a supervisão, demonstram como o teórico tem ligações profundas com o que sentimentos e vivemos a partir dele. Assim como é necessário se pautar em uma teoria norteadora, é importante vivê-la e experienciá-la para assim aplicá-la. Dessa forma, dentro do estágio de psicologia escolar pude viver de forma corporal muitas situações que me permitiram co-criar novas maneiras de ser psicólogo. Em todas as vivências foi realizado um processamento que corrobora com o

racionalizar da prática co-fluindo entre corpo e mente. Assim, a teoria se alinha a prática e minha vivência pessoal pode se expandir para minha prática na área escolar. O psicodrama, proposto por Jacob Levy Moreno, em sua epistemologia socionômica propõe uma ciência que busca olhar para o homem como corpo e mente, compreendendo-o a partir das relações indivíduo e coletivo. Assim, o sujeito protagonista vive em sua vida trocas verdadeiras, que permitem reflexões e tomadas de decisões frente aos problemas, podendo entrar em contato com novas realidades permitindo a rematrização do sujeito. Diante disso, as vivências dirigidas pelas psicodramatistas Daniela Ribeiro e Ana Amélia Ribeiro me proporcionou a conexão télica diante de mim e do mundo, podendo ser protagonistas das minhas escolhas, principalmente no estágio de Psicologia Escolar. Pude me perceber e ir construindo o personagem da psicóloga dentro de mim de um ponto de vista mais humano e decolonial, onde horizontalizadas as relações dentro das supervisões pude aprender em como transcender isso em minha prática dentro das escolas como estagiária de psicologia escolar.



DA VIDA PARA O PALCO E DO PALCO PARA A VIDA: teoria e prática do teatro espontâneo

*Saúde/Clínica
Aula vivenciada – 2*

*Priscilla Maria Pereira
Casa do Encontro)
priscillamapereira@gmail.com*

*Ego-auxiliar
Fernanda dos Santos Cesarino
ferdcesarino@gmail.com*

Jacob Levy Moreno, pai do psicodrama, teve a vida como grande inspiração para a criação e desenvolvimento de toda a sua metodologia e suas técnicas, para ele a vida é um grande teatro espontâneo, como nos recorda Moysés Aguiar em “Teatro da anarquia: um resgate do psicodrama”, pois o convite da vida é sermos espontâneos, criativos e estar na verdade do aqui-e-agora. O problema é que muitas vezes a vida se torna teatro-farsa, com textos pré-definidos, repetindo padrões, atuando em um enredo que em que não se reconhece, o que no psicodrama dizemos estar somente na conserva cultural. Com essa perspectiva nasce o teatro espontâneo, propiciando um espaço seguro e privilegiado para os participantes experimentarem serem livres, espontâneos e criativos no palco teatral para então também serem no palco de suas vidas. Dessa forma, o teatro espontâneo tem como características principais a construção do texto no momento, juntamente com a participação do público e o improviso das representações, não possui um compromisso com a estética e sim com o sentimento, a estrutura deste teatro é o aquecimento, desenvolvimento das cenas e o compartilhar. Existem muitas formas diferentes de se fazer teatro espontâneo, mudando de acordo com seu objetivo, como teatro de plateia, teatro de multiplicação, jornal vivo, e também pelas escolhas do diretor. Esta aula tem como objetivo apresentar o que é o teatro espontâneo e suas técnicas, bem como sua aplicabilidade na prática, tendo como aporte

teórico Moysés Aguiar, Adriana Piterbarg, e os conceitos de Bergson, nossa proposta tem o desafio de ser profundo, mas com uma linguagem acessível para pessoas que não conhecem o psicodrama. Justifica-se esse trabalho pela importância do teatro espontâneo para a compreensão do psicodrama, essa é uma modalidade pouco explorada atualmente, que pode ser utilizada em trabalhos grupais nas organizações, escolas, instituições e outros, com os mais variados públicos. Em especial para psicodramatistas é fundamental conhecê-la na sua formação, sendo também um treino para o papel de ego-auxiliar. Tem-se então, como metodologia uma aula vivencial, iniciando com um aquecimento, no desenvolvimento traz-se a teoria a partir da nossa vivência como parte da Trupe Decolonial (trupe de teatro espontâneo da Casa do encontro), dialogando e co-construindo com os participantes cada momento da aula, e por fim, o compartilhar.



2045 – COMO ESTAREMOS EU E O MUNDO DAQUI A 20 ANOS: uma proposta de intervenção sociodramática sobre o futuro e o envelhecimento

*Diversidade
Vivência– 1*

*Cláudio Augusto Ferreira (ABP-DF)
claudioferreira_64@hotmail.com*

O acelerado envelhecimento da população mundial, no geral, e da população brasileira, em particular, evidencia a necessidade de reflexão sobre o tema. Existem diversos tabus que impedem a discussão sobre envelhecimento – entre eles, a crença de que um debate estaria “antecipando” a velhice e, conseqüentemente, a morte; além de uma supervalorização da juventude e da beleza atrelada a ela em nossa sociedade. São tabus que acabam por impor diversos conflitos na trajetória individual e grupal de envelhecimento e que, portanto, podem ser abordados pela ótica da Socionomia e pela prática do Sociodrama. Paralelamente, as perspectivas para o futuro – novamente em termos individuais e grupais – também podem se tornar fontes de sofrimento grupal, por conta da instabilidade mundial causada por guerras com potencial de alcance global, efeitos das mudanças climáticas (enchentes e secas em níveis alarmantes) e outros fatores, além das desigualdades socioeconômicas observadas em nosso país, que muitas vezes impedem o crescimento pessoal e profissional. A partir desse contexto, achamos pertinente utilizar o arsenal sociodramático para favorecer a explicitação dessas incertezas e conflitos no ambiente seguro e controlado do “como se”. Como uma espécie de “Teatro do Futuro”, a perspectiva é trabalhar, dramaticamente (respeitando, é claro, as etapas clássicas de Aquecimento Inespecífico e Específico; Dramatização e Compartilhamento), tanto os conflitos gerados pela incerteza de um mundo em ebulição quanto pela incerteza interna de como será enfrentado o envelhecimento individual a partir desse panorama. A proposta é aquecer o grupo com notícias sobre o contexto mundial e com outras sobre os dilemas do envelhecimento da população brasileira. A partir desse mergulho nos dois temas, a ideia é utilizar a técnica de Jornal Vivo para abordar as demandas grupais diante de um futuro conturbado e, a seguir, propor dramatizações sobre como os diversos processos de envelhecimento individual se mesclam com o grupo e com o contexto geral. O primeiro objetivo dessa intervenção é colocar o grupo diante de reflexões individuais e

grupais sobre o futuro e o envelhecimento, dois temas nem sempre presentes nas ponderações cotidianas, apesar dos reflexos que causam na rotina das pessoas. Pensamos que, mais do que o noticiário e os textos escritos, a ação sociodramática pode ser uma ferramenta poderosa para colocar os temas em evidência e dar a oportunidade ao grupo de percebê-los como temáticas grupais e não apenas individuais. Outro objetivo é que essas temáticas sejam abordadas levando em conta a diversidade do grupo que participa da intervenção. As perspectivas diferentes diante do futuro e do envelhecimento, a partir de gêneros, faixas etárias, escolaridade, origem e outros aspectos da individualidade, podem enriquecer a ação sociodramática e a explicitação de conflitos que podem ter intensidades diferentes dependendo dessas características individuais.



DIÁLOGOS ENTRE MORENO E BELL HOOKS: um jornal vivo sobre o amor

*Diversidade
Vivência – 1*

*Juliana dos Santos Soares
Universidade Federal de Minas Gerais
Instituto Mineiro de Psicodrama Jacob Levy Moreno
juliana@seremrelacao.com.br*

*Ego-auxiliar
Daniela Aparecida Cardoso da Silva
danielacardoso.psi@gmail.com*

O presente trabalho articula fundamentos do Psicodrama e da crítica cultural para promover uma reflexão coletiva sobre o amor como prática ética e política. Inspiradas na definição de bell hooks de que amar é uma escolha e um compromisso com o crescimento espiritual próprio e do outro, e ancoradas no método psicodramático do Jornal Vivo, criado por J. L. Moreno, propomos uma vivência em grupo que aborda o conceito de amor por meio de quatro eixos: 1. o amor-próprio ou autoamor; 2. o amor na dimensão afetivo-sexual; 3. o amor em comunidade ou social; e 4. o amor com o cosmos ou amor espiritual. A atividade será presencial, terá duração de duas horas e seguirá as etapas usuais de uma sessão de sociodrama: aquecimento — inespecífico e específico —, dramatização e compartilhamento. O aquecimento usará como recurso notícias atuais relacionadas ao amor e organizadas segundo os quatro eixos propostos, para que as pessoas participantes escolham uma delas e, a partir daí, se organizem em pequenos grupos, que apresentarão uma pequena síntese de uma cena inspirada na notícia. Após a apresentação das pequenas cenas, passaremos à escolha sociométrica de uma delas para seguirmos à etapa da dramatização, utilizando as técnicas do psicodrama e finalizando o trabalho com o compartilhamento. Nosso objetivo é favorecer a construção coletiva de sentidos em torno do amor, em tempos marcados por violência, individualismo e negação da alteridade, a partir do cruzamento entre experiência vivida, crítica social e ação dramática. Acreditamos que o Jornal Vivo, ao colocar a notícia em cena, permite não apenas reelaborar afetivamente os acontecimentos do mundo, mas também (re)construir posicionamentos subjetivos e éticos diante deles. Assim, a proposta se constitui

como um espaço potente de cuidado coletivo, de resistência criativa e de reencantamento com as possibilidades de amar no mundo contemporâneo.



DO PALCO À PALAVRA: a escrita psicodramática como resistência epistemológica decolonial

*Educação
Aula vivenciada – 2*

*Ana Gabriela Rosa de Andrade Asevedo
Casa do Encontro
055403tp@gmail.com*

*Ego-auxiliar
Maria Clara Defendi
cdfeliciano@gmail.com*

Esta aula vivencial propõe ativar corpo, emoção e palavra como canais legítimos de expressão simbólica e subjetiva, por meio da pedagogia psicodramática inspirada na filosofia de Jacob Levy Moreno. Os participantes serão convidados a vivenciar um psicodrama interno, utilizando técnicas como a fantasia dirigida, em um espaço de escuta sensível, elaboração afetiva e experimentação criativa. Parte-se da compreensão do psicodrama como forma de produção de conhecimento corporificado, relacional e transformadora, na qual o sujeito é autor, personagem e pesquisador de sua própria cena. A proposta utiliza a escrita psicodramática como resistência epistemológica decolonial e prática de reinvenção de si, reafirmando a potência da linguagem poética e simbólica na construção de saberes situados e afetivamente comprometidos. Ancorada em epistemologias que valorizam o sensível, o experiencial e o artístico, convoca os participantes a mobilizar o sentipensar e o corazonar — formas integradas de conhecer que articulam razão, corpo e emoção. Essa atividade dialoga com os objetivos do EPCO ao fortalecer práticas psicodramáticas nos campos da educação, clínica e comunidade, promovendo a produção de narrativas coletivas que entrelaçam estética, ética e política como fundamentos para a transformação individual e social. Escrita psicodramática como resistência epistemológica decolonial, prática estética, política e de autoconhecimento. Aula vivencial baseada na pedagogia psicodramática moreniana, com uso de fantasia dirigida e psicodrama interno. Os objetivos da aula vivencial são ativar o corpo, a emoção e a palavra como canais legítimos de expressão simbólica e subjetiva; criar um espaço seguro de escuta sensível, elaboração afetiva e experimentação criativa e espontânea; utilizar a escrita criativa como prática de resistência, imaginação e reinvenção de si e do mundo; reconhecer a potência da criação poética e simbólica como linguagem válida na produção de saberes; percorrer caminhos epistemológicos que valorizem o sensível, o artístico e o experiencial como fundamentos da escrita psicodramática; compreender a escrita psicodramática como ato de pesquisa e intervenção, no qual o sujeito é simultaneamente autor, personagem e pesquisador de sua própria cena; estimular a articulação entre estética, ética e política na produção de narrativas que emergem do encontro entre corpo, afeto e linguagem; e experienciar o sentipensar e o corazonar como

formas integradas de conhecimento, nas quais razão, emoção e corpo dialogam na construção de sentidos e saberes situados, relacionais e comprometidos com a vida.



DO PESO À POTÊNCIA ORGANIZACIONAL: humanizando os papéis na era do esgotamento

Organizacional
Aula Vivenciada – 2

Yasmine Taveira
Universidade Estadual Paulista
Casa do Encontro
yataveira@gmail.com

Este projeto propõe uma aula vivencial fundamentada no método psicodramático, com foco na humanização da liderança frente ao crescente adoecimento emocional de gestores, líderes, equipes em geral, em contextos corporativos. Propondo promover consciência crítica e relacional sobre o papel do líder, permitindo a ressignificação de padrões autocríticos e exaustivos por meio de uma abordagem coletiva, afetiva e experiencial, cientes do aumento significativo de quadros de burnout em posições de liderança e funcionários revelando um padrão recorrente de autocobrança extrema, negação das necessidades emocionais e isolamento afetivo. Tais comportamentos estão associados ao que se denomina "modo autotirânico" — postura psíquica marcada pela exigência desmedida de performance e pela desconexão subjetiva. Frente a esse cenário, torna-se urgente a criação de estratégias formativas que integrem saúde mental, afetividade e gestão. O psicodrama, enquanto método vivencial de intervenção e aprendizagem, oferece ferramentas potentes para esse enfrentamento. Os Promover a autorreflexão sobre o papel de liderança a partir de experiências reais; Estimular a escuta empática e a co-regulação entre pares; Resignificar vivências de sobrecarga por meio da espontaneidade criadora; Desenvolver práticas de liderança mais saudáveis, sustentáveis e humanas. A Metodologia proposta será conduzida por meio de aula vivencial estruturada nas etapas clássicas da pedagogia psicodramática: Aquecimento dirigido: sensibilização corporal e emocional; Levantamento de experiências reais: cenas críticas do cotidiano da liderança; Criação coletiva: uso de técnicas como inversão de papéis e solilóquio; Compartilhamento e ancoragem teórica: reflexão coletiva e articulação com autores da psicologia organizacional e do psicodrama. Ao final da vivência, espera-se que os participantes ampliem sua consciência emocional, reconheçam seus limites e fortaleçam uma postura de liderança mais humana, relacional e equilibrada. O impacto esperado é a construção de ambientes de trabalho mais saudáveis e a redução de padrões autoimpostos de exaustão, contribuindo para culturas organizacionais mais éticas e afetivamente sustentáveis.



DRAMATIZANDO O DESENVOLVIMENTO: a intervenção psicossocial por meio do esporte na juventude

*Assistência Social
Roda de conversa – 3*

*Ana Luisa Tavares Amorim
Centro Universitário Municipal de Franca
24094@unifacef.edu.br*

Este estudo fundamenta-se em um ensaio reflexivo construído a partir de um relato de experiência, que aborda a aplicação de práticas do Psicodrama no campo da Psicologia Social. Trabalhando a abordagem, concebida por Jacob Levy Moreno, que se configura como uma abordagem voltada à promoção do autoconhecimento, do desenvolvimento das relações interpessoais e da transformação social por meio da dramatização e da ação compartilhada em grupo. Foi apresentado como proposta para atuação com o público de crianças e adolescentes inseridas em um contexto de maior vulnerabilidade, em um município localizado fora dos grandes centros urbanos, configurando-se como um grupo social que está exposto à violência, evidenciando a necessidade de que o indivíduo seja participante de sua rede de relações, e diante de situações de sofrimento psíquico, possa reconhecer e acessar espaços de escuta e acolhimento, como grupos terapêuticos, instituições de saúde mental, profissionais capacitados, e projetos sociais que ofereçam um ambiente seguro, nos quais seja possível revelar sua vivência, ressignificar seus papéis e mobilizar recursos internos e sociais para lidar com os desafios enfrentados. Para que todas as necessidades fossem asseguradas, foi inserida no cenário a prática esportiva como recurso de mediação, através de um projeto oferecido por uma Secretaria de Esportes de uma cidade do interior do estado de São Paulo. O esporte, nesse contexto, não se limitou à atividade física, mas operou como palco privilegiado para vivências de exclusão, agressividade e invisibilidade social, permitindo ressignificações, que através das observações participantes realizadas no primeiro semestre, permitiu identificar demandas psicossociais significativas, as quais subsidiaram a construção da proposta do plano de estágio. A partir desse diagnóstico inicial, delineou-se como estratégia central de intervenção a implementação de atividades sociodramáticas, a serem desenvolvidas semanalmente a partir do início do segundo semestre. Fundamentadas na abordagem psicodramática, tais atividades visam favorecer e estimular processos de fortalecimento identitário, ampliação do senso de pertencimento e desenvolvimento de competências relacionais, especialmente por contextos marcados pelo que foi levantado no período de observações, sendo relacionado com a disponibilização do espaço seguro para aqueles que estão inseridos em um contexto de negligência, desde os primeiros aspectos de socialização de um indivíduo como pertencente de um grupo social. A vivência mostrou-se potente ao favorecer o aquecimento emocional e relacional dos participantes, promovendo empatia, autoestima e o exercício da solidariedade, enaltecendo os potenciais do esporte como espaço de construção de vínculos, ampliação da espontaneidade e desenvolvimento do papel social de pertencimento. Conclui-se, portanto, que a aplicação sociodramática configura-se como uma ferramenta fundamental para promover processos de identificação, pertencimento e ressignificação de papéis. Ao serem acolhidos por um projeto de esporte e sociedade, oferecido por uma rede pública localizada em um município do interior, os jovens passam a reconhecer seu lugar no grupo, identificar a quem recorrer diante de situações de sofrimento e acessar redes de apoio. Nesse contexto, o campo esportivo torna-se um espaço de construção

de novos sentidos existenciais, rompendo com dinâmicas de negligência social que historicamente atravessam suas trajetórias pessoais e coletivas.



É POSSÍVEL NÃO ADOECER NO TRABALHO? RELATO DE PRÁTICA DE UMA EXPERIÊNCIA DE SAÚDE PREVENTIVA PARA PROFESSORES DA REDE PÚBLICA

*Educação
Roda de Conversa – 3*

*Ticiane Silva Raymundo
Instituto de Psicodrama Dramatriz
ticianeray@gmail.com*

Há anos fala-se dos processos de adoecimento que acometem os profissionais da educação, destacando a Síndrome de Burnout. Trata-se de um distúrbio psíquico, que desde dos primeiros estudos de Herbert Freudenberger, nos anos 1970, do século XX, apresenta-se através de exaustão física, emocional e mental crônica, geralmente resultantes de um cotidiano estressante de cobranças e conflitos. Provocada pela urgência de ações no âmbito da saúde preventiva nos ambientes escolares, com intervenções que estimulem a saúde dos profissionais e estudantes, o presente trabalho monográfico fora desenvolvido no intuito de contribuir na produção de conhecimentos sobre o tema do sofrimento psíquico no ambiente escolar. O objetivo foi discutir a saúde mental do docente a partir das contribuições do psicodrama e da psicodinâmica do trabalho, propondo um olhar não patologizante para o conjunto de relações que se estabelecem no ambiente escolar, considerando que “o sofrimento psíquico dos trabalhadores, como ressalta Dejours (1987), nasce do choque entre uma história individual (portadora de projetos, de esperanças e de desejos) e uma organização do trabalho que os ignora. Tratar-se de um sofrimento de natureza mental que se inicia quando o professor, gradativamente, perde a autonomia e a possibilidade de fazer modificações na sua tarefa no sentido de torná-la conectada com seus interesses e objetivos pessoais. As considerações de Dejours (1987) nos convidam a pensar a saúde mental docente a partir da espontaneidade e criatividade, conceitos fundamentais para o Psicodrama. Para responder aos objetivos supracitados os resultados que seguirão se constituíram mediados por técnicas do Sociodrama aplicado à professores readaptados da Prefeitura do Município de São Paulo. Ao todo foram realizados 4 encontros com participação voluntária dos professores readaptados. Isso possibilitou a compreensão de que a metodologia psicodramática se mostrou apropriada por criar momentos de escuta das experiências de vida e do sofrimento causado pela nova rotina de trabalho. Motivados pelas técnicas do Sociodrama, professores que antes narravam sentimentos de frustração, perda e abandono passaram a relatar desafios vivenciados no cotidiano das escolas, a busca de reconstrução do papel profissional, o impacto do novo papel na identidade profissional e a descoberta de novos caminhos e possibilidades de atuação. Por tais resultados, pode-se asseverar que no caso dos professores readaptados o Psicodrama mostrou-se como uma estratégia de intervenção bem-sucedida proporcionando um ambiente acolhedor e potencializador para a saúde mental docente.



ENTRE A REVOLUÇÃO CRIADORA E A REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Educação
Roda de Conversa – 3

Maria Fernanda dos Reis Queiroz
Centro Universitário Municipal de Franca
m.fernandareisq@gmail.com

Daniela de Figueiredo Ribeiro
Centro Universitário Municipal de Franca
danifiribeiro@yahoo.com.br

Ao longo da história humana, diversas formas foram pensadas para promover mudanças macro e micro na sociedade. Sobre a mudança macro (estrutural), pode-se partir da ideia de vários autores, pois apesar de concordarem com o fim do sistema vigente, os princípios e a maneira de se fazer são diferentes, por esta razão que não se pode colocar a revolução estrutural em uma mesma caixinha epistemológica. Segundo Gramsci (2020) nenhuma organização se estrutura sem uma disciplina, fazendo com o que a filiação em um partido político seja crucial para o ato de independência. Toda organização é regida por princípios que sustentam sua base de criação, sendo assim há diferentes princípios de organizações partidárias que pensam a revolução socialista. Por outro lado, a revolução micro (revolução no cotidiano), também possui seus diferentes autores e princípios, que compreendem que a mudança se faz no nível dos sujeitos e pequenos grupos, pois, o que precisa urgentemente é lutar contra uma produção de subjetividade adoecida para que seja possível viver espontaneamente de fato, recriando a realidade. O objetivo deste trabalho, então, é uma tentativa de discutir os princípios de uma revolução socialista, proposta por Leon Trotsky assumido por uma vertente partidária política no Brasil do PSOL e os princípios da revolução criadora proposta por Jacob L. Moreno realizada através do psicodrama. A metodologia é uma discussão temática entre a Carta de Princípios da Resistência (partido do PSOL) e os escritos sobre a revolução criadora proposta por Moreno por meio do psicodrama. A partir dos resultados encontrados, a Carta de Princípios (Resistência PSOL 50) possui dez doutrinas inegociáveis, que abordam que o único objetivo para uma emancipação humana é o de uma revolução socialista através de uma ruptura abrupta de toda ordem social. Além disso, são evidenciados o centralismo democrático e o partido revolucionário como norteadores deste processo. Moreno (2024) reconhecia o sofrimento em decorrência de uma miséria social e econômica, mas também confirmava outras formas de miséria, reconhecendo o chamado “proletariado terapêutico” (Ribeiro, 2024, p.52), e a forma de emancipação seria pela revolução criadora. Tal revolução é, segundo Moreno (2008) o resultado de uma estratégia que escapa da armadilha da conserva cultural, que se daria no seio dos grupos por meio da cocriação de outros modos ser no mundo (Ribeiro, 2024). Os princípios para uma revolução socialista acontecer são ditos de forma enrijecidas e sem movimento, visando apenas o fim sem apostar que a mudança se dá primeiro pelo sujeito, e a revolução criadora é justamente o contrário, onde o homem é criador e supera a conserva cultural sem ser de forma destrutiva. Dessa forma, compreende-se que ambas revoluções possuem como objetivo a emancipação, no entanto com ideais diferentes e formas distintas, uma sendo arquitetônica e outra como movimento, mas a proposta deste trabalho não é colocar uma em detrimento de outra, mas reconhecer a legitimidade de ambas.



ENTRE BRINCADEIRAS E PAPÉIS: o sociodrama como caminho na psicologia escolar

Educação
Roda de conversa – 3

Beatriz Cristina Chimelo
Centro Universitário Municipal de Franca
beatrizchimelo28@outlook.com

Fernanda Sanches Carreiras
Centro Universitário Municipal de Franca
fsanchescarreiras@gmail.com

Daniela de Figueredo Ribeiro
Centro Universitário Municipal de Franca
Casa do Encontro
danifiribeiro@yahoo.com.br

Este trabalho possui o objetivo de apresentar um relato de experiência de estágio em Psicologia Escolar, realizado com crianças de cinco a seis anos, utilizando o sociodrama como metodologia central, e os espaços da escola como potencializadores para a ação, a partir da perspectiva da escola como *locus* de expressão criativa e imaginação, passando assim, a olhá-la de outras maneiras e encontrar novas formas de vivenciá-la. O sociodrama como método interventivo, busca tratar os processos grupais através de intervenções em situações problemáticas, através da ação. As intervenções ocorreram em contexto socioeducativo, proporcionando um espaço de experimentação e construção coletiva. O sociodrama enquanto método ativo, permitiu a integração entre vivências individuais e grupais, possibilitando o desenvolvimento da espontaneidade, criatividade e habilidades socioemocionais. Através do contato com elementos da natureza com a ecoarte, como terra, água, ar e fogo, as crianças puderam explorar diferentes papéis, experimentar novas formas de estar em grupo e ressignificar conflitos. O processo sociodramático se mostrou potente na condução de temas emergentes no grupo, permitindo que as crianças elaborassem suas vivências de forma lúdica e compartilhada no grupo. O manejo das sessões exigiu flexibilidade, escuta ativa e sensibilidade para acompanhar as demandas que surgiam, respeitando os tempos individuais e coletivos. A experiência mostrou que o sociodrama pode ser uma ferramenta eficaz no contexto escolar, possibilitando a criação de espaços seguros para a expressão, a construção de vínculos e o fortalecimento das competências socioemocionais. Conclui-se que práticas sociodramáticas no ambiente educativo contribuem para um desenvolvimento mais livre, espontâneo e integrador das crianças.



ENTRE CENAS E VOZES: um olhar sociodramático sobre a docência pública

Educação
Roda de Conversa – 3

Livia Ponce Garcia
Centro Universitário Municipal de Franca
23856@unifacef.edu.br

Yasmim Caroline Assunção Reis
Centro Universitário Municipal de Franca
24081@unifacef.edu.br

Ana Luisa Tavares Amorim
Centro Universitário Municipal de Franca
24094@unifacef.edu.br

Este estudo tem como objetivo apresentar a revisão da teoria psicodramatista por meio de um relato de experiência sociodramática desenvolvida por alunas da matéria de Técnicas e Teorias de Grupo do curso de Psicologia, com uma equipe de professores atuantes em uma Instituição de Ensino Pública do interior paulista. A proposta foi aplicada junto a docentes das áreas de Linguagens e Ciências Biológicas, revelando que, mesmo com formações distintas, houve uma expressiva convergência de vivências e angústias compartilhadas no cotidiano da prática docente. O setting sociodramático foi cuidadosamente elaborado a fim de despertar a matriz de identidade profissional dos participantes, por intermédio da promoção de vínculos através do encontro, escuta sensível e dramatizações que possibilitam a elaboração simbólica das vivências docentes. A metodologia adotada baseou-se na estrutura clássica do Psicodrama, sendo dividida em cinco momentos: aquecimento inespecífico, técnicas de relaxamento, aquecimento específico com uso da sociometria, dramatização e compartilhamento. As dinâmicas permitiram o acesso a aspectos subjetivos da trajetória profissional dos docentes, proporcionando um espaço de expressão autêntica, reconhecimento de si e dos outros e construção de sentidos compartilhados sobre o fazer pedagógico. Como resultado, emergiram reflexões profundas acerca do papel social do educador, apontando para a ruptura com modelos tecnicistas e padronizados da educação, valorizando a experiência, a sensibilidade e o afeto como elementos estruturantes do processo de ensino-aprendizagem. Entre os temas discutidos, destacou-se a insatisfação generalizada frente à sobrecarga de plataformas digitais impostas pelos órgãos governamentais. Essas ferramentas, frequentemente introduzidas sem escuta prévia ou adequação à realidade escolar, foram compreendidas como instrumentos de controle que diminuem a autonomia docente, dificultam a personalização do ensino e intensificam a pressão institucional sobre os professores. Os relatos, tanto de professores da área de Biológicas quanto de Linguagens, evidenciaram que essa imposição prejudica a fluidez na elaboração das aulas, desvalorizando a experiência profissional e gerando sentimento de impotência e esvaziamento. Além disso, os participantes relataram o impacto emocional causado pela fragmentação das rotinas, pela falta de apoio institucional e pelas cobranças constantes por resultados. Esses fatores contribuem diretamente para o adoecimento psíquico dos educadores, que se sentem sobrecarregados, desamparados e cada vez mais distantes do sentido original de sua escolha profissional. Diante desse cenário, torna-se urgente a atuação de profissionais da Psicologia na construção de redes de cuidado e apoio

contínuo ao corpo docente. A criação de espaços seguros de escuta, reflexão e acolhimento pode promover o fortalecimento da saúde mental dos professores e resgatar o entusiasmo pelo exercício do magistério. Os resultados apresentados através dos relatos, expressam a importância de garantir condições para o bem-estar físico, emocional e psíquico dos educadores é essencial para a manutenção da qualidade do ensino, da permanência docente e da construção de ambientes escolares mais humanos e colaborativos. Conclui-se, portanto, que a aplicação sociodramática revelou-se uma ferramenta relevante para o pensar sobre a prática docente, abrindo um espaço de dramatização do cenário. Sendo assim, o sociodrama emerge como uma ferramenta potente para o desenvolvimento pessoal e profissional do professor.



ENTRE RESISTÊNCIAS E AFETOS: relato de experiência de intervenções grupais no contexto escolar

*Educação
Roda de Conversa – 3*

*Geovana Silva Marques
Centro Universitário Municipal de Franca
geovanasiilvam@gmail.com*

*Maria Rita Garcia Borges
Centro Universitário Municipal de Franca
gb.mariarita@gmail.com*

*Daniela de Figueiredo Ribeiro
Centro Universitário Municipal de Franca
Casa do Encontro
danifiribeiro@yahoo.com.br*

Esse trabalho tem o objetivo de relatar a experiência de um estágio em contexto escolar em que foi utilizada a metodologia do sociodrama para intervenção grupal com adolescentes que estavam no oitavo e nono ano, de treze a quinze anos, do ensino fundamental II em uma escola pública integral. Esse relato de experiência foi pensado para que se possa relatar as dificuldades e potencialidades observadas pelas estagiárias, com o objetivo de promover e facilitar as discussões sobre grupos em contextos escolares, podendo assim levar a uma maior compreensão da inserção de grupos nesse contexto. A partir disso, foi possível refletir as dificuldades do contexto escolar e de conflitos sociométricos, e com isso dificultou para que o processo fosse mais profundo e leve. O conflito sociométrico surgiu porque a maioria do grupo era da mesma sala e tinham conflitos internos. Por esses conflitos e a percepção de que as estagiárias seriam professoras, as diretoras se sentiam atacadas e desafiadas e com dificuldade de estabelecer papéis horizontais. Na tentativa de solucionar os conflitos sociométricos, a falta de interesse pelas atividades propostas e o tempo reduzido do grupo para trabalhar esses conflitos, foi necessário fazer uma seleção a partir do interesse de pessoas no clube, reduzindo o tamanho do grupo. Além da redução, as estagiárias tinham que se

redescobrir a cada sessão, propondo cada vez formas diferentes de trabalhar. As dificuldades também foram apresentadas perante a coordenação da escola, que não compreendia o que estava sendo feito e demonstrou cada vez mais resistência no método de trabalho, em especial depois da necessidade de diminuir a quantidade de alunos no grupo. Dessa forma, é possível compreender como no contexto escolar é possível encontrar resistências ao trabalho, tanto pelos alunos, por conflitos internos, como também pela coordenação. Mesmo com todas as resistências, foi percebido que os alunos refletiram sobre os temas trazidos a partir do compartilhar, principalmente de forma escrita.



ESTÃO TODOS DORMINDO: a técnica da planta da casa como recurso de escuta no psicodrama infantil

*Saúde/Clínica
Aula Vivenciada – 2*

*Fabiana Mara Esteca
Universidade de São Paulo
Sociedade de Psicodrama de São Paulo
fabiana@email.com*

A aula vivenciada “Estão todos dormindo: a técnica da planta da casa como recurso de escuta no psicodrama infantil” propõe a experimentação de um instrumento expressivo-dramático utilizado na clínica com crianças, articulado à apresentação de um estudo de caso. A técnica da planta da casa convida a criança a representar graficamente o espaço habitado, organizando afetos, vínculos e experiências subjetivas por meio da disposição dos cômodos e das figuras familiares. A proposta tem como objetivo sensibilizar os participantes para o uso clínico do desenho como recurso simbólico de acesso ao mundo interno infantil e refletir sobre os atravessamentos familiares, emocionais e sociais que marcam a infância em sofrimento. A atividade inicia-se com um aquecimento psicodramático para despertar a espontaneidade e preparar o grupo para a ação. Em seguida, os participantes serão convidados a desenhar a planta da casa da sua infância e a posicionar nela, livremente, os membros que a habitavam. Os desenhos serão compartilhados em pequenos grupos, como forma de aquecer a escuta e favorecer a troca simbólica. Após esse momento, será apresentado o acompanhamento psicoterapêutico de um menino de 9 anos, cujos comportamentos escolares disruptivos expressavam uma demanda profunda por proteção e presença parental. Ao desenhar a planta de sua casa durante uma sessão, o menino distribuiu os membros da família em cômodos isolados, justificando que “estavam todos dormindo” — frase que ressoava sua vivência de ausência, invisibilidade e abandono. O processo revelou sinais de sofrimento psíquico, como medos noturnos, fantasias de invasão, presença de baratas nos desenhos, comportamentos de autoestimulação e pistas de possível situação de abuso. A partir da planta desenhada, serão propostas dramatizações com os participantes, utilizando técnicas psicodramáticas como inversão de papéis, duplo e solilóquio. A aula é voltada a profissionais e estudantes da área da saúde mental, interessados na clínica com crianças e no uso de dispositivos expressivos e dramáticos como via de escuta e intervenção. A atividade busca ampliar a compreensão sobre

o lugar do terapeuta na escuta simbólica e corporal da criança, fortalecendo as práticas psicodramáticas nos contextos clínicos e institucionais contemporâneos.



EU VOU CANTAR, NEM QUE SEJA PRA CANTAR DE DOR

Diversidade
Vivência – 1

Livia Aquino Alves
Casa do Encontro
liviaaquinoalvespsi@gmail.com

Egos-auxiliares
Geovana Silva Marques
geovanasiilvam@gmail.com

Maria Giulia Pedrucci
magiupedrucci21@gmail.com

Pedro Rodrigues Geron
pedro_rgeron@gmail.com

A partir das repressões e silenciamentos que historicamente atravessam a existência humana — sobretudo aqueles impostos a grupos socialmente marginalizados e minoritários — esta vivência, intitulada “Eu vou cantar, nem que seja pra cantar de dor”, propõe-se como um espaço seguro de expressão e de existência grupal. O título, que faz referência à música “Festa do Adeus”, de Júlio Secchin, evoca a potência da arte e da voz como formas de resistência, mesmo quando marcada pela dor que se estabelece nas inconsistências e ambivalências da vida e da alma, nos gritos sufocados, na tensão entre o desejo e o embotamento, no vazio e no transbordamento e, enfim, na inerência à dualidade. Nesse contexto, o ato de expressar a voz torna-se símbolo de resistência e de afirmação da própria existência no mundo, considerando a experiência de vivenciar em grupo como um caminho potente na construção de protagonismo e na experimentação de comunidade, objetivando o favorecimento do exercício da espontaneidade e da criatividade. Por fim, a condução da vivência seguirá os métodos tradicionais de um sociopsicodrama, estruturando-se em suas quatro etapas clássicas, sendo elas: aquecimento inespecífico, aquecimento específico, dramatização e compartilhamento. Essas etapas favorecem o envolvimento gradual do grupo, o surgimento de temáticas relevantes e a construção de cenas simbólicas que possibilitam dar voz às subjetividades do Ser reprimidas e silenciadas. Em essência, por fim, trata-se de uma proposta que integra arte, saúde mental e transformação social, promovendo um ambiente de acolhimento, escuta, troca de experiências e expressão como via de fortalecimento individual através do coletivo.



Grupo Socioeducativo no Contexto da Liberdade Assistida



*Assistência Social
Roda de Conversa – 3*

*Fabiola Guarnieri Nicolau Rosa
Uniube
fabiolanicolau@gmail.com*

*Marissa Vanini Garcia Neves Marques
Casa do Encontro
marissavg@hotmail.com*

O grupo socioeducativo voltado a adolescentes em cumprimento da medida de Liberdade Assistida (LA) configura-se como uma estratégia de acompanhamento e responsabilização que visa o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, a construção de projetos de vida e a prevenção da reincidência. A atuação do grupo está alinhada às diretrizes do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) e da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), com base nos princípios da proteção social especial de média complexidade. A proposta do grupo considera o adolescente como sujeito de direitos, inserido em contextos sociais marcados por vulnerabilidades e desigualdades. Por isso, ao invés de punir, busca-se compreender os fatores que contribuíram para o ato infracional, oferecendo suporte psicossocial para o desenvolvimento de habilidades, autoestima e senso de pertencimento. O grupo em questão é da cidade de Pedregulho - SP. É mediado pela responsável da LA da cidade, em parceria com a psicóloga do CRAS (pois na cidade não tem CREAS), que usa o Psicodrama como base norteadora. As atividades são realizadas quinzenalmente, com vivências sociodramáticas, rodas de conversa, oficinas de arte e debates sobre temas relevantes, como cidadania, juventude, violência, racismo, drogas, masculinidades, educação, mercado de trabalho, dentre outros. Mas, para além do tema escolhido, o entendimento das transversalidades que envolvem o projeto de Liberdade Assistida precisa ser entendido pelos próprios adolescentes. Nos encontros, cria-se um espaço protegido em que os adolescentes podem se expressar sem julgamento, compartilhar suas vivências e refletir sobre suas escolhas e consequências. A escuta ativa e o acolhimento são fundamentais para estabelecer vínculo com os participantes, que muitas vezes chegam resistentes, descrentes ou coagidos. Dessa maneira, somada a uma direção a luz do psicodrama, fica possível fomentar a reestruturação dos vínculos perdidos. A participação das famílias também é incentivada por meio de encontros, reconhecendo a importância do apoio familiar na efetivação da medida. Muitas vezes, a família também se encontra em situação de vulnerabilidade e necessita de orientação e fortalecimento. Entre os resultados observados, destaca-se a ampliação da consciência crítica dos adolescentes sobre seus direitos e deveres, o fortalecimento de vínculos com a rede de proteção, e a melhoria das relações familiares e sociais. Ainda que nem todos os participantes apresentem mudanças imediatas, o grupo promove um processo de construção subjetiva e coletiva que contribui para a ruptura de ciclos de exclusão e violência, ou seja, é possível rematizar as vivências dos adolescentes que os fizeram chegar até ali. Assim, o grupo socioeducativo no contexto da Liberdade Assistida se consolida como uma importante

ferramenta para efetivar a medida de forma pedagógica, humana e transformadora, respeitando os princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e os marcos do SUAS (Sistema Único de Assistência Social). É por meio da escuta, do vínculo e da promoção de vivências significativas que se possibilita ao adolescente ressignificar e rematizar sua trajetória e construir novos caminhos de cidadania e pertencimento.



HERÓIS E VILÕES NA LIDERANÇA DE GRUPOS

*Organizacional
Vivência – 1*

*Gabriela Maia de Almeida
Casa do Encontro)
bi31maia@gmail.com*

*Egos-auxiliares
Marina Vanini Pinheiro
marinavpinheiro@gmail.com*

*Natasha Pereira Barbosa
natashapbarbosa@hotmail.com*

Esta vivência propõe nos conectarmos com os papéis de liderança que ocupamos nos espaços grupais que habitamos e refletirmos sobre a dicotomia dos heróis e vilões na liderança de grupos. Atualmente, o papel de liderança busca valorizar competências como eficiência, gestão de resultados, comunicação estratégica e inteligência emocional. Embora haja avanços na valorização da escuta e da inclusão, a prática ainda costuma se organizar em estruturas hierárquicas rígidas, que limitam a espontaneidade e dificultam que lideranças se mostrem vulneráveis ou fora de seus papéis convencionais. Em contraste, uma liderança à luz do psicodrama, propõe uma abordagem centrada no desenvolvimento da espontaneidade, tele-escuta ativa e autenticidade. Essa perspectiva entende o grupo como um organismo vivo, em que o líder é também um participante sensível às dinâmicas relacionais, incentivando a co-construção de sentidos e a circulação de papéis. Assim, trazendo a reflexão de que neste lugar não há heróis e vilões, mas pessoas com suas dificuldades e potências. A liderança, segundo essa visão, não se impõe pela autoridade formal, mas se exerce a partir de relações horizontais e um ambiente psicologicamente seguro, onde todas as pessoas – inclusive os líderes – possam se vulnerabilizar, experimentar novos papéis e dialogar com liberdade. A escuta ativa e a empatia tornam-se ferramentas essenciais para despertar o potencial criativo e colaborativo do grupo, promovendo transformações individuais e coletivas mais profundas. Essa forma de liderar desafia o modelo tradicional de controle e previsibilidade, priorizando o encontro humano genuíno, a construção conjunta e o protagonismo partilhado como caminhos para uma liderança mais ética, conectada e transformadora.



HOMENS EM REFLEXÃO: o uso do psicodrama em grupos com autores de violência

*Assistência Social
Roda de Conversa – 3*

*Eduardo Henrique de Andrade Pimentel
Centro Universitário Municipal de Franca
eduardodeandradepimentel@gmail.com*

*Augusto Henrique de Lima Norinho
Centro Universitário Municipal de Franca
augustolnorinho@gmail.com*

*Daniela de Figueiredo Ribeiro
Centro Universitário Municipal de Franca
Casa do Encontro
danifiribeiro@yahoo.com.br*

*Valéria Beghelli Ferreira
Centro Universitário Municipal de Franca
valbeghelli@yahoo.com.br*

A violência contra a mulher é qualquer ato ou conduta, baseada no gênero, que cause algum dano à vítima, seja por meio da violência física, sexual, psicológica, moral ou patrimonial. Levando em conta essa definição, observa-se, a partir de análises e estudos, que essa violência está enraizada em fatores históricos e sociais sustentados por relações de poder desiguais entre os gêneros, que contribuem para a manutenção do sistema patriarcal na sociedade. Embora existam diversas iniciativas voltadas ao acolhimento das mulheres em situação de violência, as ações direcionadas aos homens autores da agressão ainda são limitadas, sendo comum que a resposta se restrinja à punição, como a prisão que, muitas vezes, não promove uma mudança efetiva de comportamento. Nesse sentido a Lei Maria da Penha preconiza a criação de grupos reflexivos para homens autores de violência, sendo um espaço em que os homens que praticaram a violência contra suas parceiras participam de encontros para refletirem sobre suas ações e comportamentos. Portanto, este trabalho objetiva relatar a aplicação de ferramentas do Psicodrama e do Sociodrama em um estágio na área da Psicologia Social, supervisionado pela professora Valéria Beghelli, e realizado em um Grupo Reflexivo com homens autores de violência, promovido pelo Ministério Público do município de Franca-SP, onde ocorreram os encontros conduzidos pelos estagiários. É importante destacar que, embora a supervisão institucional do estágio tenha sido conduzida pela referida professora, as orientações específicas relacionadas ao uso das técnicas psicodramáticas foram revisadas pela professora Daniela Ribeiro, que possui formação na abordagem. O grupo reflexivo segue um formato preestabelecido pelo Ministério Público, com ciclos de seis encontros de aproximadamente 45 minutos cada. A metodologia adotada pelos estagiários incorporou técnicas e recursos do Psicodrama aprendidos ao longo da graduação, por meio de vivências na Casa do Encontro, experiências em estágio de Psicologia Escolar com base psicodramática, participação em congressos da área e em aulas da disciplina de Teorias e Técnicas de Grupos. As determinadas ferramentas psicodramáticas utilizadas foram adaptadas à realidade e ao tempo dos encontros, priorizando momentos de aquecimento, dinâmicas de grupo, debates

mediados e exercícios que permitissem aos participantes revisitarem suas vivências, com o intuito de reconhecerem padrões de comportamento. As ações buscaram não apenas abordar a violência de forma direta, mas também trabalhar questões ligadas às masculinidades, às emoções e às formas de se relacionar. O trabalho demonstrou que, ainda que com limitações estruturais, os grupos reflexivos representam um espaço possível de transformação e ressignificação para os homens participantes. No contexto do grupo reflexivo com homens autores de violência, essa abordagem se mostrou especialmente potente por permitir a expressão simbólica, corporal e emocional das experiências, muitas vezes silenciadas ou reprimidas. Ao utilizar recursos como dramatizações, imagens, objetos e cenas da vida cotidiana, o psicodrama possibilitou que os participantes pudessem se ver em diferentes papéis, revisitando vivências marcantes e questionando os modelos de masculinidade que internalizaram ao longo da vida.



INSPIRA, PIRA, CRIA E EXPIRA: cultivando nosso fluxo criativo através da arte

*Saúde/Clínica
Vivência – 1*

*Sara Rodrigues de Souza
Casa do Encontro
sara.rodrsouza@gmail.com*

*Ego-auxiliar
Pedro Rodrigues Geron
pedro.rgeron@gmail.com*

Este projeto propõe uma intervenção sociodramática com o objetivo de proporcionar às pessoas um processo de reconexão com sua subjetividade. Através da arte de colagem e da abordagem psicodramática, busca-se criar um espaço de encontro genuíno, onde a expressão simbólica e a elaboração subjetiva possam ocorrer. Nesse ambiente, os participantes terão a oportunidade de revisar papéis cristalizados e conservar culturais que os afastaram de sua essência criativa. A metodologia adotada será o sociodrama, estruturada em três momentos principais: um aquecimento inespecífico para promover a integração do grupo; um aquecimento específico, focado nas condições que nos afastam de nossa criatividade; e a dramatização, onde cenas espontâneas emergirão a partir da experiência de criação no aqui-agora. Segundo Moreno, as estruturas civilizatórias tendem a reprimir a espontaneidade, bloqueando a matriz espontânea que molda nossa personalidade. As normas sociais do mundo contemporâneo limitam nossa liberdade de resposta, transformando-nos em parte de uma conserva cultural. No entanto, a cultura deve servir como um ponto de partida para a criação, e não como um aprisionamento da expressão humana. A espontaneidade e a criatividade são fundamentais para uma vida autêntica e para a participação plena na vida coletiva. O Psicodrama expande o campo da expressão humana, superando os limites do discurso e criando espaço para o simbólico e o sensível. Assim, o Psicodrama se une à arte, formando instrumentos terapêuticos que possibilitam a organização do caos emocional e a expressão segura de dores e desejos. Os encontros utilizarão recursos expressivos, como imagens e

música, para estimular a ação simbólica e proporcionar uma vivência plena do presente, do aqui-e-agora. A condução psicodramática prioriza a escuta ativa, o acolhimento e a espontaneidade como pilares do processo, co-construindo junto aos participantes cada momento da atividade e, por fim, promovendo o compartilhamento das experiências.



IRMÃOS ESCOLHIDOS: reflexões a respeito da potência curativa dos vínculos fraternos

*Saúde/Clinica,
Aula Vivenciada – 2*

*Adelsa Maria Alvarez Lima da Cunha
SOPSP
fadcunha@uol.com.br*

*Ego-auxiliar
Maria Luiza Vieira Santos
mluizavs@yahoo.com.br*

Num mundo em constante e rápida transformação, é inevitável que as famílias apresentem mudanças significativas em suas configurações, e os psicoterapeutas que foram formados com modelos teóricos de desenvolvimento pensados há décadas precisam rever determinados conceitos que hoje já não mais se aplicam. Ou, pelo menos, já não se aplicam a muitos dos que chegam aos seus consultórios. É inquestionável que as primeiras fases do desenvolvimento são muito importantes e que elas matizam a autoimagem, a confiança de um indivíduo, sua capacidade de acreditar que pode conquistar o que deseja, etc... A Psicologia sempre estudou e muito contribuiu para ajudar a entender esses processos. Entretanto, ao chegar em determinada idade e ter que enfrentar o mundo com os iguais, sem a proteção familiar, toda criança precisa aprender a se relacionar de um novo jeito. Nesta fase, direitos e deveres são iguais, as relações são simétricas, e a negociação, a competição e a rivalidade precisam ser vividas e aprendidas para que se possa ir em frente. Antes esse processo acontecia, principalmente, com os próprios irmãos, uma vez que as famílias eram mais numerosas e ainda que não se tivesse irmãos havia convivência com outros familiares, como os primos. Hoje em dia as famílias mudaram muito. Além do número de filhos únicos ter aumentado consideravelmente, há a realidade de novas configurações familiares nas quais os novos casamentos trazem a figura dos meios-irmãos. Soma-se a isso o processo de migração que se intensificou enormemente fazendo com que muitas famílias vivam em cidades distantes de suas famílias de origem. Resulta daí que os vínculos fraternos acabam sendo vividos em relações afetivas elegidas com amigos. E como será que estamos vivendo essas relações? Qual a importância delas? Partindo do conceito de Clusters de Papeis criado por J.L. Moreno e da teoria proposta por Dalmiro Bustos, nossa proposta é revisitar essa teoria para refletir o quanto a capacidade de ter relações simétricas fraternas – as mais comuns na idade adulta – nos ajuda a ter uma vida emocional mais saudável, pois são essas relações que poderão nos dar suporte em momentos cruciais. Não se trata de negar que os irmãos de sangue ainda podem e fazem esse papel. No entanto, nem todos têm esses irmãos e mesmo alguns que os têm, muitas vezes, contam com amigos que são mais

presentes afetivamente. O que defendemos é que precisamos ser preparados para saber nos relacionar com os iguais, e desenvolver relações simétricas saudáveis desde a infância, pois disso depende o nosso futuro. Nessa aula pretendemos além de expor e explicar a importância das relações simétricas, explanar sobre a teoria dos clusters focando mais especificamente no cluster 3 e em suas dinâmicas específicas, e abordar formas de como trabalhar essa questão em cada etapa da vida, trazendo ao participante da atividade subsídios que possam ser usados em sua prática profissional.



JOGOS PARA BRINCAR E EXERCITAR A ESPONTANEIDADE E A CRIATIVIDADE NA VIDA

*Educação
Vivência – 1*

*Norival Albergaria Cepeda
Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama
nalbergaria@uol.com.br*

Com o objetivo de exercitar e treinar a Espontaneidade e a Criatividade de cada aluno, dentro do grupo, na primeira parte da aula, ministro Jogos de Aquecimento que visam a conexão consigo mesmo, com o outro e com o grupo, trabalhando o Corpo, o Espaço e o estabelecimento da sintonia Grupal necessária para a posterior criação coletiva. Na segunda parte, aplico jogos que favorecem o treinamento da Espontaneidade e Criatividade, num campo relaxado e lúdico, onde os alunos trabalham em duplas, trios e em grupos, praticando a atenção, concentração, presença, estado de relaxamento, sensibilidade, memória, escuta ativa, estado de humor, flexibilidade corporal, permissão ao fluxo criativo, ludicidade, cocriação, comunicação, interação interpessoal, desempenho de papéis teatrais, percepção de si mesmo, do outro e do grupo, com aumento da alegria e de energia vital. Na terceira parte da aula, abro espaço para Comentários e Compartilhamentos, numa conversa livre sobre a vivência toda.



MAPEAMENTO DO COTIDIANO ESCOLAR: o sociodrama como método promotor de saúde

*Educação
Roda de conversa – 3*

*Andréa Claudia de Souza
Universidade Autónoma de Lisboa
FEBRA
andreapotenciar@gmail.com*

O sociodrama, como proposta metodológica do Psicodrama, atua de forma significativa na promoção da saúde, indo além do paradigma tradicional centrado no tratamento de doenças. Essa abordagem dialoga profundamente com os princípios da Psicologia da Saúde, que compreende a saúde como um processo ativo, dinâmico e coletivo, e reconhece os determinantes sociais, emocionais e relacionais como fundamentais para o bem-estar. A experiência sociodramática permite que indivíduos e grupos se posicionem de maneira reflexiva frente às suas vivências cotidianas, exercitando a empatia e a ampliação da consciência por meio da inversão de papéis e da representação simbólica de situações reais. Em pesquisas realizadas pela autora junto a organizações de educação, o sociodrama foi aplicado como ferramenta de intervenção para estimular o reconhecimento de papéis, o diálogo entre diferentes segmentos profissionais e a valorização dos vínculos existentes na instituição. A prática revelou que, ao dramatizar situações do cotidiano, os participantes puderam visualizar os múltiplos pontos de vista presentes em um mesmo contexto, favorecendo a construção de uma escuta mais ativa, a diminuição de julgamentos e o fortalecimento da cooperação entre os atores sociais envolvidos. Nesse sentido, o mapeamento da realidade vivida e compartilhada passou a ser um facilitador da saúde relacional no ambiente organizacional. Além disso, o sociodrama ampliou a compreensão sobre bem-estar, considerando a pessoa em sua totalidade — como ser bio-psico-social — e estimulando a responsabilização coletiva pelas relações estabelecidas. Essa perspectiva integradora evidencia que práticas psicodramáticas, quando orientadas pela lógica da promoção de saúde, contribuem significativamente para a transformação de ambientes de trabalho e aprendizagem em espaços mais saudáveis, criativos e humanos. A proposta deste trabalho permitirá um entendimento dos conceitos a partir de sua vivência.



MERGULHO NA ESSÊNCIA E VOO NA LIBERDADE: uma vivência sociodramática

*Saúde/Clínica
Vivência – 1*

*Natália Bezerra de Souza
Casa do Encontro
natalia.bezerradesouza@gamil.com*

*Ego-auxiliar:
Aline Cristina Duarte
alineduarte.asocial@gmail.com*

Esta vivência propõe uma intervenção sociodramática voltada ao resgate da conexão do sujeito consigo mesmo e com seu corpo, em resposta ao estilo de vida contemporâneo, marcado pela fragmentação, automatismos e desconexão emocional. Por meio da abordagem psicodramática, busca-se criar um espaço de encontro genuíno, expressão simbólica e elaboração subjetiva, onde o participante possa revisitar papéis cristalizados e conservar culturais que o afastaram de sua essência. O psicodrama oferece ferramentas potentes para o resgate da espontaneidade criadora e da escuta de si, possibilitando a reconstrução do vínculo com o próprio corpo, afetividade e história pessoal. A metodologia adotada será o sociodrama, estruturado em três momentos principais: aquecimento inespecífico, para

promover integração grupal; aquecimento específico, com foco no tema do reencontro com o eu e com o corpo; e a dramatização, em que cenas espontâneas serão encenadas com posterior compartilhamento e reflexão. Os encontros utilizarão recursos expressivos como objetos, imagens e música, estimulando a ação simbólica e a vivência plena do aqui-e-agora. A condução psicodramática prioriza a escuta ativa, o acolhimento e a espontaneidade como pilares do processo. O objetivo central é proporcionar às pessoas um processo de reconexão com sua subjetividade, identificando os mecanismos que contribuíram para sua fragmentação interna e promovendo um movimento de reintegração e cuidado. A experiência grupal torna-se um espelho que amplia a percepção de si, fortalecendo o sentido de presença e autenticidade na existência.



NARRATIVAS NEGRAS EM GRUPO: entre rupturas, cuidado e potência

*Diversidade
Mesa Redonda – 4*

*Maria Celia Malaquias
Sociedade de Psicodrama de São Paulo
malaquias@uol.com.br*

*Otávio Henrique da Silva Lemes
Universidade Estadual Paulista
otaviohslemes@gmail.com*

*Ego-proponente
Maria Eduarda Valentim
Centro Universitário Municipal de Franca
Casa do Encontro
mariavalentim1201@gmail.com*

Esta mesa redonda propõe um espaço de diálogo e reflexão a partir da pergunta disparadora: *Quais cuidados vocês consideram essenciais ao trabalhar com grupos etnicamente diversos, e como ajudar a elaborar não só as dores, mas também os afetos, os sonhos e as existências marcadas pelo racismo estrutural e institucional?* A proposta visa possibilitar uma discussão sobre práticas clínicas, grupais e comunitárias, que permita deslocar o olhar exclusivo para os efeitos do racismo e suas violências, ampliando-o para a complexidade das experiências de pessoas negras. Pretende-se afirmar que pessoas negras não apenas sofrem, mas também sonham, criam, desejam e constroem outras formas de existência para além das marcas do sofrimento. A mesa será composta por três pessoas negras: uma psicodramatista que contribuirá com reflexões sobre as potencialidades do psicodrama na abordagem das relações étnico-raciais em grupos, e duas pessoas atuantes em movimentos e ações comunitárias da cidade de Franca-SP, cujas experiências afirmativas e vivências potentes trazem olhares fundamentais sobre o território, a coletividade e a resistência. A proposta é abrir uma escuta que ultrapasse os limites da clínica tradicional, estabelecendo uma ponte entre o psicodrama, as práticas sociais e os saberes comunitários. Cada convidado terá seu momento de fala,

seguido pela abertura para que o público possa compartilhar reflexões, comentários e experiências a partir do que foi apresentado na mesa.



NO TEMPO DO AGORA: um encontro com a finitude

Saúde/Clínica
Vivência – 1

Júlia Castro Novato
Casa do encontro)
psi.juliacnovato@gmail.com

Egos-auxiliares
Beatriz Lima Carvalho
psi.beatrizlimacarvalho@gmail.com

Maria Clara Defendi Feliciano
mcdfeliciano@gmail.com

Yasmim Gimenes Quiereguini
yasmim.gimenes@icloud.com

“No Tempo do Agora: Um Encontro com a Finitude” é uma vivência psicodramática voltada para o público adulto, que propõe uma imersão sensível e reflexiva sobre a finitude da vida e a relação com o tempo. Com o intuito de promover a humanização dos vínculos e despertar a consciência sobre os próprios limites e escolhas, a vivência convida os participantes a se conectarem com o momento presente, reconhecendo a impermanência como parte essencial da existência. A estrutura do encontro se organiza em quatro etapas. Inicia-se com um aquecimento inespecífico, que visa criar conexão entre os participantes, estimular a espontaneidade e abrir um espaço simbólico de acolhimento. Em seguida, no aquecimento específico, o foco se volta à introdução dos temas da finitude e da presença no tempo, utilizando movimentos corporais e esculturas simbólicas em resposta a palavras evocadas pelo diretor, como “infância”, “fim” e “espera”, por exemplo. Nesse momento, também pode ser conduzida uma fantasia guiada que incorpora figuras simbólicas como o Tempo, a Morte (não ameaçadora), o Presente (acolhedor), além do Eu Criança e o Eu Velho, promovendo um encontro afetivo com diferentes temporalidades da vida. A terceira etapa, de dramatização, convida os subgrupos a apresentarem cenas ou esculturas que expressem suas vivências, permitindo uma elaboração criativa dos sentimentos despertados. Por fim, o espaço de compartilhamento possibilita que os participantes verbalizem suas experiências, ressonâncias pessoais e reflexões emergentes. A vivência se ancora em elementos simbólicos simples, podendo conter lenços, cadeiras e panos, que favorecem a expressão subjetiva e o envolvimento emocional com a proposta. Ao fomentar uma escuta atenta e uma presença afetiva, essa experiência pretende não apenas ampliar a consciência sobre o tempo e a finitude, mas também estimular o cuidado com a vida e com os vínculos, desconstruindo a ilusão da permanência e abrindo espaço para escolhas mais autênticas e significativas no tempo do agora.



O DESTAQUE PARA A IMPORTÂNCIA DA PSICOTERAPIA DE GRUPO E AS ETAPAS DA MONTAGEM DE UM GRUPO DE PSICOTERAPIA PSICODRAMÁTICA GRUPAL COM UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Saúde/Clinica
Aula Vivenciada – 2*

*Gislene Aparecida Germano
Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama
gigermano2010@hotmail.com*

*Ego-auxiliar
Érica Schisari Demacq Lago
ericaschisari@gmail.com*

O Psicodrama parte do pressuposto de que o ser humano é um ser em relação, para Jacob Levy Moreno o Eu se constitui no desempenho dos diversos papéis. A Psicoterapia de Grupo Psicodramática nasceu da visão de homem moreniana que traz em sua essência o ser humano como um ser cósmico e relacional, ou seja, Moreno preconizava o ser humano em relação com o cosmos e com a sociedade. E foi nos grupos que ele viu sentido em focar o seu trabalho, como fez com as crianças nos jardins de Viena, com o grupo de meretrizes e com as jovens no internato. O Psicodrama nasceu do grupo, Moreno é o pioneiro em psicoterapia de grupo. Desde criança somos inseridos em grupos na família, na escola, no bairro, no trabalho e em tantos outros espaços. No entanto, na atualidade o psicólogo/a enfrenta diversos desafios para formar grupos. As pessoas estão cada vez mais individualizadas, desconfiadas e ansiosas, sem falar nos variados impedimentos ligados às muitas demandas diárias. Se Moreno vivesse nessa época, com certeza ele colocaria seu foco na busca da saúde mental através dos grupos. Moreno destacava o adoecimento do ser humano em grupo, mas também colocou toda a sua ênfase no desbloqueio da espontaneidade e criatividade por meio do grupo, pois para ele os integrantes do grupo são agentes terapêuticos do processo de desenvolvimento uns dos outros. Através desta aula vivenciada vamos focar na importância da psicoterapia de grupo como possibilidade de Encontro em que as experiências são compartilhadas coletivamente com acolhimento e empatia, a fim de desenvolver a espontaneidade e criatividade potencializando o indivíduo e sua rede sociométrica. Além disso, a autora fará um relato de experiência das fases da montagem de um grupo de psicoterapia psicodramática como possibilidades diante dos desafios contemporâneos encontrados pelos psicólogos na construção de grupos. Os conceitos a serem abordados nessa aula vivenciada serão: Tele, Sociometria, Espontaneidade/Criatividade e o conceito de homem de Moreno como Ser Intrapsíquico (voltado para o seu mundo interno) e Ser Interpsíquico (que se constitui nas relações com as pessoas). Como metodologia serão utilizados Jogos Psicodramáticos, as etapas da Sessão Psicodramática (três contextos, três etapas e cinco instrumentos) e a Técnica Sociométrica do Átomo Social. Os objetivos desta aula serão: Promover reflexão sobre a importância da Psicoterapia Grupal,

destacar o pioneirismo de Moreno na modalidade grupal em psicoterapia e reforçar nos psicólogos a importância de desenvolver habilidades para a direção de grupos.



O ECO DOS MEUS PAPÉIS: de encontro com as marcas do meu ser

*Saúde/Clínica
Vivência – 1*

*Nathália Bosco Mendes da Silva
Casa do Encontro
nathaliabosco@gmail.com*

*Egos-auxiliares
Marina Neves Alves
marinanevesalves2@gmail.com*

*Beatriz Cristina Chimelo
beatrizchimelo28@outlook.com*

*Fernanda Sanches Carreiras
fsanchescarreiras@gmail.com*

*Isabella Buoro
isabbuoro@gmail.com*

A vida cotidiana nos possibilita viver diversos tipos de papéis sociais. Em cada papel experimentado, encontramos uma versão de nós mesmos, e ao longo da vida, vamos reconhecendo o nosso cacho de papéis: aquele emaranhado de vivências, experiências e identidades que habitamos. Muitas vezes, ao entrarmos em contato com nossas múltiplas versões, nos deparamos com desconfortos ainda desconhecidos. Revelar essas inquietações faz parte do processo de conexão com o nosso ser mais autêntico e aprender a lidar com cada dificuldade é o que possibilita a transformação real do nosso eu, abrindo espaço para novas formas de ser e existir no mundo. A proposta desta vivência é oferecer um momento de pausa e autorreflexão, com o intuito de olharmos para o agora e assumirmos as inquietações presentes em cada papel vivido ao longo da nossa trajetória e reconhecer quais são as marcas que tivemos no decorrer de nossa vida. Para além do reconhecimento, buscamos construir coletivamente novas alternativas de existência. O encontro será conduzido por meio da metodologia sociopsicodramática, com todas as suas etapas previstas: iniciaremos com um aquecimento inespecífico, realizando primeiramente um aquecimento sociométrico, que visa reconhecer a pluralidade do grupo, seguido de um aquecimento corporal, promovendo um campo mais relaxado. Em seguida, entraremos no aquecimento específico, aproximando os participantes de suas inquietações e papéis. Com base em uma nova divisão sociométrica, cada grupo partilhará suas experiências e criará uma cena. Por fim, viveremos essas cenas por meio de dramatizações coletivas, encerrando com um momento de compartilhamento, integração e escuta sensível.



O GRUPO COMO FERRAMENTA POTENTE PARA A APROPRIAÇÃO DO PROTAGONISMO SOCIAL

*Assistência Social
Roda de Conversa – 3*

*Marissa Vanini Garcia
Centro Universitário Municipal de Franca
Casa do Encontro
marissavg@hotmail.com*

O presente relato compartilha a prática em um grupo socioassistencial, com a intenção de defender a relevância dela na amplitude do trabalho do Sistema único de Assistência Social (SUAS). O trabalho com famílias é um campo de atuação essencial para a promoção do bem-estar e o fortalecimento dos vínculos com a sociedade. Especificamente, com o uso da teoria do Psicodrama, somada ao que busca o SUAS, fica possível chegar a resultados que promovam o indivíduo a autonomia social. A defesa da execução dos grupos, assim como os resultados obtidos, pode parecer módicas perto da imensidão da Política de Assistência Social. Contudo, só através do “Grupo Socioassistencial” que atingimos a família e/ou indivíduo na parte mais vulnerável. O grupo em questão é ligado ao PAIF, na cidade de Pedregulho – SP. Em tempo, o maior desafio de trabalhar grupo em cidade pequena está na sociometria, que, resumidamente, é uma estratégia que observa as interações entre grupos, para investigar o movimento de atração e rejeição dos indivíduos entre si. Nessas cidades, os indivíduos tendem a se conhecer e interagir fora dos equipamentos do SUAS, observando-se uma necessidade de trabalhar as problemáticas das relações, assim como a fidelização desse indivíduo no grupal. Esse grupo nos possibilitou (e ainda possibilita) entender que o trabalho através do afeto, trocas de experiências, voz das dores coletivas e pensamento crítico é muito mais efetivo do que os grupos com características conservadoras, onde um conhecimento é socializado de maneira verticalizada; aqui, o conhecimento é construído. Não há um mediador “detentor dos saberes”, mas sim um facilitador/diretor, que constrói junto e participa. Dessa maneira, aquilo que é tratado no grupo leva em consideração a realidade de cada participante. Esse grupo iniciou-se, nessa linha de trabalho, em 2018. Das primeiras participantes do grupo, temos relatos de algumas que se formaram na faculdade, conseguiram sair de situações de violência e entraram no mercado de trabalho. Algumas conseguiram entender a importância de ter um local seguro para trocar experiências e um local com vínculo social saudável. Quase metade das participantes ativas não são (mais) público preferencial do SUAS, mas sabem que é um local de busca de identificação e rede de apoio, quando necessário. Contrapondo, parte delas ainda permanecem devido à grande fragilidade social não superada, contudo, mais conscientizadas e munidas de informação. Todas as mulheres que passaram pelo grupo, entraram fragilizadas e sem elementos internos para lutar pelos seus direitos, ou ao menos saber quais eram, hoje têm condições de se apropriar do conhecimento, transferindo-o para as suas famílias, modificando as vivências que seriam transgeracional. Quando o trabalho é feito com foco no vínculo, o grupo passa a ser um locus de identificação, ampliação da rede e o fortalecimento desse almejado protagonismo social. Por fim, para que a Política de Assistência Social atinja o objetivo de modificar a realidade social de um país plural como o Brasil, com recortes estruturais, o grupo torna-se indispensável.



O PALCO DE PAPÉIS NOS ATENDIMENTOS ONLINE E PRESENCIAL: Uma nova forma de desenvolvimento do Psicodrama individual e em grupo

*Saúde/Clínica
Roda de conversa – 3*

*Ana Luisa Tavares
Universidade de Franca
aninha04luisa@gmail.com*

O Palco De Papéis é um instrumento criado para a inclusão de pessoas que possuem limitações físicas para subir ao Palco Moreniano, podendo a partir da utilização desse instrumento, vivenciar na ação (como por exemplo, o desenvolvimento de uma cena) questões trazidas na psicoterapia. A partir de sua utilização foi percebida sua potente contribuição para o desenvolvimento da psicoterapia psicodramática. A partir daí, utilizei também com os demais pacientes e mais tarde, durante a pandemia, ao utilizá-lo no ambiente online, percebi sua importância para o atendimento psicodramático nesta modalidade, oferecendo às pessoas e grupos atendidos, a oportunidade de vivenciar, ainda mais, o psicodrama em sua essência. O Palco de Papéis auxilia nas sessões de Psicodrama seja elas online e presencial, individual ou em grupo. Ele vem como uma forma de concretizar e aquecer o protagonista para a sessão, para sua autopercepção e como consequência, para a ação no Palco de Papéis ou no Palco Moreniano. O Palco de Papéis é um instrumento criado para o Psicodrama, com grandes possibilidades de desenvolvimento das técnicas psicodramáticas, como troca de papéis, sociometria, átomo social, realização de cenas etc. Assim como técnicas criadas por mim a partir da utilização desse instrumento, como a investigação a partir da escolha das peças de madeira e círculos coloridos; Estórias espontâneas e Vivência com o Palco De Papéis. O Palco De Papéis é composto por duas lonas, sendo uma no formato quadrado no tamanho de 50 cm, com um círculo dentro, representando o palco e contendo em suas pontas estrelas, sol e lua representando o cósmico. A segunda lona é um círculo de 30 cm que representa o segundo nível do palco. Representando o grupo e o protagonista há seis conjuntos em madeira nos formatos quadrado, retângulo e cilíndrico tamanho pequeno, médio e grande (2 cm a 3,5 cm). São incluídos no instrumento 24 círculos coloridos que representam os objetos intermediários com as cores: vermelho, laranja, amarelo, azul, verde, branco, preto e lilás (cada cor contém 2 repetições). A aula consiste em apresentar o instrumento e juntamente com os participantes da aula, desenvolver as técnicas Psicodramáticas no Palco de Papéis, sendo elas: inversão de papéis, sociometria, átomo social, realização de cenas, entre outras. A metodologia utilizada para a aula será a psicodramática, aquecendo o grupo para conhecer o instrumento, a partir da história de como foi construído e apresentando o instrumento a partir dos seus contextos, como o grupal e o dramático, fazendo uma associação com o trabalho em grupo com o palco Moreniano e o palco de papeis, vivenciá-lo a partir de uma proposta sociodramática com os participantes do congresso e por fim, compartilhar percepções e experiências com o grupo. Apresentar o Palco De Papéis como um recurso para os atendimentos presenciais e online demonstrando sua utilização a partir da interação do grupo para que os participantes possam vivenciar esta nova possibilidade como algo inovador e criativo em sua jornada enquanto Psicodramatista.



O PROFESSOR NO DESERTO DIGITAL: reencontro com o propósito em tempos de HIATO

*Educação
Aula Vivenciada – 2*

*Yasmine de Almeida Taveira
Universidade Estadual Paulista
Casa do Encontro
yataveira@gmail.com*

*Ego-Auxiliar
Lara Guasti Lourinho
laraguastilourinho@gmail.com*

Justificativa Vivemos um hiato pedagógico e existencial, sem literatura, estamos aprendendo no agora. A geração atual de criança, adolescentes, jovens, estudantes em geral, está imersa em uma revolução digital sem precedentes, moldada pela inteligência artificial, hiperconexão e distorções nas relações, criando distanciamento e isolamento, além de inabilidades sinestésicas e relacionais. As famílias estão desorientadas, vivendo o medo de perder o afeto de seus filhos e sem ocupar o espaço de orientadores. E os professores, soterrados em um deserto simbólico – faltam referências, metodologias ou literatura que deem conta desse fenômeno inédito. Oferecer aos professores e profissionais grupelistas da educação, um espaço de acolhimento, reflexão e resgate do próprio propósito, fortalecendo sua identidade enquanto agentes de desenvolvimento humano, diante das incertezas de um novo modo relacional. Será proposta uma aula vivencial fundamentada no psicodrama pedagógico seguindo as seguintes etapas: aquecimento. Levantamento de experiências reais. Criação coletiva. Compartilhar/processamento teórico. A condução se dará a partir da minha prática com professores, aquecimento emocional e elaboração coletiva, promovendo conexões entre as possibilidades da rotina de sala de aula e técnicas e termos psicodramáticos, como sociometria, horizontalidade, inversão de papéis, improviso, fantasia dirigida, palco imaginário... Um espaço seguro para ressignificar o papel do professor e oferecer contorno e espaço de pertencimento. Espera-se que os professores saiam desse encontro mais conscientes de sua potência, menos sozinhos, a partir do resgate de suas motivações filosóficas e internas, e capazes de reconstruir sua autoridade afetiva e pedagógica, mesmo atravessando o caos contemporâneo. O contorno sociodramático tende a trazer margem para liberdade e fluidez nas relações rotineiras do ambiente educacional



O PSICODRAMA COMO FERRAMENTA DE GESTÃO E CUIDADO NO SISTEMA ÚNICO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - SUAS: escuta, ação e sustentação do papel de liderança

*Aline Cristina Duarte
Sec. Mun. de Assistência Social e Cidadania em Batatais/SP
alineduarte.asocial@gmail.com*

Este trabalho apresenta uma reflexão e uma experiência prática sobre o uso do psicodrama como ferramenta de gestão no Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Em um campo marcado por sofrimento social, escassez de recursos e desafios ético-institucionais, o psicodrama oferece subsídios potentes para qualificar o trabalho das equipes e sustentar o papel do gestor. Atuando com técnicas como inversão de papéis, solilóquio, cena futura e sociodrama, é possível promover espaços de escuta ativa, expressão emocional, mediação de conflitos e fortalecimento dos vínculos profissionais. Ao incorporar o psicodrama à rotina institucional — em reuniões, supervisões, rodas de cuidado e formações — a gestão se torna mais sensível, afetiva e participativa, contribuindo para a prevenção do adoecimento institucional e para o fortalecimento da identidade coletiva da equipe. Além disso, o psicodrama favorece a sustentação subjetiva do gestor, ao ampliar sua consciência de papéis, apoiar o manejo de afetos e estimular a criatividade diante da complexidade dos contextos. Assim, mais do que um conjunto de técnicas, o psicodrama se configura como uma abordagem ética e relacional que transforma o fazer gerencial em uma prática de cuidado, presença e transformação coletiva.



O PSICODRAMA COMO METODOLOGIA E FILOSOFIA NA GESTÃO DE UMA EMPRESA: Rosê uma experiência a ser vivida

*Organizacional
Aula vivenciada – 2*

*Gabriela Maia de Almeida
Diretora de Rosê e psicóloga clínica
Casa do Encontro)
bi31maia@gmail.com*

*Egos-auxiliares
Marina Vanini Pinheiro
marinavpinheiro@gmail.com*

*Maria Eduarda Silva Valentim
ariavalentim1201@gmail.com*

Este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre os modelos tradicionais de gestão nas empresas, destacando suas principais características e métodos de atuação: estrutura formal e impessoal (modelo burocrático); organização por funções, com autoridade setorial (modelo funcional); cadeia de comando única (modelo de linha); combinação de autoridade hierárquica com suporte técnico especializado (modelo linha-staff); foco na produtividade e padronização (modelo fordista); e busca pela qualidade total por meio da participação de todos os níveis organizacionais (modelo TQM). Apesar de consolidados e amplamente usados, esses modelos refletem estruturas conservadoras e, muitas vezes, desconsideram a dimensão subjetiva, relacional e sistêmica dos indivíduos nas organizações. Em contraponto, será apresentado o caso da empresa Rosê, que adota uma gestão psicodramática fundamentada nos princípios da filosofia moreniana, tanto em nível estratégico quanto operacional, assim

como sua noção de saúde. A proposta será uma aula vivenciada, promovendo a experimentação do psicodrama no ambiente organizacional seguida de momentos de teorização da utilização desta metodologia como condutora na gestão de uma empresa. A experiência busca refletir sobre as potencialidades e os desafios da aplicação de uma abordagem do psicodrama na gestão empresarial contemporânea. Além disso, pretende-se ampliar os horizontes das práticas organizacionais por meio do encontro, da espontaneidade e da co-criação, enfatizando a metodologia psicodramática no enfrentamento de conflitos, desenvolvimento do papel profissional, espaço de experimentação de vínculos, autoconhecimento, e desenvolvimento humano. Ao integrar essas abordagens, espera-se compartilhar e refletir sobre a experiência vivida na Rosê por seus diretores e colaboradores no ambiente organizacional e os reflexos desta vivência na vida das pessoas.



O QUE FIZ DE MIM COM O QUE FIZERAM COMIGO: uma vivência psicodramática com um olhar nas lógicas afetivas de conduta e saúde mental em grupo

*Saúde/Clinica
Vivência – 1*

*Gustavo Castaldi de Oliveira Valente
Centro Universitário Municipal de Franca
Casa do Encontro
gustavo_castaldi@hotmail.com*

Vivemos em tempos marcados pelo individualismo, pela competitividade e por uma crescente sensação de vazio existencial. As relações humanas têm se tornado, muitas vezes, espaços de tensão, fragmentação e adoecimento emocional. Diante desse cenário, esta vivência convida estudantes e profissionais a experimentarem, por meio do Psicodrama, um espaço coletivo de escuta, expressão e elaboração de suas histórias emocionais. O tema central — "O que fiz de mim com o que fizeram comigo" — convida à reflexão sobre os caminhos afetivos que percorremos a partir das experiências que nos marcaram, sobretudo aquelas que deixaram feridas ou influenciaram a forma como nos conduzimos na vida e nas relações. A proposta se apoia no conceito de *lógicas afetivas de conduta*, compreendidas dentro da perspectiva psicodramática como os padrões emocionais e relacionais que nos organizam frente às experiências e às situações da vida. Ao entrar em contato com essas lógicas em um ambiente grupal seguro, favorece-se a ampliação da consciência sobre os modos como cada um tem vivido suas escolhas, seus vínculos e suas dores. A metodologia utilizada será a vivência psicodramática, estruturada em quatro momentos: 1º Aquecimento inespecífico, com mobilização corporal, música e dança, com o objetivo de promover presença e conexão com o aqui-agora; 2º Aquecimento específico, no qual os participantes serão convidados a se aproximarem emocionalmente do tema central, trazendo imagens, memórias ou sentimentos que emergirem no momento; 3º Dramatização, com a possibilidade de escolha de protagonistas e cenas individuais ou coletivas que expressem conflitos internos, relações marcantes ou momentos decisivos que ilustram suas lógicas afetivas de conduta; 4º Compartilhamento, momento de fechamento grupal em que os participantes poderão nomear sentidos, descobertas e ressonâncias emocionais da experiência. O objetivo principal é

oferecer um espaço de cuidado e escuta onde seja possível reconhecer dores e conflitos que, muitas vezes, paralisam a vida, e abrir possibilidades de construção de caminhos mais saudáveis e coerentes com os próprios afetos. Trata-se de uma vivência que busca reaproximar o sujeito de si mesmo e dos outros, valorizando a potência dos encontros grupais como lugar de transformação subjetiva e cuidado com a saúde mental.



O SOCIODRAMA NA EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA DE MEDIAÇÃO E PROTAGONISMO JUVENIL

*Educação
Roda de conversa – 3*

*Alessandra Freitas Lopes Ferreira
Faculdade Anhanguera Franca
afreitaslopespsico@gmail.com*

*Stephany Matias de Oliveira Crisostono
Centro Universitário Municipal de Franca
crisostonostephany@gmail.com*

*Natasha Pereira Barbosa
Faculdade Anhanguera Franca
natashapbarbosa@hotmail.com*

O relato de experiência apresentado neste trabalho traz as contribuições do sociodrama a partir de vivências realizadas com estudantes no contexto escolar. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a importância de desenvolver a inteligência socioemocional como parte fundamental da formação integral dos estudantes, e o Currículo do Estado de São Paulo reafirma essa diretriz ao indicar a necessidade de práticas pedagógicas que favoreçam o autoconhecimento, a empatia, a colaboração e a resolução de conflitos. Nesse sentido, foram realizadas vivências grupais utilizando a metodologia sociodramática em uma escola pública na cidade de Franca, com estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Desse modo, o sociodrama foi utilizado como prática mediadora essencial para mobilizar os estudantes como protagonistas, em uma proposta de acolher seus sentimentos e validá-los. As atividades ocorreram a partir da observação e levantamento de temas propostos pelos estudantes de suas demandas e necessidades. Foram realizados dois encontros onde buscou-se trabalhar o aquecimento, a sensibilização e técnicas de dramatização espontânea, com o objetivo de que os alunos expressassem e ressignificassem suas experiências, assumindo um compromisso individual com a transformação. Os resultados tiveram um impacto positivo no clima escolar, no fortalecimento de vínculos, nos relatos e na redução de tensões entre os estudantes. O momento do compartilhar promoveu uma comunicação assertiva, com uma construção coletiva de sentido entre os estudantes, favoreceu a integração do grupo, e as técnicas sociodramáticas empregadas trouxeram o lúdico, o pertencimento e a escuta ativa. Conclui-se, portanto, que o psicodrama, através das técnicas do sociodrama, contribui significativamente

para a formação socioemocional dos estudantes, atuando como promotora de transformação social na potencialização de vínculos, inclusão, autonomia e exercício de cidadania.



O TEATRO DO SILÊNCIO: lugar de quietudes e inquietudes

*Saúde/Clínica
Vivência – 1*

*Elisabeth Sene-Costa
Sociedade Paulista de Psicodrama
Instituto Moreno de Psicodrama
elisabethsene@gmail.com*

A humanidade está muito barulhenta. É tempo de discórdias, disputas, negativismos, ódios irracionais que dificultam ou impedem a comunicação entre as pessoas. Parece não haver mais espaço interior para o silêncio. Às vezes ele surge como uma companhia harmoniosa - um momento de quietude aprazível -, ora como angústia e inquietude promovendo sons internos ruidosos. Como diz Zerka Moreno, é importante que se possa produzir algo novo, não determinista, um 'encontro de mentes' que facilite a manifestação do drama interior de cada um. Esta é a proposta do "Teatro do Silêncio": por meio da ação dramática espera-se ampliar a visão de cada um (a) e, ao mesmo tempo, ele (a) poderá interagir e compartilhar suas sensações com os silêncios dos outros membros do grupo. As etapas de uma sessão psicodramática, ou seja, aquecimento (inespecífico e específico), dramatização, compartilhar e processamento serão aplicadas. A direção seguirá os rumos espontâneo-criativos do grupo, contando com o auxílio dos egos advindos da plateia. Estimular a espontaneidade em cada um dos participantes a fim de se disporem como protagonista(s) apresentando uma cena (ou cenas) do seu histórico pessoal ligado à vivência do silêncio; promover, durante a dramatização, um campo diligente o qual possa proporcionar uma catarse terapêutica no próprio protagonista e demais pessoas ali presentes; facilitar o compartilhamento construindo pontes criativas entre todos e fomentando a coesão grupal; desenvolver a consciência e a capacidade de lidar com os momentos silenciosos que decorreram do trabalho vivencial; refletir sobre os significados pessoais dos silêncios, principalmente os inquietantes, que, em geral, levam ao sofrimento.



O TRABALHO COM GRUPOS NA ASSISTÊNCIA SOCIAL: o que dizem as referências técnicas e a política do SUAS

*Marissa Vanini Garcia Neves
Psicodramatista
marissavg@hotmail.com*

A atuação com grupos é uma estratégia central nas ofertas do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), por favorecer o fortalecimento de vínculos, a ampliação da autonomia e a

troca de experiências. Os grupos promovem tanto a prevenção quanto a superação de situações de risco e violação de direitos, configurando-se como ações coletivas planejadas, voltadas à escuta qualificada, à convivência e ao acesso à cidadania. Ao reunir diferentes sujeitos em espaços de diálogo e partilha, os grupos contribuem para a promoção da existência social, a ampliação da consciência crítica, a educação para os direitos e a construção coletiva de soluções. Além disso, permitem a identificação precoce de situações de vulnerabilidade, fortalecem redes de apoio e qualificam o acompanhamento técnico a partir da observação de dinâmicas familiares e sociais. Os grupos também valorizam a cultura local, as identidades dos sujeitos e os saberes populares, resultando em intervenções mais afetivas, afetivas, humanizadas e inclusivas. Com base em metodologias participativas, transformam-se em potentes espaços de escuta, expressão, protagonismo e transformação social. Conforme a Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais (Resolução CNAS nº 109/2009), os grupos integram os serviços do PAIF e do PAEFI. Enquanto no PAIF fortalecem famílias em situação de vulnerabilidade, no PAEFI contribuem para a reparação de vínculos rompidos por violações. Dessa forma, o trabalho com grupos reafirma o compromisso ético e político do SUAS, com a centralidade da família, a valorização do território e a garantia de direitos. Vale ressaltar que a qualificação profissional é essencial para garantir um SUAS efetivo, comprometido com os direitos sociais. Ela assegura intervenções críticas, evita práticas assistencialistas e fortalece o protagonismo dos usuários. Formação contínua e atuação técnica qualificada são pilares para a consolidação da Assistência Social como política pública de proteção.



O TRABALHO COM GRUPOS NA ATENÇÃO BÁSICA: o que dizem as referências técnicas e a política do SUS

Maria Fernanda dos Reis
Centro Universitário Municipal de Franca
fernandareisq@gmail.com

A Política Nacional de Atenção Básica (PNAB) deixa claro sobre a reponsabilidade deste nível de atenção a articulação de tecnologias de cuidados individuais e coletivas, por meio de uma clínica ampliada, para ser mais resolutiva e atender as demandas de saúde da população. Sendo assim, o Sistema Único de Saúde (SUS) exige, na base de sua política, a utilização de estratégias outras que vão além do atendimento individual. O Conselho Federal de Psicologia (CFP) elaborou um documento, instrumento técnico, sobre as Referências Técnicas para a atuação de psicólogos (os) na Atenção Básica (AB) dizendo que a atuação dos psicólogos invoca a deixar o consultório e ampliar o seu setting para conhecer o território em seus riscos e potências, uma atuação que se propõe a estar nas praças e nas ruas, e de trabalhar com grupos indo contra a chamada clínica hegemônica ou individual. Há como objetivo neste trabalho, elucidar o que o SUS e o Conselho Federal de Psicologia já dizem sobre o trabalho com grupos na Atenção Básica, como sendo crucial e não como algo ainda a ser implementado. A atuação do psicólogo nas políticas de saúde para a condução do cuidado coletivo não é algo a ser pensado se deve ser assim, necessita que seja para cumprir com os princípios doutrinários do SUS. Portanto, será abordado a PNAB e as Referências Técnicas para atuação do psicólogo na Atenção Básica –

ênfatizando sobre a psicologia na Atenção Básica no Brasil e a Atuação dos psicólogos na AB.



OS CUIDADOS DE QUEM CUIDA: reflexões psicodramáticas na formação e fortalecimento de cuidadores no campo socioassistencial

Ana Gabriela Rosa de Andrade Asevedo
Psicodramatista
055403tp@gmail.com

A atuação de profissionais no campo socioassistencial especialmente cuidadores sociais, educadores e técnicos de referência é marcada por intensas exigências emocionais, físicas e éticas. Esses trabalhadores estão diretamente envolvidos em processos de acolhimento, escuta e mediação de conflitos, muitas vezes em contextos de alta vulnerabilidade. No entanto, pouco se fala sobre os impactos subjetivos dessa atuação e sobre as estratégias de cuidado voltadas a quem cuida. Esta mesa redonda propõe a criação de um espaço coletivo e breve de escuta, reflexão e fortalecimento, inspirado na metodologia psicodramática e na socionomia. Por meio da partilha espontânea e da circularidade da fala, os participantes serão convidados a reconhecer, em suas próprias narrativas, caminhos possíveis de cuidado de si e ressignificação do papel de cuidador, mesmo em contextos adversos. A proposta visa resgatar a dimensão afetiva, simbólica e política dos papéis assumidos na prática cotidiana, favorecendo uma análise coletiva das tensões, silenciamentos e potências que emergem do trabalho socioassistencial. Inspirada nas diretrizes do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e na Psicologia Social Crítica, a mesa redonda reafirma a importância de fortalecer vínculos e criar espaços institucionais que acolham também quem cuida. Ao colocar o corpo e a palavra do cuidador em cena com suas marcas, cansaços, memórias e desejos, este encontro convida à construção de narrativas mais potentes e integradas sobre o cotidiano da assistência social. Trata-se de uma prática ética e coletiva, que busca sustentar redes de apoio e reconhecimento mútuo entre quem cuida e é cuidado diariamente.



OS ECOS DO SILÊNCIO EM NÓS: à escuta dos indizíveis que nos habitam

Saúde/Clínica
Vivência – 1

Natasha Pereira Barbosa
Faculdade Anhanguera Franca
natashapbarbosa@hotmail.com

A nossa história de vida é atravessada por palavras, ruídos e silêncios. Em meio a tantas vozes externas e internas, muitas vezes os silêncios que habitam em nós, frutos de vivências em que fomos silenciados, permanecem não ouvidos e não sentidos. Esses silêncios, por vezes esquecidos, permanecem em nosso corpo como ecos, silêncios que falam, que guardam histórias, que moldam quem somos, nosso modo de existir e de se relacionarmos. A proposta desta vivência é criar um espaço de acolhimento e escuta para os nossos silêncios, possibilitando que eles encontrem voz, ou simplesmente presença. Olhar para os momentos em que fomos silenciados é um convite ao cuidado consigo e à reconexão com partes de nós que foram deixadas de lado, uma travessia que pode abrir espaço para a construção de novos modos de ser e existir. O encontro seguirá com a proposta sociopsicodramática seguindo todas as etapas de uma vivência nesse formato, sendo eles, aquecimento inespecífico, iniciando com um aquecimento sociométrico para a identificação da pluralidade grupal e após um aquecimento corporal com intuito de favorecer que os participantes experienciem um campo relaxado. Posteriormente, será realizado um aquecimento específico, no intuito de aproximar os participantes dos silêncios vividos, seguindo por uma divisão sociométrica, em que cada grupo formado, compartilhará entre si o que vivenciaram e formarão uma cena para apresentação grupal. Em continuidade será vivenciada as dramatizações das cenas criadas por cada grupo e por fim será feito o compartilhar do que foi vivido. Mais do que falar, essa vivência nos convida a sentir e a dar presença ao que por tanto tempo ficou calado. Que os silêncios possam, enfim, ser acolhidos não necessariamente para se tornarem palavras, mas para serem reconhecidos como parte de cada um de nós.

Palavras-chave: Psicodrama. Silêncio. Subjetividade.



PARA ALÉM DA VIOLAÇÃO DE DIREITOS: sociodrama com mulheres vítimas de violência

Assistência Social
Roda de Conversa – 3

Mariana Rocha Siqueira
Centro Universitário Municipal de Franca
acadmarians@gmail.com

Daniela de Figueiredo Ribeiro
Centro Universitário Municipal de Franca
Casa do Encontro
danifiribeiro@yahoo.com.br

O Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM) é um espaço destinado a proporcionar o acolhimento e atendimento humanizado às mulheres em situação em violência, com o propósito de superação da situação de violência ocorrida, contribuindo para o fortalecimento da mulher e o resgate da sua cidadania (Secretaria da Mulher, Igualdade Racial e da Pessoa Idosa, 2024). Ao se ter em vista que fazer parte de um grupo saudável é possível enfrentar e superar as diversas violações vividas em sociedade (Ribeiro, 2024), a prática do Sociodrama se coloca como ferramenta capaz de proporcionar acolhimento, novas

experiências e significados para um grupo de mulheres violentadas. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivida no estágio de Sociodrama em contextos comunitários e/ou institucionais, a partir da aplicação de um Sociodrama no Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM) com mulheres vítimas de violência. Como metodologia utilizou-se do Sociodrama (Nery; Costa; Conceição, 2006) que se inicia, a fim de preparar os membros do grupo para o evento e mobilizar os sujeitos a participarem dos conflitos e polêmicas que forem emergindo no encontro, com o aquecimento. Este pode ser dividido em inespecífico e específico, sendo o último voltado para a segunda etapa denominada dramatização na qual ocorre o aprofundamento ou vivência do tema. Após a etapa de dramatização, advém a fase do compartilhamento de sentimentos, identificações emergidas com as temáticas tratadas, sendo importante que todos do grupo reflitam o ocorrido no Sociodrama. Na aplicação, como aquecimento inespecífico serviu-se de uma apresentação pessoal das participantes através de cartas com imagens, visto que foi realizado em um grupo aberto e havia pessoas que não se conheciam ainda; o específico seu deu através de uma fantasia dirigida acompanhada de saquinhos de água aos quais simbolizaram autocuidado. Neste aquecimento as participantes foram convidadas a se acolherem passando os saquinhos pelo corpo e ao final do aquecimento receberam o cuidado do ego-auxiliar também através do saquinho de água. Na dramatização recorreu-se ao desenho com tinta guache no papel pardo e cada uma representou o que havia se conectado no aquecimento anterior. Por fim, encerrou-se no compartilhar da atividade com elas trazendo componentes em comum nas suas histórias de vida para além da violência sofrida, e que todas ali necessitavam do acolhimento e cuidado que receberam por meio do saquinho de água. Foi possível, então, perceber a importância de fornecer um espaço de acolhimento e aconchego para essas mulheres e conhecer o que elas tinham em comum para além da violência sofrida. O Sociodrama revelou ser uma ferramenta eficaz para promover um espaço de saúde para mulheres vítimas de violência.



PARA ALÉM DO CANSAÇO: mulher(es)

*Saúde/Clínica
Vivência – 1*

*Claudia Fernandes
Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano - SP
fernandescaca.fernandes@gmail.com*

*Egos-auxiliares
Aurea Ferreira
cfaurea@gmail.com*

*Martha Lemos
melc.lemos@gmail.com*

*Nicoli Bagagini
nicoli.bagagini@gmail.com*

Inspirada no livro *Caderno Proibido* de Alba de Céspedes, o trabalho traz, em sua dramaturgia disparadora inicial, personagens que retratam a intimidade de mulheres comuns e as mudanças que a sociedade pós-moderna as impõe, revelando como a estrutura familiar tradicional e a sociedade patriarcal limitam a autonomia dessas mulheres, impossibilitando-as de perceberem como suas emoções, desejos e necessidades foram silenciadas, ocasionando-lhes um cansaço permanente. Essas questões são tomadas como materiais poéticos-estéticos e políticos. O sentimento profundo de solidão, a falta de reconhecimento de sua individualidade faz com que inconscientemente duvidem de si mesmas, permanecendo em papéis sociais rígidos, os quais desempenham incessantemente no seu cotidiano. Do cansaço derivam-se os excessos: a incapacidade de perceber os próprios limites. O cansaço oculta os desejos, colocando o autocuidado em segundo plano. Comportamentos como a limpeza excessiva podem surgir como uma forma de compensação para os vazios—o cuidado com a estética, a insegurança, a timidez, a impotência, o delírio, a distorção da realidade. Do desejo nasce o interdito: o caderno proibido, o diário que revela e dá vazão às fantasias mais profundas. O prazer encontra eco na escrita, ressoando como um território de possibilidades, onde aquilo que foi reprimido finalmente se manifesta. A partir de uma pesquisa online, criamos uma breve dramaturgia que serve de estímulo para o trabalho sociopsicodramático. Os participantes são convidados a explorar personagens e situações do imaginário individual e coletivo por meio da ação teatral e método sociopsicodramático. Buscamos ressignificar vivências afetivas, especialmente nas intersecções de gênero, promovendo reflexão, criação de novos sentidos e possibilidades de finais diferentes para histórias pessoais.



POR UM CORPO VIVO E CRIATIVO NO PAPEL DE ESTUDANTE: promovendo saúde mental na perspectiva do Psicodrama

*Saúde/Clínica
Vivência – 1*

*Elaine Cristina Vilioni de Souza Guiral
Casa do Encontro
elainevilioni@gmail.com*

*Egos-auxiliares
Isabella dos Santos Machado
isabelladsmachado@gmail.com*

*Livia Aquino Alves
liviaaquinoalvespsi@gmail.com*

*Nathália Bosco Mendes da Silva
nathaliabosco@gmail.com*

A saúde mental de estudantes universitários tem sido profundamente impactada por um modo de existência desconectado da vida, que separa corpo-mente-espírito-natureza, estimula o sucesso intelectual, valoriza a competição e reforça o individualismo. Com pouco ou nenhum espaço para o espontâneo-criativo, esse modo de viver e se relacionar vem na contra mão da

proposta de saúde moreniana e contribui para o surgimento de processos de adoecimento, que se manifestam por diferentes sintomas físicos, ansiedade, desânimo, exaustão, isolamento social, sentimentos de inadequação, perda de sentido, abuso de substâncias, entre outros. Diante desse cenário, os estudantes vão perdendo sua potência de vida e o sentido que os inspiraram a escolha do caminho de formação profissional. Por isso, torna-se urgente a abertura de espaços sensíveis, onde seja possível enfrentar os desafios, ao mesmo tempo que despertar o corpo vivo e criativo no papel de estudante, o que pode contribuir para a produção de saúde, o bem estar e viver e a verdadeira colaboração com a vida. Partindo desse princípio, será proposto um Sociopsicodrama seguindo as respectivas etapas do método: apresentação, aquecimento inespecífico e específico, dramatização e compartilhar. Serão utilizados recursos artísticos, como música, poesia e imagens impressas. Tal Sociopsicodrama tem como objetivos: promover experiências de presença, autopercepção, autocuidado e Encontro; ampliar a visão de saúde; estimular a reconexão com o corpo e o sentimento de pertencimento a vida; facilitar a espontaneidade-criatividade. Trata-se de um convite à construção de novos sentidos para a saúde, como possibilidade de conexão, criação e resistência frente a um modo de existência conservado e que produz adoecimento.



PROCESSO DE APRENDIZAGEM E CRIATIVIDADE: convergências possíveis para potencializar identidades que escapem da armadilha neoliberal

Educação
Aula Vivenciada – 2

Leonardo Teixeira Gomes
Universidade Estadual Paulista
leotego@gmail.com

Ego-auxiliar
Marina Novaes de Senne
sennemarina@gmail.com

A presente aula vivenciada propõe experimentar encontros entre as propostas de Jacob Levi Moreno e o socioconstrutivismo, tal como vivenciada no contexto educacional de uma escola particular do município de Ribeirão Preto. Compreendemos que a convergência, proposta em nosso título, nos permite criar um antídoto vital para a sociedade do cansaço descrita por Byung-Chul Han e que nos empurra para uma subjetividade neoliberal onde somos, paradoxalmente, vítimas e algozes de um auto-aprimoramento incessante. Em vez de nos moldar como sujeitos de desempenho obcecados por otimização e consumo, a colaboração e o pensamento crítico fomentados pelo encontro das duas abordagens pedagógicas abrem espaço para uma resistência silenciosa, quase homeopática. Ao invés de nos exaurirmos na busca por uma felicidade de stories, fragmentos idealizados da realidade, ela nos permite redescobrir o ócio e a contemplação, elementos essenciais para a criatividade e a verdadeira liberdade, desmantelando, assim, a tirania da positividade que nos impede de reconhecer a exaustão e de buscar um sentido mais profundo para a existência. A aula seguirá as três etapas do método

psicodramático: aquecimento, dramatização e compartilhar, buscando construir com os participantes diálogos possíveis entre Moreno e o socioconstruivismo.



PSICODRAMA ALÉM DA FORMAÇÃO: relato de uma trajetória vivencial

*Educação
Roda de Conversa – 3*

*Elisa Beatriz de Melo Silva
Universidade Cruzeiro do Sul
elisa.melo0904@gmail.com*

Embora a prática psicodramática, assim como outras abordagens reconhecidas em Psicologia, seja frequentemente vinculada a processos formais de formação e titulação, a experiência demonstra que seu alcance pode extrapolar os limites acadêmicos e profissionais, tornando-se um instrumento vivo de autoconhecimento, expressão grupal e intervenção social. Este trabalho tem por objetivo relatar a trajetória de uma psicóloga que, mesmo sem formação formal em Psicodrama, vem integrando de forma intensa e prática os fundamentos teóricos e metodológicos psicodramáticos à vida profissional e pessoal. Essa experiência ocorre no âmbito da SaMeCa (Saúde Mental Camarada), especialmente nos espaços do Grupo de Estudos e Práticas em Psicodrama e do Grupo de Estudos Experiências e Vivências Sexuais e de Gênero (GEEViSGe), dos quais participo tanto como integrante quanto como co-diretora criadora. Esses grupos têm se constituído em espaços de estudo, troca e dramatização, abordando temas como identidade, sexualidade, gênero, relações de poder e subjetividade. A metodologia psicodramática, estruturada em aquecimento, dramatização e compartilhamento, mediante adaptações, revelou-se potente não apenas para promover reflexões teóricas, mas também para proporcionar vivências transformadoras, estimulando a espontaneidade, a consciência crítica e o fortalecimento dos vínculos grupais. O relato evidencia que a práxis psicodramática pode ser acessada e vivenciada de forma significativa mesmo por profissionais que ainda não estejam inseridos formalmente em suas formações, desde que haja disponibilidade para a experiência grupal e o trabalho com emoções e papéis sociais. Conclui-se que a inserção nesses espaços psicodramáticos ampliou não apenas as ferramentas profissionais da autora, mas também sua percepção sobre o alcance clínico, social e político do Psicodrama, apontando para a importância de democratizar esse saber para além dos espaços formais de ensino.



PSICODRAMA E DIVERSIDADE: desvelando os papéis sociais

Diversidade
Vivência – 1

Silmara Cristina Alves Simmelink
Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama
ssimmel@gmail.com

Justificativa: A sociedade atual é caracterizada por uma crescente diversidade de identidades e experiências, o que impacta a forma como os papéis sociais são construídos e vivenciados. De acordo com J.L. Moreno, criador da teoria psicodramática, quanto mais papéis desenvolvidos o sujeito tiver, mais saúde ele terá. É papel de todo profissional de saúde estar alinhado aos objetivos da Organização das Nações Unidas, na qual a diversidade é vista como um fator essencial para o desenvolvimento sustentável, a paz e a justiça social. Nesse sentido, a promoção da diversidade se mostra crucial para a construção de pontes entre diferentes grupos e para o fortalecimento da resiliência social, permitindo que as sociedades se tornem mais coesas e capazes de enfrentar desafios. Método: Seguirá as etapas do psicodrama: Aquecimento inespecífico - Esta etapa terá como objetivo a integração do grupo, com a apresentação dos participantes e a escuta inicial sobre o tema da vivência; Aquecimento específico - Será utilizado como iniciador um trecho de filme relacionado ao tema, seguido pela divisão dos participantes em grupos. Cada grupo escolherá um grupo minoritário (LGBTQIAPN+, mulheres, negros, pessoas com deficiência (PCDs), pessoas de baixa renda, idosos e indígenas) para discussão sobre suas características e os impactos de seus papéis sociais; Dramatização - Os grupos criarão e encenarão cenas que abordem as questões das lutas e resistências dos grupos minoritários escolhidos; Compartilhar - Os participantes compartilharão suas reflexões e o que mais ressoou para cada um durante a vivência; e o Processamento: O diretor da vivência realizará a explanação dos conceitos teóricos relacionados às experiências vivenciadas e promoverá a integração do conteúdo com as discussões e reflexões do grupo. Objetivos: Estimular o grupo a desenvolver a escuta ativa e um olhar atento para o trabalho com grupos minoritários, promovendo reflexões sobre os papéis sociais na contemporaneidade e reconhecendo o potencial do grupo para promover inclusão, igualdade e equidade.



PSICODRAMA E EXCLUSÃO SOCIAL: encontros transformadores

*Saúde/Clínica
Roda de Conversa – 3*

*Érico Douglas Vieira Psicólogo
Universidade Federal de Jataí
ericopsi@yahoo.com.br*

*Anyelle Silva de Assis
Universidade Federal de Jataí
anyelle.assis@discente.ufj.edu.br*

*Bruno Vitor Santana Freitas de Castro
Universidade federal de Jataí
bruno.castro@discente.ufj.edu.br*

*Natiele Aparecida Alves Peres
Universidade Federal de Jataí
natieleaparecida04@gmail.com*

*Thais Oliveira Silva
Universidade Federal de Jataí
thais.silva@discente.ufj.edu.br*

*Vitória rodrigues da conceição
Universidade Federal de Jataí
vitoria.conceicao@discente.ufj.edu.br*

*Yara de Lima Zottele Salgado
Universidade Federal de Jataí
yara.salgado@discente.ufj.edu.br*

O presente trabalho representa um relato de experiência de um projeto de extensão realizado por uma equipe do curso de Psicologia da Universidade Federal de Jataí. Este projeto teve início no ano de 2015 e ocorre até o presente momento. Estudantes e o docente coordenador oferecem atendimentos psicológicos do tipo Plantão Psicológico para usuários da instituição Nosso Lar - Casa de Apoio que acolhe pessoas em situação de vulnerabilidade social. O público-alvo dos atendimentos, portanto, é constituído por moradores de rua, pessoas em situação de vulnerabilidade social como trabalhadores precários (garis), trecheiros (pessoas que percorrem várias cidades sem residência fixa), andarilhos, desempregados ou excluídos do mercado de trabalho. Estudar os sofrimentos das existências infames ou invisíveis pode revelar muito da nossa época, suas relações de poder, seus privilégios injustos e a função do ódio e do desprezo dirigido aos grupos subalternos. O acesso diferenciado aos recursos materiais e simbólicos da coletividade fundamenta-se na noção de subcidadania como construção sócio-histórica. No Brasil há uma hierarquia implícita e profundamente enraizada que define quem é gente e quem seria subgente. O plantão psicológico é uma modalidade de atendimento clínico que democratiza o acesso da população a um serviço de Psicologia. Na direção destas transformações, o plantão psicológico é um tipo de atendimento oferecido - geralmente inserido em uma instituição - que possibilita a procura de ajuda do cliente perante

alguma dificuldade circunstancial. Sem necessidade de agendamento prévio, o atendimento pode ser buscado diante de uma demanda específica, como uma ferramenta que possibilita à pessoa lidar com sua ansiedade, limites e recursos pessoais. Nas escutas clínicas, as marcas de se viver uma vida de escassez material, a solidão e o isolamento, foram vivências que emergiram entremeadas de sofrimento. As violências, humilhações e opressões sofridas parecem destinar as pessoas marginalizadas a um circuito de sofrimento do qual não encontram saídas. O modo de vida neoliberal torna indecifráveis as origens do sofrimento produzido pela exclusão. Os maus encontros de sujeitos excluídos com pessoas de outras classes através das vozes de mandos e dos olhares de rebaixamento, podem aumentar a sensação de vulnerabilidade. Os sujeitos das camadas populares possuem condições materiais e simbólicas precárias para construir suas subjetividades. A visão rebaixada ou depreciativa de si mesmo ocasionada pelas humilhações sociais vividas nos encontros com as classes incluídas podem produzir afetos e pensamentos ligados à vivência depressiva, como a falta de esperança, sensação de impotência e até mesmo uma dificuldade de sustentar o vínculo com o mundo percebida por ideias suicidas. Por fim, os dados demonstraram que o espaço e a escuta clínica apareceram como uma importante fonte de amparo e como desencadeadores de potencialidades expressas em vivências de integração, proteção, suporte e enfrentamento.



PSICODRAMA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS – DE JACOB LEVY MORENO A ALBERTO GUERREIRO RAMOS: travessias grupais na contemporaneidade

*Saúde/Clínica
Aula vivenciada – 2*

*Maria Célia Malaquias
Sociedade de Psicodrama de São Paulo
mcmalaquias@uol.com.br*

*Ego-auxiliar
Ermelinda Marçal
ermelindamarcal@gmail.com*

Visamos ampliar a discussão sobre psicodrama e relações étnico-raciais. Compartilhar teoria e práticas psicosociodramáticas antirracistas na perspectiva de Jacob Levy Moreno e Alberto Guerreiro Ramos. Contextualização histórica; Psicodrama teoria e prática na perspectiva antirracista; Socionomia; Relações étnico-raciais; Interloquções Moreno e Guerreiro Ramos. Aula dialogada, norteada pelos princípios da metodologia psicodramática. A primeira parte da aula será dedicada aos conteúdos teóricos e práticos. Na segunda parte, será dirigida uma vivência, por meio do método Etnodrama. Método criado e definido por Moreno, como uma síntese de psicodrama com as pesquisas de problemas e conflitos étnicos. Nesse sentido, as pessoas participantes da referida aula vivenciada, poderão entrarem em contato com suas experiências e ressonâncias. Elementos esses, fundamentais para incluir no processo de desenvolvimento pessoal e grupal, visando uma prática movida por ações transformadoras. A última parte da aula vivenciada, será destinada ao Processamento, momento de elaboração da experiência vivida.



PSICODRAMA E REVOLUÇÃO: notas sobre a atuação psicodramática no contexto revolucionário

*Educação
Roda de Conversa – 3*

*Danielle Adelino de Sousa
Instituto Sedes Sapientiae
danielleadelinopsi@gmail.com*

Os espaços de atuação psicológica no Brasil têm abrigado uma diversidade de saberes e práticas, cada um com sua trajetória e campo de atuação. O Psicodrama, enquanto teoria e método de intervenção grupal criado por Jacob L. Moreno, ainda ocupa um lugar marginal nesses contextos, seja por desconhecimento, seja por preconceitos que o associam exclusivamente a dinâmicas superficiais ou atividades lúdicas desvinculadas da análise crítica da realidade. Este trabalho tem por objetivo relatar a experiência de uma psicóloga e estudante de nível II em Psicodrama, inserida em uma organização de orientação político-social composta majoritariamente por profissionais da Psicologia. A inserção do Psicodrama tem ocorrido por meio da realização de vivências psicodramáticas abertas, bem como da criação de um grupo de estudo e prática continuada, destinado a apresentar seus fundamentos teóricos e metodológicos e suas possíveis contribuições para o trabalho coletivo, a análise de conjuntura social, as reflexões clínicas e o fortalecimento subjetivo das pessoas envolvidas. A experiência tem revelado desafios, como a necessidade de sensibilização sobre o método e a superação de preconceitos relacionados à sua aplicação, mas também evidencia grandes potencialidades, sobretudo no estímulo à espontaneidade, à coesão grupal e à criação de espaços genuínos de fala e escuta, considerados fundamentais na atuação coletiva. Conclui-se que a prática psicodramática pode oferecer importante contribuição a espaços de organização social, constituindo-se como ferramenta estratégica para o fortalecimento de vínculos, elaboração subjetiva e reflexão crítica, quando integrada de forma dialógica à realidade específica desses contextos.



PSICODRAMA E TELA: relatos de experiências revolucionárias na era digital

*Educação
Roda de Conversa – 3*

*Tici Jardim Pimenta
Casa do Encontro)
ticiano_pimenta@hotmail.com*

Os atendimentos psicológicos on-line não são mais novidade nem realidade distante na prática em saúde mental. O Psicodrama, criado por Jacob L. Moreno, não se furta a expandir sua prática para além do espaço físico tradicional, precisando enfrentar tanto as dificuldades quanto as oportunidades desse novo cenário. Este trabalho objetiva relatar uma experiência profissional na formação continuada de psicólogos, utilizando a estrutura psicodramática

tradicional de aquecimento, dramatização e compartilhamento, adaptada ao formato on-line. Trata-se do “Grupo de Estudos – Experiências Vivências Sexuais e de Gênero” (GEEViSGe), voltado à exploração crítica de discursos, vivências e regulações sobre sexualidade e gênero, com foco nas dissidências, nas relações de poder e nos atravessamentos psicossociais. Cada mês aborda uma temática específica em dois encontros que integram teoria, experiência e produção cultural, envolvendo conteúdos como masculinidades, feminismos, sexualidade, gênero e psicopatologia, gênero e identitarismo, e gênero e práticas não reprodutivas de sexualidade. O grupo é oferecido na SaMeCa (Saúde Mental Camarada) para psicólogos associados. Observa-se que a estrutura psicodramática possibilita uma aproximação sensível, espontânea e criativa às temáticas, oportunizando a troca de saberes entre teoria e prática clínica. Conclui-se que é imprescindível — e até urgente — que a prática psicodramática se insira plenamente nos espaços digitais, contribuindo para a co-construção de lugares mais saudáveis em meio à lógica racional-capitalística.



Psicodrama e transdisciplinaridade: a gestão de projetos em políticas públicas como cena de protagonismo coletivo

Assistência Social
Roda de Conversa - 3

Roseli Aparecida Belga
Sociedade de Psicodrama de São Paulo
rose.belga@gmail.com

As políticas públicas enfrentam um cenário de múltiplos desafios cada vez mais complexos, que exigem abordagens integradas e inovadoras no trato com a sua diversidade. Problemas sociais como desigualdade, violência e sofrimento psíquico não podem ser enfrentados por uma única área do saber. Nesse contexto, a transdisciplinaridade, como propõe Nicolescu (1999), articula múltiplos conhecimentos, de forma a ultrapassar suas fronteiras em torno de situações concretas. Este trabalho apresenta um relato de experiências sobre as contribuições do psicodrama na gestão de projetos transdisciplinares em políticas públicas integradas (assistência social, educação, cultura e saúde mental) a partir de parcerias entre equipamentos sociais (Organizações da Sociedade Civil, Conselho Municipal da Criança e Adolescente e Escolas públicas). Propõe refletir sobre como o psicodrama, enquanto método de ação e escuta coletivas, contribuiu para a criação de práticas transdisciplinares na gestão de projetos voltados às políticas públicas, promovendo o protagonismo, a descoberta de potencialidades, a valorização do grupo, a convivência com as diferenças e a espontaneidade/criatividade como forças propulsoras grupais. As ações envolveram articulação de saberes diversos no desenvolvimento de encontros potentes e transformadores dos profissionais envolvidos e do público, ancorados na espontaneidade, criatividade e coconstrução de sentidos. A prática foi desenvolvida em sua maioria no território, dentro de escolas públicas ou OSC, junto ao público adolescente, seus familiares e educadores. O uso do psicodrama favoreceu a criação de novas possibilidades de ações coletivas de forma a abordar um cenário complexo a partir dele mesmo. Assim todos, equipe e público puderam trabalhar o protagonismo e recriação de seus papéis profissionais e sociais favorecendo pertencimento, alteridade, ampliando a criatividade e a alegria, contribuindo para diagnósticos mais sensíveis. A presença dos afetos e

das subjetividades, muitas vezes ignoradas nos planejamentos técnicos, tornou-se central para o desenho e a avaliação das ações. A prática mostrou que o psicodrama se alinha aos princípios da transdisciplinaridade ao romper com compartimentalizações estanques e colocar os grupos e as relações no centro da ação. O conceito de cena, central no psicodrama, é aqui entendido como espaço de encontro entre diferentes saberes, experiências e perspectivas. Assim, a gestão de projetos deixa de ser apenas uma função técnica e passa a ser uma função mediadora, que sustenta a complexidade das relações e promove processos de criação coletiva permitindo a emergência de vozes silenciadas e a criação de soluções compartilhadas. Em tempos de fragmentação e descrença institucional, criar espaços grupais para o diálogo e protagonismo coletivo é uma forma de resistência e reinvenção. A experiência reafirma o potencial do psicodrama como ferramenta estratégica na gestão pública comprometida com a vida, e sugere estudos que ampliem tal perspectiva.



Psicodrama nas organizações e a busca pelo Encontro, Espontaneidade e Criatividade em tempos de fragmentação: limites e possibilidades

*Organizacional
Aula Vivenciada – 2*

*Raquel Aparecida de Mesquita Oliveira
Universidade Estadual Paulista
Fundace USP/RP
raquelmessquita1104@gmail.com*

*Egos-auxiliares
Eduardo Francisco de Oliveira
eddyegard@gmail.com*

*Thaisa Gomes Almeida
thaisagomesalmeida@hotmail.com*

No contexto atual das organizações, observa-se um descolamento crescente entre a promessa de um ambiente criativo e conectado com propósito e a prática cotidiana, marcada por exigências de alta performance, metas operacionais rígidas e pouca escuta genuína. Apesar do discurso empresarial valorizar espontaneidade, inovação e pertencimento, os sistemas de gestão reforçam a lógica de produtividade, controle e adaptação, silenciando expressões autênticas do sujeito no trabalho. O resultado é um ambiente mecanicista, fragmentado e emocionalmente adoecedor. Esta aula vivencial propõe aos profissionais de RH a vivência e a reflexão sobre o potencial do Psicodrama como ferramenta de intervenção e desenvolvimento organizacional. A partir do referencial moreniano de espontaneidade e criatividade, discutiremos como o Psicodrama pode promover encontros mais verdadeiros dentro das empresas, resgatar o sentido do trabalho e ampliar espaços de escuta, expressão e transformação subjetiva. Serão abordados temas como conservas culturais, o estranhamento no trabalho (Marx), identidade social (Tajfel e Turner), e a herança da divisão entre “pensar” e “executar” nas organizações. Também discutiremos o uso do Psicodrama em contextos como

treinamentos de liderança, grupos de desenvolvimento e atendimentos individualizados com foco no papel profissional, evidenciando sua potência para criar espaços de elaboração, protagonismo e mudança. Ao compreender a cultura organizacional como um sistema que define pertencimento, papéis e limites, refletiremos sobre como o RH pode atuar não apenas como agente de reprodução, mas como facilitador de processos mais humanizados. O objetivo não é transformar o outro, mas criar condições para que ele possa se reconhecer e se reposicionar de forma mais espontânea em sua trajetória profissional. Diante de um cenário onde o trabalho segue sendo central para o pertencimento social e sobrevivência, acreditamos que promover encontros autênticos dentro das empresas é não apenas possível, mas necessário. O Psicodrama, enquanto metodologia vivencial e relacional, oferece caminhos potentes para esse movimento.



PSICODRAMA ORGANIZACIONAL: transformando relações e resgatando o sentido do trabalho

Organizacional
Aula Vivenciada – 2

Hyago Alves Novato
Casa do Encontro
hyagonovato@hotmail.com

O psicodrama organizacional, aplicado ao contexto de Recursos Humanos, tem se mostrado uma poderosa ferramenta para a construção de relações interpessoais saudáveis e para o desenvolvimento humano no ambiente corporativo. Atuando há mais de uma década como psicólogo e gerente de Recursos Humanos, com especialização nível avançado em Psicodrama, venho integrando essa abordagem em diversos processos organizacionais, com resultados expressivos especialmente no setor da saúde, como em hospitais e instituições de cuidado. Nesta aula vivenciada, proponho compartilhar experiências práticas que demonstram como o psicodrama pode ser um recurso estratégico para lidar com desafios típicos da gestão de pessoas, como conversas difíceis, feedbacks construtivos, processos de desligamento e acolhimento de equipes em momentos críticos. Por meio de técnicas psicodramáticas, é possível ampliar a consciência dos participantes sobre seus papéis organizacionais, favorecendo um ambiente mais empático e colaborativo. Outro eixo relevante desta vivência será a aplicação do psicodrama em ações voltadas ao autocuidado e ao resgate do sentido do trabalho, aspectos cada vez mais valorizados no contexto atual, sobretudo com as recentes atualizações da NR01 que destacam a saúde mental como fator essencial para a qualidade de vida e a produtividade. Exercícios práticos permitirão aos participantes refletir sobre o impacto de suas atitudes no ambiente organizacional, reforçando a importância do olhar humanizado e do protagonismo no cuidado consigo e com os outros. O objetivo desta aula é sensibilizar os participantes para o potencial transformador do psicodrama nas organizações, ampliando suas possibilidades de intervenção no desenvolvimento de lideranças e equipes. Pretende-se que os participantes saiam desta experiência com ferramentas práticas para estimular diálogos mais autênticos, fortalecer vínculos e contribuir para ambientes de trabalho mais saudáveis e significativos.



PSICODRAMA, ARTE E PSICOPEDAGOGIA: o trabalho grupal com crianças e adolescentes

*Ana Amélia Figueiredo Ribeiro
Diretora da Oficina de Arte Lua Nova
oficinadearteluanova@gmail.com*

*Egos-auxiliares
Renata de Figueiredo Ribeiro
renata_ribeiro_jorge@yahoo.com.br*

*Daniela de Figueiredo Ribeiro
danifiribeiro@yahoo.com.br*

O Psicodrama proporciona uma vivência grupal onde os conflitos são enfrentados, e novos padrões de convivência, mais colaborativos e autogestivos são experimentados. A arte como expressão do mundo interno propicia a crianças e adolescentes a assunção de autoria e criação, implementando autoconfiança e diminuindo o medo de errar. A ecoarte é uma forma de expressão artística que utiliza elementos da natureza e do ambiente como materiais e temas, com o objetivo de conscientizar sobre questões ambientais e promover a sustentabilidade. Essa prática artística busca integrar arte e natureza, muitas vezes utilizando materiais naturais, como terra, pedras, folhas e galhos como suporte para suas criações. Utiliza-se primordialmente a metodologia dos jogos dramáticos e as sessões seguem as etapas tradicionais do Psicodrama, incluindo uma etapa expressiva em que se utiliza uma linguagem artística (música, poesia, dança, artes plásticas, ecoarte) para corporificação do vivido. Os jogos dramáticos são atividades que, por meio da improvisação, permitem a vivência de situações, sejam elas reais ou imaginárias, e o desenvolvimento de habilidades como a expressão, a criatividade e a atenção. O objetivo da aula é apresentar a metodologia utilizada, em que se unem a psicopedagogia de Alicia Fernandes, o Psicodrama (por meio dos jogos dramáticos) e a ecoarte. A aula será teórico-vivencial e seguirá as etapas de aquecimento, apresentação, cocriação e compartilhar. Buscar-se-á revelar de que modo cada participante dos grupos compreende e assume seu modo singular de aprender, podendo alçar novos vãos e experimentar ser cocriador de si mesmo e do mundo em que habita.



QUANDO A MINHA RÁDIO INTERNA SE DESSINTONIZA

*Saúde/Clínica
Vivência – I*

*Isabella dos Santos Machado (Casa do Encontro)
isabelladsmachado@gmail.com*

*Egos-auxiliares
Caroline Buchaim
carolbuchaim@hotmail.com*

*Danielly Cristina Passareli de Paula
psicologa.passarelli@gmail.com*

*Maria Eduarda Silva
facefmaria23@gmail.com*

Nem sempre o processo de autoconhecimento é fácil, especialmente quando nos confrontamos com nossas vozes internas que ressoam de forma a nos menosprezar, diminuir nossa autoestima e nos fazer duvidar de nossas próprias capacidades e valores. Para o psicodrama, essas manifestações internas podem ser compreendidas como "torturadores internos": construtos psicológicos profundamente internalizados que agem como críticos internos implacáveis. Essas vozes estão frequentemente conectadas a exigências sociais rígidas, mensagens críticas internalizadas de experiências passadas ou até mesmo a medos e inseguranças profundamente arraigados. Sua presença é capaz de nos paralisar, impedindo-nos de agir na vida de forma autêntica e plena, gerando um ciclo vicioso de culpa, autopunição e inibição. Considerando a perspectiva de ação do psicodrama, o autoconhecimento vai além de uma mera reflexão intelectual ou a análise verbal de nossos problemas; ele é fundamentalmente um processo ativo, dinâmico e experimental. É através da ação dramática que a vivência propõe aos participantes explorar, compreender e finalmente integrar esses aspectos desafiadores. O objetivo principal é ajudar os participantes a reconhecerem os momentos de dessintonia causados por essas vozes internas, que nos afastam de nossa essência. Através da exploração psicodramática, buscaremos encontrar novos e mais saudáveis modos de existir, cultivando uma maior conexão com a própria vida, com a espontaneidade e com a criatividade inerente a cada um. A vivência será estruturada seguindo as etapas padrões de um sociopsicodrama, garantindo um ambiente seguro e acolhedor para a exploração profunda. Incluem-se aquecimentos inespecíficos e específicos para preparar o grupo, momentos de dramatização para a externalização e o trabalho com os temas emergentes, e um período de compartilhamento essencial para a integração das experiências e a construção coletiva de sentido. Esta é uma oportunidade para transformar o invisível em visível, o não dito em ação e o medo em potência.



QUANDO O CORPO DO DIRETOR ENTRA EM CENA

Saúde/Clinica
Aula Vivenciada – 2

Camila Soares Barros Silva
Universidade de São Paulo
camilasbs@hotmail.com

O objetivo dessa aula vivenciada é a partir da Socionomia (psicodrama, sociodrama, teatro espontâneo, Cantodrama) e de Referências do campo das artes (Klauss Vianna e outras), possibilitar um espaço de reflexão, co-criação, provocação e sensibilização dos alunos e psicodramatistas para a importância da consciência e conexão com seu próprio corpo no cotidiano do trabalho. Ao longo da história o corpo vem sendo negligenciado e a Psicologia baseada na filosofia existencial-fenomenológica e no teatro busca corrigir essa rota, unindo a ciência e a arte, dando assim origem ao Psicodrama, privilegiando o estudo do homem como um ser integrado, bio-psico-social. Contribuir para que os psicodramatistas assumam e fortaleçam o uso do corpo no cotidiano do trabalho, no seu papel do diretor e ego-auxiliar, tornando-os também voz, guia, instrumento de denúncia, revelação e transformação, um corpo político e que se posiciona, é de essencial importância para a atuação a partir de uma psicologia mais crítica e comprometida socialmente. O Corpo de uma psicodramatista é um corpo que é memória, que vira colo de vó, um corpo que canta “Ave Maria”, que navega junto numa cena de barco no meio do rio, um corpo que rasteja e é coro de adeus às cenas antigas, os corpos, as corpas que se encorpam nas cenas, re-criando-as espontaneamente e criativamente. Corpos de psicodramatistas que desejam dar voz ao corpo calado e que não o reduzem às etapas de aquecimento do processo, mas que suportam, exigidos e que a partir da pandemia foram ficando cada vez mais em “quadrado” pelas telas. Psicodramatistas que muitas vezes solicitam o corpo do cliente, mas esquecem de que seu corpo pode fazer a diferença.



REBELDIA ENQUANTO GRITO POR VISIBILIDADE E RESISTÊNCIA: um convite ao Encontro com as juventudes a partir do resgate do meu “eu adolescente”

*Assistência Social
Aula Vivenciada – 2*

*Carlos Guedes Lopes Junior
Casa do Encontro
lopesjuniocg@gmail.com*

*Ego-auxiliar
Beatriz Lima Carvalho
psi.beatrizlimacarvalho@gmail.com*

O trabalho com adolescentes na Rede Socioassistencial apresenta inúmeros desafios para os profissionais envolvidos. Entre os mais recorrentes, destacam-se as queixas relacionadas à baixa adesão dos adolescentes às atividades propostas, à dificuldade de estabelecer vínculos e à forma como certas manifestações de intensidade, ruptura e não conformidade são interpretadas como obstáculos ao cuidado. Esta aula vivencial parte da aposta na potência das expressões juvenis como linguagens legítimas de existência, que não cabem nas lógicas institucionais lineares. A proposta convida os participantes a retomarem a própria vivência adolescente, abrindo uma via sensível e encarnada de encontro com os jovens que hoje acessam os serviços. A partir da filosofia moreniana e da metodologia psicodramática, propomos uma travessia entre o passado subjetivo e o presente profissional, mobilizando o corpo, o desejo e a memória como ferramentas para ampliar a capacidade de escuta e invenção de intervenções mais horizontais. A vivência se inicia com uma breve introdução verbal, seguida da escuta das músicas “*Rebeldia*” e “*Contraditório Vagabundo*” (Emicida) para sensibilizar o grupo e provocar conexões afetivas com as experiências juvenis. Em seguida, conduziremos uma fantasia dirigida para ativar memórias e afetos da própria adolescência. Na sequência, cada participante será convidado a permitir que emergja, na realidade suplementar, a imagem de um adolescente usuário da rede socioassistencial. Será proposta uma cena de diálogo entre esses dois personagens — o eu adolescente e o jovem imaginado — com o uso de técnicas como o duplo e a inversão de papéis. Em subgrupos, os participantes compartilharão suas impressões e, a partir delas, criarão pequenas cenas expressivas (com música, dança, improvisações ou dramatizações) que corporifiquem os afetos mobilizados nesse encontro simbólico. Por fim, o grupo se reunirá para um compartilhamento coletivo e a unidade funcional fará uma amarração teórica, articulando os conceitos de Encontro, realidade suplementar, tele, espontaneidade e criatividade no contexto do trabalho com adolescentes. O objetivo da proposta é reativar, por meio do psicodrama, um campo de sensibilidade e escuta encarnada das experiências juvenis; ampliar o repertório de intervenção dos profissionais da Rede Socioassistencial; e favorecer a construção de práticas mais dialógicas, inventivas e potentes com esse público, reconhecendo a singularidade das expressões juvenis como formas válidas de existência e comunicação. Mais do que interpretar ou controlar, trata-se de estar disponível para encontrar — com presença, corpo e espontaneidade — aquilo que pulsa nas juventudes e nos atravessa como profissionais



REINVENTAR A CENA, REENCANTAR O MUNDO: psicodrama e cultura popular

*Saúde/Clínica
Roda de conversa – 3*

*Mariana Tornelli
UFMG, Instituto Mineiro de Psicodrama
marianatornelli@gmail.com*

Neste trabalho apresento um relato de experiência articulado a uma proposta de pesquisa desenvolvida durante o mestrado em Psicologia Clínica e Cultura, na Universidade de Brasília (UnB). Em forma de ensaio compartilho reflexões e afetações iniciais a partir da convivência com o grupo de cultura popular Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro, sediado na Vila Cobra Coral,

em Brasília (DF). Escrever sobre esse percurso é, também, uma forma de refazê-lo, integrando a reflexividade da pesquisa qualitativa. Esse processo se sustenta na compreensão de que o conhecimento é produzido em relação, na experiência e no corpo em ação. As principais fontes até então são o meu diário de campo e registros documentais do grupo. Ao longo de sete meses participei de oficinas, rodas, espetáculos e encontros formativos, vivenciando uma prática cultural profundamente enraizada no cerrado e atravessada por histórias, musicalidade e estética singulares. Ao redefinir o avião modernista que delinea Brasília como encruzilhada, desafiando binarismos euro centrados a partir de uma perspectiva afro-brasileira, o grupo Seu Estrelo cria uma concepção sobre a própria história, inventando também a cidade que foi inventada. Nesse contexto emergiram conexões com o psicodrama, especialmente no que se refere à espontaneidade, a experimentação e à produção coletiva de sentido. A pesquisa se transforma quando sou convidada a colaborar na construção de uma definição aberta para o Teatro de Terreiro, uma das expressões do grupo. Esse convite me provoca, por outro lado, a revisitar criticamente o psicodrama, considerando o que os saberes da cultura popular podem iluminar em relação às práticas e epistemologia da socionomia. Esse deslocamento se consona com a noção do pensamento decolonial de desobediência epistêmica: investigar não apenas o outro, mas deixar-se transformar por esse encontro. Nesse sentido, a pesquisa assume uma dimensão ético-política, que reivindica uma existência criativa e a cidade como palco ampliado onde se (re)criam enredos históricos e sociais. Espero contribuir para um diálogo entre o psicodrama – como saber democrático e popular - e as tecnologias vivas da cultura popular, afirmando o conhecimento em sua multiplicidade como experiência situada, afetiva e insurgente.



RESSIGNIFICAR A DOR SILENCIADA: o palco de papéis como estratégias terapêuticas no luto não reconhecido

*Saúde/Clinica
Aula Vivenciada – 2*

*Maria José Lacerda Vasconcelos
PROFINT/FEBRAP/UNIFIA
zezevasconcelos1802@gmail.com*

O presente trabalho apresenta uma proposta de intervenção psicodramática aplicada a situações de luto não reconhecido (ou não autorizado), utilizando o método do psicodrama de Jacob Levy Moreno, como recurso central a técnica do Palco de Papéis. Fundamenta-se na premissa de que o luto, apesar de ser uma experiência universal, é atravessado por determinações socioculturais que podem favorecer ou inibir sua expressão e elaboração. Quando a perda não é validada socialmente — como nos casos de relações extraconjugais, laços homoafetivos não assumidos, perdas gestacionais precoces, vínculos com animais de estimação, mortes sem corpo, entre outros — o processo de luto tende a se tornar invisível, silencioso e psicologicamente adoecedor. A abordagem psicodramática, nesse contexto, oferece um espaço de ação simbólica e coletiva para que tais dores sejam reconhecidas, expressas e transformadas. O Palco de Papéis permite que o enlutado dramatize cenas internas, externalize afetos reprimidos e ressignifique papéis congelados, promovendo espontaneidade e reorganização da identidade fragmentada pela perda. Essa técnica contribui

não apenas para a elaboração emocional da perda, mas também para a reintegração social do sujeito enlutado. Do ponto de vista teórico, a vivência é sustentada pelas contribuições de Bowlby (1989) sobre apego e perda, Parkes (2009) sobre o rompimento do mundo presumido, Doka (2002) sobre o conceito de luto não autorizado, Casellato (2020), sobre o impacto social do não reconhecimento do sofrimento, Franco (2021), sobre o luto no século XXI e Moreno (1992) sobre o poder terapêutico do psicodrama. Os resultados esperados envolvem a ampliação da legitimidade interna e externa da dor dos participantes, melhora nos níveis de ajustamento psicossocial, e fortalecimento do senso de pertencimento a partir da identificação com outras histórias de luto silenciado. Ao integrar o psicodrama com os estudos contemporâneos sobre luto e identidade, esta proposta se apresenta como uma potente ferramenta de cuidado clínico e social, com potencial de aplicação em diferentes contextos, como clínicas, escola, hospitais, instituições religiosas e espaços comunitários. Ressignificar o luto não reconhecido é, sobretudo, um gesto ético e político: é restaurar a dignidade de sofrer quando a dor foi negada. Este trabalho propõe uma integração entre o psicodrama e os estudos contemporâneos do luto, destacando a potência simbólica do palco como local de cura coletiva e individual. Ao aplicar o psicodrama em casos de luto não autorizado, abre-se espaço para inovações terapêuticas, psicoeducacionais e de políticas públicas voltadas à saúde mental.



RODA DE CONVERSA COM OS ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO: um relato de experiência

*Educação
Roda de conversa – 3*

*Clara Mulinari Brigagão
Centro Universitário Municipal de Franca
cmubri82@gmail.com*

*Ana Beatriz Dias Rinaldi
Centro Universitário Municipal de Franca
anabeatrizdiasrinaldi@gmail.com*

*Augusto Henrique de Lima Norinho
Centro Universitário Municipal de Franca
augustolnorinho@gmail.com*

*Eduardo Henrique de Andrade Pimentel
Centro Universitário Municipal de Franca
eduardodeandradepimentel@gmail.com*

*Isabela Fernandes Bareense
Centro Universitário Municipal de Franca
belabareense@gmail.com*

*Prof.^a Dr.^a Daniela de Figueredo Ribeiro
Centro Universitário Municipal de Franca
Casa do Encontro
danifiribeiro@yahoo.com.br*

*Prof.^a Dr.^a Sofia Muniz Alves Gracioli
Centro Universitário Municipal de Franca
sofiagracioli@yahoo.com.br*

A metodologia escolhida para a realização deste trabalho foi a roda de conversa, tendo ferramentas do sociodrama como estratégia principal, nos baseamos em supervisões com a Prof.^a Dr.^a Daniela de Figueredo Ribeiro, utilizamos o que aprendemos na disciplina Teorias e Técnicas de Grupo, em vivências e momentos na Casa do Encontro. O sociodrama, enquanto método de ação, integra a socionomia, ciência desenvolvida por Jacob Levy Moreno, e permite a criação de espaços grupais de escuta, expressão e construção coletiva. Este trabalho foi desenvolvido durante a disciplina de Didática, com a supervisão da Prof.^a Dr.^a Sofia Muniz Alves Gracioli, do curso de Psicologia do Uni-FACEF, com alunos do Terceiro Colegial de uma escola particular de Franca-SP. Nosso objetivo foi apresentar um relato de experiência sobre as possibilidades do sociodrama no ambiente escolar e refletir sobre o papel ampliado do Psicólogo Escolar, que vai além da atuação clínica individualizada, alcançando intervenções coletivas significativas. Cada aula teve duração média de 1h30 a 2h. Inicialmente, realizamos observações na escola, assumindo o papel de observadores participantes, por meio de uma etnografia da instituição, a fim de compreender o cotidiano escolar e identificar demandas dos estudantes. Uma das principais questões levantadas foi a ansiedade e o medo em relação ao futuro pós-escolar. A intervenção foi composta por quatro encontros: a primeira aula contou com a aplicação da sociometria, exibição de vídeo reflexivo e escrita de cartas com desejos para o futuro; na segunda aula, realizamos uma atividade corporal com fantasia guiada, seguida de desenho coletivo e compartilhamento; a terceira aula foi composta por uma oficina de profissões, com a presença de estudantes e profissionais de diferentes áreas; na quarta e última aula realizamos o encerramento com a dinâmica das caixas — caixão e foguete — simbolizando o que desejam deixar para trás ou levar adiante. A experiência evidenciou o potencial do sociodrama como estratégia potente de intervenção escolar, promovendo escuta, expressão emocional e elaboração coletiva das vivências dos alunos. Os estudantes relataram ter gostado das atividades propostas e sentiram uma mudança significativa em seu coletivo grupal.



SAÚDE E PSICOTERAPIA PSICODRAMÁTICA: por uma clínica integrada

*Saúde/ Clínica
Mesa Redonda – 4*

*Ana Amélia Figueiredo Ribeiro
Casa do Encontro
oficinadearteluanova@gmail.com*

*Angélica Teixeira Gomes
Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama
Casa do Encontro
angeltexgomes@gmail.com*

*Daniela de Figueiredo Ribeiro
Centro Universitário Municipal de Franca
Casa Encontro
danifiribeiro@yahoo.com.br*

*Elaine Cristina Vilioni de Souza Guiral
Faculdade Anhanguera Franca)
elainevilioni@gmail.com*

*Jaime Henrique Guimarães Soares
Casa do Encontro
jaimehgsoares23@gmail.com*

*Thaís Silva Cintra
Casa do Encontro
thais_cintra@hotmail.com*

O debate proposto tem como objetivo abrir espaço de diálogo e reflexão sobre a perspectiva de Saúde em Psicodrama e as diferentes formas de psicoterapia como instrumento de cuidado e promoção de Saúde, as quais são experimentadas de forma integrada no trabalho teórico-vivencial da Casa do Encontro. São elas: psicoterapia individual ou bipessoal, psicoterapia de casal e família, psicoterapia grupal, psicodrama com crianças e adolescentes, ecoarte, teatro espontâneo e sociodramas públicos. Além disso, quando necessário, há o acompanhamento psiquiátrico alinhado à perspectiva teórico-filosófica do Psicodrama. A mesa redonda se norteará pelas questões: *Qual a visão de saúde e os princípios éticos que norteiam a prática clínica psicodramática? Como elas se alinham às propostas sociopsicoterápicas? Quais os aspectos a se considerar na indicação para cada proposta terapêutica? Quais são suas especificidades? Como podemos pensar as travessias grupais nas diferentes clínicas? Quais as contribuições da psicoterapia psicodramática no cenário contemporâneo?* Para isso, teremos a participação de psicodramatistas experientes e professores do curso de formação em Psicodrama da Casa do Encontro. Serão trazidas experiências clínicas integradas, que ao longo dos anos foram e continuam contribuindo para uma prática que busca ser ética, criativa e comprometida, sobretudo com a Vida. Tal como no provérbio de origem africana, “para educar uma criança é preciso toda uma aldeia”, são criadas redes de atenção e cuidado que se multiplicam de forma a configurar espaços de saúde, transformação e revolução criadora para grupos e indivíduos.



SE MEU CORPO FALASSE... EXPERIMENTANDO O SOMATODRAMA

*Saúde/Clínica
Vivência – 1*

*Bruna Passos dos Santos
Casa do Encontro
bubupsantos@hotmail.com*

*Egos auxiliares
Fernanda dos Santos Cesarino
ferdcesarino@gmail.com*

*Anna Claudia Reis Carvalho
anna.claudiafacef@gmail.com*

Considerando o corpo como um espaço vivo e dinâmico que habitamos, esta vivência propõe uma jornada de experimentação que nos convida a sentir e ouvir o corpo de forma integral. O somatodrama surge como uma prática poderosa para essa reconexão, utilizando técnicas do psicodrama para explorar as interações profundas entre a mente e o corpo. No campo da psicossomática, o somatodrama busca revelar como aspectos emocionais e psicológicos se manifestam no corpo, proporcionando um caminho saudável para lidar com essas manifestações. Por meio dessa abordagem, os participantes têm a oportunidade de compreender melhor seus sintomas, ressignificar experiências e transformar padrões internos que interferem na saúde e no bem-estar. O principal objetivo da vivência é promover um olhar acolhedor e compassivo em relação aos sintomas experienciados por cada indivíduo. A proposta busca ampliar a compreensão das causas e significados desses sintomas, incentivando a criação de novas possibilidades de saúde e equilíbrio. Essa abordagem também visa fortalecer a autonomia e a conexão do participante com seu próprio corpo e suas emoções. A vivência será estruturada a partir do método sociopsicodramático, organizado em quatro etapas principais. O aquecimento inespecífico inicial serve para preparar os participantes, criando um ambiente seguro e receptivo. O aquecimento específico foca nas temáticas individuais e grupais que emergem no momento. A dramatização, etapa central, permite explorar essas questões de forma criativa e simbólica. Por fim, o compartilhar é um momento de integração e reflexão coletiva, em que os participantes trocam impressões e aprendizados, fortalecendo o vínculo e o processo terapêutico.



SOCIODRAMA COM COLABORADORAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Educação
Roda de Conversa – 3*

*Elisama Cristina de Assis do Carmo
Faculdade Anhanguera de Franca
elisamacac@gmail.com*

*Natasha Pereira Barbos
Faculdade Anhanguera Franca)
natashapbarbosa@hotmail.com*

Este relato apresenta vivências grupais realizadas com um grupo de doze colaboradoras do setor de serviços gerais de uma creche-escola, utilizando a metodologia do psicodrama. Reconhecer e valorizar essas profissionais foi um dos pilares do projeto, com ênfase no desenvolvimento pessoal e profissional, além da promoção de vínculos interpessoais. Foram realizadas quatro sessões sociodramáticas como tema central “Cuidar de Si”, abordado de forma integrada, considerando os aspectos físicos, emocionais, sociais e relacionais ao autocuidado. As vivências proporcionaram reflexões sobre experiências pessoais e profissionais, bem como sobre a forma como as participantes se relacionam consigo mesmas e com os outros. Temas como autoestima, reconhecimento, sobrecarga emocional e relações no ambiente de trabalho emergiram com destaque. A metodologia sociodramática foi fundamental nesse processo, ao permitir a expressão de sentimentos, favorecendo no grupo uma escuta ativa, empatia e acolhimento, criando um espaço seguro para o compartilhar de experiências e a construção de outros modos de ser enquanto profissional no contexto escolar. Ao final da intervenção, observou-se maior abertura ao diálogo, fortalecimento do sentimento de pertencimento, valorização mútua e aumento da confiança entre as participantes. As colaboradoras relataram sentir-se mais reconhecidas, ouvidas e conectadas umas com as outras, expressando o desejo de manter espaços como esse em seu ambiente de trabalho. Essa experiência evidenciou o sociodrama como uma ferramenta potente de intervenção psicossocial, especialmente em contextos educacionais. Ao favorecer a vivência coletiva de temas sensíveis e estimular o cuidado de si e do outro, o sociodrama promove não apenas o bem-estar individual, mas também a construção de um ambiente de trabalho mais humano, colaborativo e saudável.



SOCIODRAMA DE QUÍRON: o encontro com o curador ferido

*Saúde/Clínica
Vivência- 1*

*Andressa Barbosa Moreira
Casa do Encontro
andressamoreira44@gmail.com*

*Ego-auxiliar
Lorena Santos Silva
lorena.sts@hotmail.com*

Profissionais da área da saúde estão cotidianamente voltados ao cuidado do outro, muitas vezes em detrimento do cuidado consigo mesmo. Esse movimento constante de priorizar o outro pode levar à negligência das próprias necessidades emocionais, físicas e psíquicas, gerando adoecimento e exaustão. A mitologia nos oferece uma metáfora potente com a figura de Quíron, o centauro sábio, mestre na arte da cura, que após ser ferido por uma flecha de Hércules não conseguia curar a si mesmo, apesar de imortal. A história de Quíron simboliza a dor silenciosa de muitos cuidadores que, mesmo detendo conhecimento e habilidades para curar, ignoram suas próprias feridas. Partindo desse olhar, este trabalho propõe uma vivência sociodramática como metodologia para favorecer a reconexão dos profissionais da saúde consigo mesmo. A atividade será dividida em alguns momentos: o primeiro contará com aquecimentos – um inespecífico e outro específico – que possibilitarão aos participantes identificar como têm cuidado de si e o que têm feito para manter sua saúde integral. Em seguida, serão organizados pequenos grupos para partilha das experiências despertadas durante a vivência, promovendo a escuta ativa e a construção coletiva de caminhos possíveis para o autocuidado. A proposta inclui ainda a representação simbólica dessas vivências por meio de cenas ou esculturas dramáticas, com posterior socialização no grupo maior. O encerramento se dará com o momento do compartilhar, espaço de acolhimento, integração e reflexão sobre o processo vivido. A experiência visa fomentar o autoconhecimento e a promoção da saúde emocional dos profissionais, reconhecendo que cuidar de si é o primeiro passo para cuidar bem do outro.



SOCIOPSIODRAMA: pilares da vida

*Saúde/Clínica
Vivência - 1*

*Maria da Penha Nery
Febrap
mpnery@gmail.com*

O sociopsicodrama “Pilares da vida” tem os objetivos de promover o desenvolvimento da espontaneidade-criatividade em nossas relações afetivas e na experiência

grupais e comunitária. Também busca contribuir para o contato com os apoios que temos, internos e externos, para enfrentarmos sentimentos relativos às perdas, dificuldades relacionais, crises, discriminações devido ao pertencimento a grupos minoritários etc. O sociopsicodrama é um método de ação que utiliza procedimentos e técnicas da sessão sociátrica (MORENO, 1972; 1974). Esta sessão é composta pelas etapas de aquecimento, dramatização e compartilhamento. A partir da interação entre os participantes, emergirão temas grupais ou protagonistas que representam as demandas coletivas. Trabalharemos terapêuticamente os conteúdos por meio de cenas, personagens e imagens (NERY, 2010; 2012). Os resultados esperados incluem o favorecimento do contato com forças internas e externas que contribuam para o suporte, alívio da dor e desenvolvimento de empatia e diálogo. Pretende-se fortalecer processos sociopsíquicos que incentivem a ajuda mútua. A importância dessa vivência está no fato de que na Matriz de identidade dinamizamos as conservas sociocultural, colonial relativas aos sistemas patriarcal e neoliberal. Nesse processo, nos encaminhamos para sofrimentos contemporâneos que precisam ser compreendidos e trabalhados terapêuticamente. As pessoas, grupos e instituições vivem suas dores onde a espontaneidade-criatividade fica bloqueada e estabelecem relações turbulentas, com prioridades que anulam o convívio e as questões afetivas. Segundo Moreno (1974), a espontaneidade-criatividade constitui um dos fatores sociopsíquicos fundamentais para a promoção da saúde mental e coletiva. Seu desenvolvimento possibilita avanços nas relações humanas e sociais. A empatia, por sua vez, representa uma das chaves para a construção do diálogo. O autor desenvolveu diversos métodos e técnicas de ação voltados ao tratamento dos sofrimentos pessoais e coletivos, além da intervenção em diferentes tipos de conflitos. No campo das interações humanas, as relações de poder se associam à afetividade, podendo dificultar ou possibilitar a cocriação (NERY, 2014; FOUCAULT, 2014). O grupo, por meio de vínculos construídos em um ato terapêutico, pode promover o aprendizado psicodramático e o aprimoramento das relações humanas. A proposta é despertar a espontaneidade-criatividade para potencializar o autoconhecimento, o respeito às diferenças, o convívio coletivo e o reconhecimento das singularidades de cada indivíduo no grupo.



SONHOS, CORPO E IMAGEM: sociodrama com mulheres em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos

*Assistência Social
Roda de conversa – 3*

*Stephany Matias de Oliveira Crisostono
Centro Universitário Municipal de Franca
crisostonostephany@gmail.com*

*Daniela de Figueiredo Ribeiro
Centro Universitário Municipal de Franca
Casa Encontro
danifiribeiro@yahoo.com.br*

O presente resumo tem como foco relatar o trabalho realizado em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos com 14 mulheres, em vulnerabilidade social. Os encontros

acontecem quinzenalmente e são dirigidos por uma estagiária de psicologia social, graduanda do décimo semestre de psicologia pelo Centro Universitário Municipal de Franca. Os encontros têm o sociodrama como metodologia de condução, diante disso o objetivo é relatar um dos encontros, norteado pelo Psicodrama Junguiano, explorando os sonhos como tema. Jung (2013) define o sonho como uma criação psíquica, uma representação genuína e espontânea do inconsciente, ainda afirma que o sonho é aquilo que é, sem disfarce algum, é uma coisa viva. Moreno, ao longo de sua vida também trabalhou com sonhos em uma abordagem intitulada onirodrama, ele convidava os participantes a trazer os seus sonhos para a realidade suplementar, e dramatizá-los (Karp, Holmes e Watson, 1998). O Psicodrama Junguiano é a aproximação entre o Psicodrama e a Psicologia Analítica Junguiana, viabilizando uma exploração dos sonhos que transcende a interpretação racional, considerando que o sonho pode levar o grupo a um inconsciente comum e as possíveis transformações a partir da catarse emocional/afetiva que a vivência do sonho desperta (Ramalho, 2010). A vivência sociodramática foi dividida em três etapas, sendo o aquecimento inespecífico um alongamento corporal. O aquecimento específico se deu através de uma fantasia dirigida, para que pudessem se recordar de sonhos, e o sentimento ou sensação que o sonho reverberou, assim foram construindo esculturas corporais a partir do que se lembravam e solilóquios. Após este momento, foram distribuídas algumas palavras, em consonância aos solilóquios trazidos na etapa anterior: medo, confusão e tristeza. Assim, em subgrupos elas puderam contar de maneira resumida o sonho que haviam recordado, e juntas construíram uma escultura coletiva que representasse o que acessaram. O compartilhar foi através de produções artísticas, em que as mulheres deveriam construir com tinta e elementos da natureza a imagem que havia ficado mais marcante para cada uma neste encontro e estabelecer um título para a obra. Do início ao fim, o encontro foi significativo, a princípio as participantes disseram que não se lembravam dos sonhos, e que há muito tempo não sonhavam, ao ir para fantasia dirigida algumas conseguiram acessar sonhos que tiveram na infância, e outras se emocionaram ao colocar no corpo essas esculturas. Após as apresentações das esculturas, o grupo se sentiu representado pelo subgrupo medo, e todas foram convidadas a refazer a escultura inicial deste subgrupo e em seguida transformar essa posição em outra – que dessa vez fosse confortável. No compartilhar elas criaram a imagem individualmente e levaram para a casa a produção artística, alguns dos títulos foram: livre, solidão, agora dá pra respirar, suspiro, meu anjo e autoconhecimento. A partir disso, o sociodrama inspirado no Psicodrama Junguiano se mostrou um caminho metodológico significativo, pois ao experienciar o mundo onírico no corpo, as participantes acessaram não apenas cenas que envolver dramas do inconsciente pessoal, mas do inconsciente coletivo do grupo. Assim, o psicodrama junguiano não coloca foco em teorização e interpretações, mas em um espaço seguro, possibilitando ao grupo uma fluência espontânea e criativa a partir do que é acessado.



TEATRO ESPONTÂNEO: uma imersão nas histórias e cicatrizes

*Saúde/Clínica
Vivência – I*

*Fernanda dos Santos Cesarino
Casa do Encontro Espaço
ferdcesarino@gmail.com*

*Egos-auxiliares
Priscilla Maria Pereira
priscillamapereira@gmail.com*

*Júlia Castro Novato
psi.juliacnovato@gmail.com*

*Nathália Bosco Mendes da Silva
nathaliabosco@gmail.com*

*Isabella dos Santos Machado
isabelladsmachado@gmail.com*

*Maria Eduarda Silva Valentim
mariavalentim1201@gmail.com*

*Lívia Aquino Alves
liviaaquinoalvepsi@gmail.com*

*Daniela Pereira Engler
daniela.engler@yahoo.com.br*

O teatro espontâneo é a raiz do psicodrama, sendo uma modalidade de teatro que propicia o desenvolvimento da espontaneidade e criatividade, possui uma grande versatilidade, sendo um enorme “guarda-chuva” no qual abriga inúmeros dispositivos cênicos. Diferente do teatro tradicional, não se trabalha com textos predefinidos, utiliza-se de histórias cotidianas e dramas internalizados dentro de nós trazidos pela plateia. Sendo este um caminho para cuidar de nossas questões emocionais, como ansiedades, angústias e até mesmo acontecimentos traumáticos. Dessa forma, o teatro espontâneo é uma expressão da nossa subjetividade, possibilitando acessar conteúdos emocionais individuais e coletivos, possibilitando uma reconstrução desta através da própria atividade artística. Viver um teatro espontâneo, promove a sensibilização, reflexão, construções coletivas, cura, troca e rematização de nossas feridas, sendo uma ferramenta terapêutica muito potente e artística, que atua diretamente em nossa ação na vida, bem como nossa forma de pensar e ser no mundo. O objetivo desta vivência de teatro espontâneo é possibilitar o resgate da espontaneidade e dar novos sentidos a cenas e histórias vividas que marcam a nossa alma e corpo, beneficiando a todos os participantes, tanto aqueles que contam suas histórias, chamados de protagonistas, quanto aos ouvintes que formam a plateia. Com isso, a metodologia que será utilizada nesta vivência é o teatro espontâneo de plateia com a participação da Trupe Decolonial, formada por atrizes espontâneas profissionais, este método possui as seguintes etapas: aquecimento, onde todos os

presentes participam; o desenvolvimento das cenas, momento em que os participantes como a plateia, trazem suas histórias, as quais são encenadas espontaneamente pelas atrizes profissionais; e por fim, o compartilhar, refletindo sobre o que ecoou em cada participante.



TECENDO REDES, AMPLIANDO CUIDADOS: um relato de experiência de estágio em Psicologia Social

*Assistência Social
Roda de Conversa – 3*

*Isabela Fernandes Bareense
Centro Universitário Municipal de Franca
belabareense@gmail.com
Ana Beatriz Dias Rinaldi
Centro Universitário Municipal de Franca
Anabeatrizdiasrinaldi@gmail.com*

*Valéria Beghelli Ferreira (Doutora em Serviço Social – UNESP)
valbeghelli@yahoo.com.br*

Profa. Dra. Daniela de Figueiredo Ribeiro

*Casa do Encontro
danifribeiro@yahoo.com.br*

A violência contra a mulher é um fenômeno social que abrange as expressões de poder entre gêneros, e pode ser entendida como o reflexo de diversos marcadores de vulnerabilidade social que incidem em taxas excessivas de violência de gênero. Os profissionais que lidam com casos de violência precisam de cuidado e apoio para prevenir o esgotamento e, também, para garantir um cuidado efetivo às vítimas. Para tanto, é necessário que estes profissionais recebam apoio psicológico para refletir e lidarem com o impacto emocional da situação. Neste sentido, este relato tem por objetivo apresentar o trabalho realizado com os profissionais da área da Assistência Social, que atuam com vítimas de violência, em maioria mulheres, no estágio de Psicologia Social, do curso de psicologia do Uni-FACEF. A partir da nossa vivência com o sociodrama no estágio de Psicologia Escolar supervisionado pela Professora Doutora e Psicodramatista Daniela de Figueiredo Ribeiro, nossas vivências na Casa do Encontro e nossos estudos em Psicodrama, utilizamos da ferramenta sociodramática e ampliamos ela para outras áreas dentro do curso de Psicologia. Essa experiência possibilitou criar um ambiente de reflexão e cuidados com os profissionais que atendem vítimas de violência, ampliando o olhar destes para essa temática e suas interfaces. Além disso o trabalho buscou realizar oficinas com ferramentas do sociodrama com profissionais da área; despertando um olhar empático desses profissionais consigo mesmos, possibilitando entrar em contato com os próprios sentimentos e comportamentos violentos observados e/ou vivenciados. A metodologia utilizada é o relato de

experiência vivido por nós dentro do estúdio de Psicologia Institucional na área de Social supervisionado pela Professora Doutora Valéria Beghelli Ferreira, em que foram realizadas três vivências, com temas pensados previamente, além dos temas surgidos no próprio no grupo. Os encontros foram realizados no local de trabalho dos profissionais, com duração de 1h30 minutos, contando com 6 participantes. O sociodrama é uma das ferramentas que utiliza a ação como método, estando dentro da socionomia, ciência criada por Jacob Levy Moreno em meados do século XX. Tal ciência estuda sobre as relações grupais, tendo por principal objetivo as articulações entre indivíduo e coletivo. O sujeito como protagonista, como fundamenta a epistemologia sacionômica, tem o objetivo de participar das situações, possibilitando reflexões, criticidade e tomada de decisões. A partir deste espaço de compartilhar, foi possível perceber por meio das reflexões feitas pelos participantes, que a ferramenta do psicodrama se mostrou muito potente, possibilitando reflexões profundas e verdadeiras, permitindo que os profissionais acessassem lugares de dor e sofrimento, que estavam passando em seus atendimentos. Um dos aspectos observados, durante os encontros, foi o sentimento comum do grupo de impotência perante as vítimas de violência, porém com perspectivas de criar estratégias para lidarem com estes sentimentos. Portanto, é possível concluir que esse trabalho tem tido uma grande relevância para esses profissionais que cuidam de pessoas, uma vez que também se mostram necessitados, também, de cuidados.



TERRITÓRIOS E SUAS TRAVESSIAS: acessos e impedimentos

Saúde/Clinica
Vivência – 1

Lucio Guilherme Ferracini
Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama
lucioferracini@gmail.com

Egos-auxiliares:
Cristiane Tavares Romano
cristianetromano@gmail.com

Fernanda Fiorenza Moreno Bighetti
fe-fmb@hotmail.com

Mayara Pompeo dos Santos
pompeo.psi@gmail.com

Maria Eduarda Silva Valentim
mariavalentim1201@gmail.com

Nayara da Paz Santos
ndapazsantos@gmail.com

A presente vivência convida as pessoas participantes a refletirem em ação sobre o tema "Territórios", sejam enquanto corpos humanos ou espaços geográficos e políticos. Territórios como instâncias físicas que possibilitam a existência, que impulsionam a livre expressão de forma espontânea-criativa ou o cerceamento pelo controle, que atende aos interesses de alguns poucos gerando sofrimento, invisibilidade e morte. Propõe-se o questionamento entre as Circunstâncias de Vida ou Necropolítica? Quem tem direito aos acessos? Por meio de músicas, o grupo será aquecido a se constituir como tal, possibilitando o resgate e/ou criação de cenas psicossociais a serem concretizadas no palco de forma coletiva. Este trabalho parte do teatro espontâneo brasileiro, tendo seus desdobramentos em construções cênicas sociopsicodramáticas. Apresenta-se com suporte principal em conhecimentos de matriz afro-latino-americana-caribenha, não desprezando contribuições que venham do hemisfério norte, mas estabelecendo-se como uma proposta decolonizada. Parte da visão ética de que o psicodrama, de fato, só começa quando a última pessoa chegar, independentemente de sua etnia-raça, orientação sexual, gênero, condição econômica. Sociometricamente, para essa atividade, todas as pessoas são escolhidas positivamente. No entanto, não haverá lugar, nestes territórios, para atitudes sexistas, racistas e discriminatórias de qualquer natureza. A liberdade de expressão e o contraditório são bem-vindos, o que diferencia da "liberdade de agressão", que mata discussões e vidas. Têm-se como expectativas o diálogo entre aspectos privados da pessoa humana e a coletividade, buscando expressões polissêmicas de ideias e ações. A intenção utópica é o encontro de alternativas aos conflitos da vida real e a criação de projeto dramático comum, que se valorizam equidade, bem-estar, sustentabilidade e dignidade. Um trabalho com compromisso afetivo, psicossocioterapêutico e político de reflexão-ação mais Sobre-o-Viver coletivo do que o sobreviver.



UM NOVO OLHAR PARA O VELHO: a ressignificação da velhice em um mundo que favorece o prolongamento da vida: a necessidade de reformular sentimentos e valores

*Saúde/Clínica
Vivência – 1*

*Rosa Lidia Pontes
Associação Brasileira de Psicodrama
rlpp@uol.com.br*

Um novo olhar para o velho. A compreensão da velhice como uma etapa da vida e a necessidade de serem desenvolvidos recursos psicodramáticos para uma nova concepção e acompanhamento de uma população em constante crescimento. O tempo de velhice da população já pode ser mais longo que a infância e a adolescência juntas. Nosso país, bem como boa parte dos países do mundo, está entrando em contato com uma nova realidade. Culturalmente não existe clareza sobre todo o ciclo da vida. Os indivíduos têm sido treinados apenas para fases de sua existência até os 50 anos, em que há como que um script social: deveres como estudar, adquirir uma profissão, casar-se, ter filhos e até mesmo se aposentar. Mas e o depois? Qual a orientação para a etapa de vida posterior que vem se delineando como o maior tempo da existência humana? Os papéis desempenhados pelos indivíduos em todas as fases de vida são de extrema importância para a preservação da autoestima e é na velhice que

muitos papéis sociais tendem a “desaparecer”. Consequentemente, surgem sentimentos de dor, abandono, solidão. Somam-se ainda os preconceitos sociais a respeito da velhice que dominam igualmente crianças, jovens, adultos e os próprios velhos. O idoso é colocado e se coloca muitas vezes em uma posição de estagnação, sem possibilidades de existir e se projetar nesta nova fase de vida. Jacob Levy Moreno já nos anos 40 preocupava-se com o que denominou “morte social”. Afirmava que na velhice existe uma maior dificuldade em substituir pessoas perdidas que tiveram papéis importantes. É o que denominou de fenômeno da morte “social”, o “encolhimento” do átomo social. Retomando o conceito de Átomo Social, podemos ter uma referência interessante não somente para definir a velhice, como para avaliar o grau de saúde socioemocional dos indivíduos. A partir da avaliação de átomos sociais que demonstrem as modificações que ocorrem no decorrer do tempo (passado, presente e perspectivas de futuro), pode-se estruturar um trabalho de “ressignificação do eu”: a tomada de consciência das perdas sofridas e seus significados (passado – presente), e as possibilidades de recriação de vínculos e papéis (futuro). Um projeto que traga à consciência conservas culturais e que promova a espontaneidade e a criatividade. Enfim, uma proposta de vida. Conteúdo: A velhice como uma etapa da vida. A velhice cronológica, burocrática e social. Preconceitos: social e individual. O Psicodrama: Recursos técnicos para a compreensão desta fase. Principais conceitos: saúde psicossocial, átomo social, átomo cultural, papéis, morte social, espontaneidade – criatividade e conserva cultural.



UM OLHAR PRA ME LEMBRAR DE MIM: reencontro com a leveza perdida

*Saúde/Clínica
Vivência*

*Sândia de Sousa Marzagão
Casa do Encontro
sandia.marzagao@gmail.com*

*Egos-auxiliares
Andressa Barbosa Moreira
andressamoreira44@gmail.com*

*Gabriela dos Reis Nascimento Delfino
reisgabi425@gmail.com*

A experiência da infância, com sua leveza, imaginação e espontaneidade, muitas vezes se perde no processo de amadurecimento, especialmente diante das exigências do cotidiano adulto. Contudo, aspectos criativos e vitais permanecem vivos, mesmo que silenciados, aguardando espaços legítimos de escuta e expressão. Esta proposta de vivência sociodramática tem como finalidade favorecer o resgate simbólico dessas partes esquecidas de si, por meio de um mergulho sensível e consciente no território da infância. Destinada a estudantes, psicodramatistas e profissionais da saúde ou da educação, a atividade propõe um percurso vivencial de 90 a 120 minutos, dividido em cinco momentos integrativos. A vivência tem início com um aquecimento corporal e sensorial, que convida os participantes a se

conectarem com seu estado presente e, em seguida, a evocarem sensações corporais da infância por meio do movimento livre. O segundo momento envolve um desenho dramático, com lápis de cor ou giz de cera, que ativa memórias afetivas relacionadas ao espaço da casa onde a pessoa cresceu. Na terceira etapa, por meio da técnica da fantasia dirigida, os participantes são conduzidos simbolicamente ao quarto de infância, onde reencontram sua criança interior. Esse reencontro imagético e emocional possibilita o diálogo simbólico com partes esquecidas, favorecendo a escuta interna e o resgate de conteúdos espontâneos e criativos. Em seguida, há uma partilha simbólica, por meio de gestos, objetos, palavras ou sons, que amplia o processo de elaboração e espelhamento grupal. Por fim, a vivência se encerra com a escrita de um “bilhete” deixado pela criança interior — um gesto poético que sela o reencontro com a leveza perdida. A proposta se ancora em técnicas psicodramáticas como o aquecimento inespecífico, o desenho dramático, a fantasia dirigida, o duplo interno e o compartilhamento simbólico.



ÍNDICE

A

Adelsa Maria Alvarez Lima da Cunha, 36
Alessandra Freitas Lopes Ferreira, 48
Aline Cristina Duarte, 38, 45
Ana Amélia de Figueiredo Ribeiro, 18
Ana Amélia Figueiredo Ribeiro, 18, 64, 70
Ana Beatriz Dias Rinaldi, 39, 7
Ana Gabriela Rosa de Arasev, 1, 22, 51
Ana Luisa Gonçalves Franco, 11
Ana Luisa Tavares, 24, 28, 44
Ana Luisa Tavares Amorim, 24, 28
Andréa Claudia de Souza, 37
Andressa Barbosa Moreira, 74, 81
Angélica Teixeira Gomes, 1, 71
Anna Cláudia Eutrópio, 7
Anna Claudia Reis Carvalho, 72
Anyelle Silva de Assis, 58
Augusto Henrique de Lima Norinho, 34, 69

B

Beatriz Cristina Chimelo, 27, 42
Beatriz Lima Carvalho, 40, 66
Bruna Passos dos Santos, 72
Bruno Vitor Santana Freitas de Castro, 58

C

Camila Soares Barros Silva, 66
Carlos Guedes Lopes Junior, 66
Caroline Buchaim, 65
Clara Mulinari Brigagão, 69
Claudia Fernandes, 53
Cláudio Augusto Ferreira, 20
Cristiane Tavares Romano, 79

D

Daniela Aparecida Cardoso da Silva, 21
Daniela de Figueiredo Ribeiro, 1, 3, 6, 8,
9, 13, 18, 26, 29, 34, 52, 71, 75, 78
Daniela de Figueiredo Ribeiro, 27, 64, 70
Daniela Pereira Engler, 77
Danielle Adelino de Sousa, 60
Danielly Cristina Passareli de Paula, 65
Débora Fava, 17

E

Eduardo Francisco de Oliveira, 12, 62
Eduardo Henrique de Andrade Pimentel,
34, 69
Elaine Cristina Vilioni de Souza Guiral, 1,
54, 71
Eliana Beatriz de Melo Silva, 56
Eliana Sene-Costa, 49
Eliana Cristina de Assis do Carmo, 73
Érica Schisari Demacq Lago, 41
Érico Douglas Vieira, 5, 11, 58
Ermelinda Marçal, 59

F

Fabiana Mara Esteca, 30
Fábio Palhares, 9
Fabiola Guarnieri Nicolau Rosa, 32
Fernanda dos Santos Cesarino, 1, 19, 72,
77
Fernanda Fiorenza Moreno Bighetti, 79
Fernanda Sanches Carreiras, 27, 42

G

Gabriela dos Reis Nascimento Delfino, 81
Gabriela Maia de Almeida, 1, 33, 46
Gabriella Araújo Oliveira, 1, 10
Geovana Silva Marques, 1, 29, 31
Gislene Aparecida Germano, 41
Gustavo Castaldi, 13, 47

H

Hyago Alves Novato, 63

I

Isabela Fernandes Barense, 69, 78
Isabella Buoro, 42
Isabella dos Santos Machado, 1, 54, 65,
77

J

Jaime Henrique Guimarães Soares, 8, 71
Júlia Castro Novato, 40, 77
Juliana dos Santos Soares, 21

L

Lara Guasti Lourinho, 45
Larissa Mendonça Ferreira, 10
Leandro Felipe Diniz Vieira, 14
Leonardo Teixeira Gomes, 55
Livia Aquino Alves, 31, 54
Lívia Aquino Alves, 77
Livia Ponce Garcia, 28
Lorena Santos Silva, 74
Lucio Guilherme Ferracini, 79

M

Marcia Cristina Carmozine Fischer, 16
Maria Celia Malaquias, 39
Maria Célia Malaquias, 59
Maria Clara Defendi, 22, 40
Maria da Penha Nery, 74
Maria Eduarda Silva, 1, 46, 65, 77, 79
Maria Eduarda Silva Valentim, 1, 46, 77, 79
Maria Eduarda Valentim, 39
Maria Fernanda dos Reis, 1, 26, 50
Maria Fernanda dos Reis Queiroz, 1, 26
Maria Giulia Pedrucci, 31
Maria José Lacerda Vasconcelos, 68
Maria Luiza Vieira Santos, 36
Maria Rita Garcia Borges, 29
Mariana Rocha Siqueira, 1, 52
Mariana Tornelli, 67
Marina Neves Alves, 42
Marina Novaes de Senne, 55
Marina Vanini Pinheiro, 33, 46
Marissa Vanini Garcia, 1, 32, 43, 49
Marissa Vanini Garcia Neves Marques, 1, 32
Martha Lemos, 53
Mayara Pompeo dos Santos, 79
Melina Silva de Campos, 10

N

Natália Bezerra de Souza, 38
Natália Pereira dos Santos, 7
Natasha Pereira Barbos, 73
Natasha Pereira Barbosa, 1, 5, 16, 33, 48, 51
Nathália Bosco Mendes da Silva, 42, 54, 77
Natiele Aparecida Alves Peres, 58
Natiele Aparecida Alves Peres, 11
Nicolí Bagagini, 53
Norival Albergaria Cepeda, 37

O

Otávio Henrique da Silva Lemes, 39

P

Pedro Rodrigues Geron, 31, 35
Priscilla Maria Pereira, 19, 77
Prof.^a Dr.^a Sofia Muniz Alves Gracioli, 70

R

Raquel Aparecida de Mesquita Oliveira, 12, 62
Renata de Figueiredo Ribeiro, 13, 64
Renata de Figueiredo Ribeiro Jorge, 13
Rosa Lidia Pontes, 80
Roseli Aparecida Belga, 61

S

Sândia de Sousa Marzagão, 81
Sara Rodrigues de Souza, 35
Saulo Vito Ciasca, 15
Silmara Cristina Alves Simmelink, 57
Sofia Souza Cintra, 9
Stephany Matias de Oliveira Crisostono, 1, 48, 75
Sueli Burgarelli, 7

T

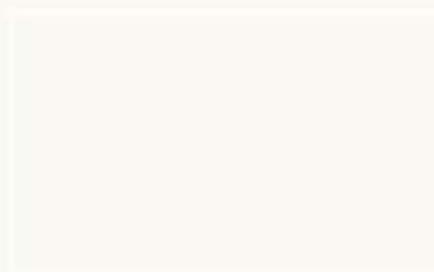
Taciana Assis Ávila Universidade, 11
Tahina Tatila da Silva, 15
Thais Oliveira Silva, 58
Thaís Silva Cintra, 71
Thaísa Gomes Almeida, 62
Tici Jardim Pimenta, 15, 60
Ticiane Silva Raymundo, 25

V

Valéria Beghelli Ferreira, 34, 78, 79
Vitória rodrigues da conceição, 58

Y

Yara de Lima Zottele Salgado, 58
Yasmim Caroline Assunção Reis, 28
Yasmim Gimenes Quiereguini, 40
Yasmine de Almeida Taveira, 45
Yasmine Taveira, 23



unifacef.com.br

Av. Dr. Ismael Alonso y Alonso, 2400

0800 940 4688 / (16) 3713-4688



APOIO

ROSÉ & CO.

REALIZAÇÃO

CASA DO ENCONTRO
ESPAÇO TERAPÊUTICO E DE FORMAÇÃO
Filiada à FEBRAP



Psicologia
Uni-FACEF

Uni-FACEF